



FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LINGUÍSTICA APLICADA

**LEGENDANDO A DISSIDÊNCIA:  
NÃO-BINARIEDADE, TRADUÇÃO E RECEPÇÃO**

**JORGE MATHEUS SANTOS DA SILVA**

Rio de Janeiro  
Setembro de 2025



**LEGENDANDO A DISSIDÊNCIA:  
NÃO-BINARIEDADE, TRADUÇÃO E RECEPÇÃO**

JORGE MATHEUS SANTOS DA SILVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quesito para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Doutor Rodrigo Borba.

Rio de Janeiro  
Setembro de 2025

LEGENDANDO A DISSIDÊNCIA:  
NÃO-BINARIEDADE, TRADUÇÃO E RECEPÇÃO

Jorge Matheus Santos da Silva

Orientador: Professor Doutor Rodrigo Borba

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Examinada por:

---

Presidente: Professor Doutor Rodrigo Borba - PIPGLA/UFRJ

---

Professora Doutora Janine Maria Mendonça Pimentel - PIPGLA/UFRJ

---

Professor Doutor Dennys Silva-Reis - PPGAC/UFAC

---

Professora Doutora Branca Falabella Fabrício - PIPGLA/UFRJ, Suplente

---

Pós-Doutoranda Adriana Pinto Fernandes de Azevedo - PPGCL/UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Setembro de 2025

### CIP - Catalogação na Publicação

5861 Silva, Jorge Matheus Santos da  
Legendando a dissidência: não-binariedade,  
tradução e recepção / Jorge Matheus Santos da Silva.  
-- Rio de Janeiro, 2025.  
120 f.

Orientador: Rodrigo Borba.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa  
Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística  
Aplicada, 2025.

1. Legendagem. 2. Não-binariedade. 3. Tradução  
queer. 4. Linguagem não binária. 5. Recepção. I.  
Borba, Rodrigo , orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Epà Bábá! Agradeço, primeiramente, ao meu pai Oxalá e à minha mãe Iemanjá por esta conquista. Agradeço também às minhas entidades. Sem eles e elas, nada seria possível.

À CAPES, pela bolsa de estudos que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa em condições materiais adequadas.

Ao meu orientador, Rodrigo Borba, por ser tão presente, atencioso, paciente e incentivador. Que sorte a minha pela potência desse encontro.

À Janine Pimentel, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação, pelas trocas e pela leitura atenta e carinhosa.

Ao corpo docente e técnico do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ) por proporcionarem um ambiente de aprendizado, pesquisa e reflexão crítica.

À minha mãe, Maria Cristina da Silva, obrigado por tanto amor, por acreditar em mim, por ser meu alicerce, meu porto seguro.

À minha avó, Maria Aparecida da Silva (*in memoriam*). Essa vitória é nossa, vó! Obrigado por tudo! Amo-te.

Às minhas irmãs, Andréa Cristina Santos da Silva e Viviane Cristiane Santos da Silva Rodrigues (*in memoriam*), obrigado por me abraçarem e segurarem a minha mão em todos os momentos.

Ao meu pai, José Jorge da Silva (*in memoriam*), por todo suporte financeiro nos anos de escola e de curso de inglês.

Ao meu namorado, Andrew Moura de Aguiar, por ser um grande incentivador e meu abrigo nos dias mais difíceis.

Aos minhes amigos, todes, mas especialmente, Marcos, José, Dandara, Barbara, Vitor, Carlos e Humberto. Vocês são luz e cor na minha vida.

Ao corpo técnico da biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro, por proporcionarem um ambiente adequado para o desenvolvimento desta e de tantas outras pesquisas.

Aos movimentos sociais e a todes es pesquisadores e professoras comprometidos com as demandas da comunidade LGBTQIAPN+ e com discussões sobre linguagem neutra, tradução e visibilidade de corpos dissidentes. Objetivemos sempre uma vida melhor para nós e para todes.

## RESUMO

SILVA, Jorge Matheus Santos da. **Legendando a dissidência: não-binariedade, tradução e recepção**. Rio de Janeiro, 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

Esta dissertação investiga o uso da linguagem não binária na tradução audiovisual, com foco nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education* e na recepção dessas legendas por pessoas não binárias. Com abordagem indisciplinar, a pesquisa articula linguística aplicada, estudos da tradução *queer*, legendagem e análise do discurso, ancorando-se em ferramentas analíticas da antropologia linguística e da linguística *queer*: ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) e indexicalidade performativa (Borba, 2020). O objetivo geral é identificar o uso de linguagem não-binária nas escolhas tradutórias que compõem nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education* e analisar como se deu sua recepção por pessoas não binárias. Para isso, seus objetivos específicos são (1) investigar o papel da legendagem na visibilidade e legitimação da não-binariedade, (2) analisar as ideologias linguísticas que circulam no processo tradutório desta legendagem e (3) analisar a recepção desta tradução audiovisual e *queer* por pessoas não binárias. As perguntas que orientam a pesquisa são: De que maneira a linguagem não binária está presente nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education*? Existe relevância em se ter legendagem com linguagem não binária em produtos audiovisuais, como *Sex Education*? A tradução *queer* em produções audiovisuais pode contribuir para a visibilidade de personagens e pessoas não binárias? A metodologia incluiu a análise de trechos de quatro entrevistas: uma com uma tradutora/legendadora da série e três com pessoas não binárias que assistiram à temporada legendada. A dissertação propõe que a legendagem (Díaz-Cintas; Remael, 2014), enquanto prática social, pode ser um espaço de disputa e afirmação política, e que a tradução *queer*, ao incorporar a linguagem não binária, atua como forma de resistência e visibilização dissidente.

**Palavras-chave:** legendagem; não-binariedade; tradução *queer*; linguagem não binária; recepção.

## ABSTRACT

SILVA, Jorge Matheus Santos da. **Subtitling dissidence: non-binary genders, translation, and reception.** Rio de Janeiro, 2025. Dissertation (Master's in Applied Linguistics) – Faculty of Letters, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

This dissertation investigates the use of gender-neutral language in audiovisual translation, focusing on the subtitles of the third season of the series *Sex Education* and the reception of these subtitles by non-binary individuals. Adopting an interdisciplinary approach, the research brings together applied linguistics, queer translation studies, subtitling, and discourse analysis, drawing on analytical tools from linguistic anthropology and queer linguistics: linguistic ideologies (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira & Fabrício, 2022) and performative indexicality (Borba, 2020). The main objective is to identify the use of gender-neutral language in the translational choices found in the subtitles of the third season of *Sex Education* and to analyze the reception of these subtitles by non-binary viewers. Specifically, the study seeks to: (1) examine the role of subtitling in making non-binary people visible; (2) analyze the linguistic ideologies that circulate in the subtitling process; and (3) understand how this queer audiovisual translation is received by non-binary viewers. The guiding research questions are: How does non-binary language appear in the subtitles of the series? What is the relevance of non-binary subtitling in audiovisual media? Can queer translation contribute to the visibility of non-binary characters and people? The methodology involved analyzing excerpts from four interviews: one with a translator/subtitler of the series and three with non-binary individuals who watched the subtitled third season. The dissertation argues that subtitling (Díaz-Cintas & Remael, 2014), as a social practice, can be a site of political struggle and affirmation, and that queer translation, by incorporating gender-neutral language, functions as a form of resistance and dissident visibility.

**Keywords:** subtitling; non-binary genders; queer translation; gender-neutral language; reception.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                           |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Imagem 1: Cal Bowman, personagem de <i>Sex Education</i> .....                            | 15 |
| Imagem 2: Bandeira do orgulho não binário.....                                            | 25 |
| Quadro 1: Legendas selecionadas da terceira temporada da série <i>Sex Education</i> ..... | 68 |



## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                     |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                              | <b>11</b> |
| <b>1. NÃO-BINARIEDADE E LINGUAGEM.....</b>                                                                                                          | <b>20</b> |
| 1.1 O “N” de LGBTQIAPN+.....                                                                                                                        | 20        |
| 1.2 (Re)escrevendo performances em inglês: Da <i>Non-sexist language</i> à <i>Gender-neutral language</i> e à <i>Trans-affirming language</i> ..... | 27        |
| 1.3 (Re)escrevendo performances em português: Linguagem neutra, não binária ou neolinguagem.....                                                    | 34        |
| <b>2. SUBVERSÃO À MARGEM DA TELA.....</b>                                                                                                           | <b>39</b> |
| 2.1 Tradução audiovisual e legendagem.....                                                                                                          | 40        |
| 2.2 Tradução feminista.....                                                                                                                         | 44        |
| 2.3 Tradução <i>queer</i> .....                                                                                                                     | 48        |
| <b>3. “NÃO REPAREI NA LEGENDA”: investigando legendagem e não-binariedade.....</b>                                                                  | <b>55</b> |
| 3.1 Da seleção da série e da temporada.....                                                                                                         | 56        |
| 3.2 Da seleção das legendas.....                                                                                                                    | 56        |
| 3.3 Da seleção das pessoas entrevistadas.....                                                                                                       | 57        |
| 3.4 Das entrevistas.....                                                                                                                            | 58        |
| <b>4. “É OS PRONOMES QUE A PESSOA USA, ENTÃO TEM QUE RESPEITAR”:<br/>ideologias linguísticas, indexicalidade performativa e<br/>legendagem.....</b> | <b>61</b> |
| 4.1 Ideologias linguísticas.....                                                                                                                    | 61        |
| 4.2 Indexicalidade performativa.....                                                                                                                | 64        |
| <b>5. “CADA MILÉSIMO DE SEGUNDO É PRECIOSO”: produção e recepção de<br/>legendagem.....</b>                                                         | <b>68</b> |
| 5.1 A prática de legendagem e as ideologias linguísticas que a (in)formam.....                                                                      | 70        |
| 5.2 A recepção das legendas por pessoas não binárias.....                                                                                           | 89        |
| 5.2.1 Linguagem neutra na legendagem da terceira temporada da série <i>Sex Education</i> .....                                                      | 89        |

|                                                                                        |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.2.2 O papel da legendagem na visibilidade de performances de gênero dissidentes..... | 98         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                       | <b>107</b> |
| <b>DECLARAÇÃO DE USO RESPONSÁVEL DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....</b>                   | <b>110</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                | <b>111</b> |
| <b>ANEXOS (A-C).....</b>                                                               | <b>120</b> |

## INTRODUÇÃO

A Revolta de Stonewall, ocorrida no bar Stonewall Inn, em Nova York, nos Estados Unidos, em 28 de junho de 1969, foi um momento marcante na história. Segundo Renan Quinalha, em entrevista à BBC News Brasil<sup>1</sup>, Stonewall funda um novo tipo de movimento LGBTQIAPN+<sup>2</sup>. Cria a ideia do orgulho, de pessoas LGBTQIAPN+ ocupando o espaço público, assumindo e se orgulhando de quem são e de suas práticas de sexualidade e de gênero.

Nesse processo de resignificação política e simbólica das performances dissidentes, torna-se relevante observar como determinados termos, antes associados à estigmatização, passaram por transformações significativas. É o caso da palavra “*queer*”, que por décadas era utilizado apenas de forma pejorativa para atacar verbalmente pessoas nas quais as identidades de gênero e sexualidade fossem em direção contrária à cis-heteronormatividade hegemônica e, até então, encarada como a única desejável. Rodrigo Borba (2020) aponta que o termo expressaria uma ofensa, proferida por pessoas cis-heterossexuais, como “bicha”, “viado” e “sapatão” em português. Na década de 1990, a partir do ativismo de grupos como o *Act* e o *Queer Nation*, é possível observar a inversão performativa da injúria (Butler, 1997). Há o deslocamento de uma conotação negativa para uma outra: de orgulho, pertencimento e luta contra a opressão sofrida. Não obstante, o sentido positivo não substitui o negativo. Borba (2020) adverte que o termo ainda mantém sua força de ofensa, como demonstra uma pesquisa informal online, realizada em 2017 pelo *website The Gay UK*. Nesse cenário, *Queer* é o lugar da reivindicação contra as categorias identitárias. Guacira Lopes Louro (2004, p. 7-8) explica que:

*Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Sobre identidades de gênero e sexualidade que desafiam estruturas binárias e cis-heteronormativas, Quinalha (2023) acrescenta que há um vasto debate sobre qual seria a sigla mais adequada para nomear a comunidade. Explica que, historicamente, numerosas formulações já foram utilizadas, como MHB - movimento homossexual brasileiro; GLS -

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48432563>>. Acesso em 02 de julho de 2024.

<sup>2</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e demais orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo.

gays, lésbicas e simpatizantes; GLT - gays, lésbicas e travestis; GLBT - gays, lésbicas, bissexuais e travestis; LGBT - lésbicas, gays, bissexuais e travestis; LGBTI+ - lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, pessoas intersexo e o sinal de “+” que expressa o caráter aberto e em permanente construção da comunidade - sendo a mais consensual na militância organizada no Brasil e LGBTQIA+, incluindo pessoas *queer* e assexuais. Para o presente trabalho utilizamos LGBTQIAPN+ a fim de reconhecer os usos e alcances de tal sigla e, principalmente, incluir pessoas pansexuais e não binárias nos regimes de visibilidade. É válido destacar, no entanto, que nos afastamos de uma noção de comunidade que seja produzida, discursivamente, como coesa, homogênea, estereotipada e totalizante. A comunidade LGBTQIAPN+ é “fruto de um processo longo e complexo de construção de uma identidade subjetiva e coletivamente compartilhada em diversos níveis. É uma força potente de dotação de sentido, autoestima e resiliência diante de adversidades que certamente virão.” (Quinalha, 2023, p. 22).

Com a necessidade de fortalecer laços, identificações e lutar contra toda discriminação e injúria, surgem os movimentos organizados no Brasil na década de 1970, sendo o movimento homossexual brasileiro (MHB) o primeiro. A ditadura militar instaurada em 1964 tornava inviável que a militância se impusesse com mais veemência no início, porém múltiplas reivindicações alicerçadas por marcadores sociais como gênero, classe, raça, idade, território, assim como questões de saúde pública, fracionaram o MHB e propiciaram, com o passar dos anos, a criação de numerosos outros grupos, como o Grupo de Afirmação da Identidade Homossexual (Somos), o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF), o Grupo Gay da Bahia (GGB), a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Bissexuais (Abglt) e a Articulação Brasileira Não-Binária<sup>3</sup> (ABRANB), cada um com sua agenda política específica.

A comunidade LGBTQIAPN+ atinge nos anos 2000 um estágio inédito de institucionalização, visibilidade e cidadanização. A articulação dos movimentos exortou, por exemplo, o Supremo Tribunal Federal a criminalizar a LGBTfobia, em 2019, sendo considerada uma espécie do gênero racismo<sup>4</sup> e, neste início de anos 2020, a retificação de gênero e nome em documentos como certidão de nascimento, registro civil (RG) e cadastro de pessoa física (CPF) de pessoas não binárias brasileiras.

---

<sup>3</sup> Enquanto pesquisador-aliado, sinto a necessidade de utilizar a linguagem neutra, não binária ou neolinguagem ao longo da dissertação.

<sup>4</sup> A partir da decisão, quem ofender ou discriminar gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros está sujeito a punição de um a três anos de prisão, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Tal qual o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível.

Sobre a não-binariedade, Jos Twist, Ben Vincent, Meg-John Barker e Kat Gupta (2020) explicam que pessoas não binárias têm variadas formas, tamanhos, origens, idades; vêm de numerosas comunidades, países, histórias e famílias; que não existe uma maneira certa ou errada de ser não binária e que nenhuma pessoa ou maneira de ser é mais legítima do que outra. Es autories empregam a palavra “não binária” como “um termo abrangente para qualquer pessoa que atualmente não se identifique com a noção binária de ser exclusivamente homem ou mulher” (Twist *et. al.*, 2020, p. 18). Nessa empreitada, Brune Camillo Bonassi (2017, p. 16) informa que “[...] algumas pessoas não binárias se dizem trans, outras preferem apenas se dizer não binárias”.

Dessa forma, observa-se, atualmente, uma onda crescente de visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+, à qual produções audiovisuais têm respondido por meio da incorporação de personagens e narrativas que contemplam essa diversidade. Em resposta a esse movimento, também se verifica o recrudescimento de discursos e práticas conservadoras que buscam conter ou neutralizar tais avanços. Séries e filmes, de forma cada vez mais recorrente, vêm incluindo em suas tramas personagens e atores LGBTQIAPN+, contribuindo para uma maior representatividade e problematização das normas de gênero e sexualidade no espaço midiático.

A série britânica *Sex Education*, objeto deste trabalho, é uma das produções originais da Netflix mais elogiadas, principalmente por abordar, com leveza e responsabilidade, temas notoriamente importantes para a comunidade LGBTQIAPN+. Nesse contexto, é possível citar também numerosos exemplos de séries que trazem corpos e sexualidades dissidentes produzidas além da centralidade estadunidense, tais como: *Heartstopper*, também do Reino Unido; *Please Like Me*, da Austrália; *MTV Shuga: Down South* (Temporada 2), da África do Sul; *Everything In Between*, do Quênia; *Veneno*, da Espanha; *Osmosis*, da França e *To My Star*, da Coreia do Sul.

Uma das características mais bem sucedidas de *Sex Education* é o fato de apresentar diversidade sexual e de gênero como parte fundamental da história de maneira fluida no decorrer dos episódios e bem próxima da realidade. Trata-se de uma comédia dramática britânica que narra a história de estudantes, mães, pais, professoras e professores da fictícia *Moordale Secondary School*, enquanto as personagens lidam com dilemas que, na maioria das vezes, envolvem a vida sexual. O protagonista, Otis Milburn, interpretado por Asa Butterfield, é um adolescente que vive com sua mãe, Jean (Gillian Anderson), uma terapeuta sexual. Apesar de ainda não ter perdido a virgindade, ele é uma espécie de especialista em sexo.

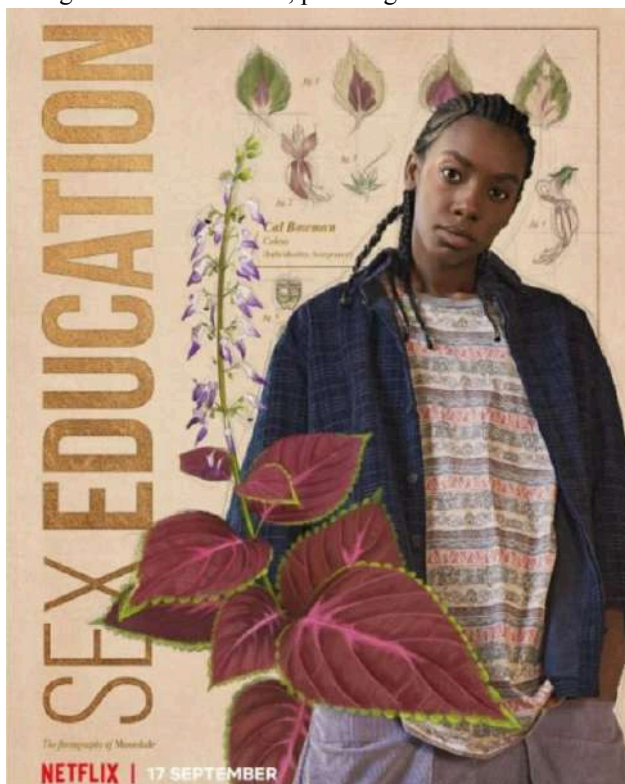
Juntamente com Maeve (Emma Mackey), uma colega de classe com atitudes rebeldes, ele resolve montar sua própria clínica de saúde sexual para ajudar es outros estudantes. A partir disso, todo tipo de situação inesperada acontece. É válido destacar, também, que Otis tem um amigo negro gay. O personagem Eric (Ncuti Gatwa) tem um papel expressivo e muito importante para a quebra de estereótipos sobre como o homem cisgênero negro gay deve agir, se portar, falar, dado que o homem preto é, geralmente, associado a performances de virilidade, de masculidade exacerbada e de posicionamento sexual somente ativo. Dessa forma, é notório que *Sex Education* é subversiva ao representar a diversidade.

A série é composta de quatro temporadas e um total de vinte e quatro episódios, oito em cada temporada. Desde sua estreia na Netflix, em 2019, foi nomeada e venceu diversos prêmios, incluindo o de Melhor Série de Comédia do 50º Emmy Internacional, em 2022, por sua terceira temporada<sup>5</sup>, que obteve 66,6 milhões de visualizações nos primeiros 91 dias, tendo 504.9 milhões de horas assistidas divididas por 7,59 de duração.

São introduzidas, nesse momento da trama, performances de gênero não binário através de Cal Bowman, personagem secundária vivida por Dua Saleh, uma das novidades da temporada. Imagem abaixo:

---

<sup>5</sup> Produzida por Laurie Nunn, Joel Wilson e Jamie Campbell e roteirizada por Sophie Goodhart, Laurie Nunn, Alice Seabright e Mawaan Rizwan.

Imagem 1 - Cal Bowman, personagem de *Sex Education*

Fonte: *South London Gallery*, 2022<sup>6</sup>

Um ponto que merece ser destacado é que Dua Saleh é uma pessoa não binária, tal como Cal, que é uma aluna prete retinte, originalmente dos Estados Unidos, que se mudou com a mãe, Nicky Bowman, para a cidade fictícia *Moordale* dois anos antes do enredo da temporada, e assumiu-se não binária aos 14 anos de idade. Ele é apresentado como uma pessoa direta, porém gentil, que mantém uma postura um tanto misteriosa. Cal sente desconforto em relação às novas regras escolares estabelecidas por Hope, a diretora da *Moordale Secondary School*. Por meio de Cal, a série faz um trabalho primoroso ao ilustrar como pessoas de gênero não binário são atravessadas por uma sociedade marcada pela lógica binária masculino-feminino. A língua é, claramente, um desses atravessamentos e, ao assistir essa narrativa específica, o público observa a utilização de formas linguísticas que visam a reconhecer e visibilizar a não-binariedade de gênero. No áudio original em inglês, por exemplo, aparece o uso do pronome *they* com referente singular. Em sua primeira interação com Jackson e Vivienne, Cal defende sua não-binariedade e pede que utilizem os pronomes “*they/them*”.

Essa escolha, longe de ser apenas linguística ou meramente estilística, está ancorada em debates acadêmicos contemporâneos sobre linguagem neutra e representação de

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.southlondongallery.org/journal/sex-education-cal-bowman/>>. Acesso em 16 de novembro de 2024.

performances de gênero. Sobre o *singular they*, Kirby Conrod (2022, p. 143, grifos de autore) argumenta que<sup>7</sup>

a utilização de pronomes (terceira pessoa do singular em inglês) também já transmite uma quantidade significativa de informação social. [...] o uso de pronomes de gênero em inglês *cria* gênero tanto quanto ‘reflete’ gênero; este é um efeito da flexibilidade sociopragmática geral e da sensibilidade dos pronomes, mesmo como uma categoria gramatical. A mudança gramatical em andamento em direção a novos usos do *singular they* é uma extensão, em vez de invenção, de recursos já existentes na gramática.

Essa extensão de recursos já existentes na gramática, mencionada por Conrod (2022), evidencia que as principais estratégias do *singular they* acontecem no nível lexical, diferentemente das estratégias do português, dado que é uma língua com gênero gramatical.

O nível sintático assume, portanto, o protagonismo nas mudanças relacionadas não somente aos pronomes, mas em toda reflexão sobre linguagem neutra no português. Desde o início dos anos 2010, nota-se uma expansão dessa reflexão não apenas linguística, propiciada pelo crescente movimento pelos direitos LGBTQIAPN+ no Brasil, quando algumas propostas foram ganhando espaço. Sobre essas propostas, Arthur Marques de Oliveira, Iran Ferreira de Melo e Nai Monteiro (2024, p. 5) destacam notações anticonvencionais que só acontecem na escrita:

[...] pessoas não binárias têm mobilizado outros recursos ainda mais disruptivos para registrar suas identidades por meio da palavra. Notações anticonvencionais com a escrita portuguesa têm sido muito mobilizadas, por exemplo “@” (“alun@”), “x” (“alunx”), “\_” (“alun\_”) e elipse de letra para o lugar de uma representação escrita do morfema desinencial (“alun”).

Esses experimentos linguísticos marcaram uma mudança significativa nos esforços de linguagem neutra. No entanto, esses símbolos se limitam a contextos escritos e são questionados quanto à inclusão de pessoas com deficiência, dado que aplicativos de leitura para pessoas cegas ainda não dão conta deles. A visibilidade e a experimentação com linguagem neutra se deu e ainda se dá muito no ambiente digital, onde as redes sociais se tornaram fóruns para inovação e debates. É válido destacar o uso do morfema "-e" (por exemplo, "todes" em vez de "todos"), que começou a ganhar popularidade por se tratar de uma alternativa pronunciável, diferentemente do "@" e do "x".

---

<sup>7</sup> Esta e todas as demais traduções de citações diretas presentes nesta dissertação foram feitas com o auxílio do *Google Translate* e revisadas por mim. Opto por utilizar linguagem neutra nestas traduções.



A linguagem neutra, não binária ou neolinguagem<sup>8</sup> está inserida no processo de recriação das línguas e se posiciona com seu caráter subversivo. É válido destacar que, no presente trabalho, optamos por utilizar os três termos no decorrer do texto, tendo em vista o que Ursula Boreal Lopes Brevilheri, em entrevista, explica:

[...] se trata de um aglomerado de estratégias e propostas para tornar a comunicação mais próxima da realidade e vivência de diferentes grupos, em especial as pessoas que não se enquadram completa e exclusivamente na lógica homem-mulher. É um objeto plural, entrecortado por diferentes perspectivas (muitas vezes até mesmo contraditórias entre si), em um movimento que eu tenho chamado de “polifônico”, isso é atravessado por diferentes vozes. [...] eu percebo que uma das grandes potencialidades dessa pauta é a sua pluralidade, e por isso a ideia de polifonia (Melo; Brevilheri, 2024, p. 11113-11114).

Nesse atravessamento de vozes, é possível lançar luz sobre a criação do pronome *ile*, por Pri Bertucci<sup>9</sup> e pela psicóloga Andrea Zanella, em 2014, que inicia no Brasil uma tentativa de se pensar uma língua portuguesa que abarque as diversas formas de ser e que considere, principalmente, que pessoas (trans) não binárias tendem a não se sentirem representadas pelos pronomes *ele* e *ela*, já presentes na língua. O Manifesto Ile Para Uma Comunicação Radicalmente Inclusiva, postada no *website Diversity BBox*, em 2014, é um convite a questionarmos a norma, acompanharmos o caminhar dos tempos e propõe uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos com vistas a evitar o apagamento de performances e violências de gênero. Todavia, é válido destacar que o Brasil vive uma onda de conservadorismo que atinge diretamente esses esforços e, nesse contexto, Mariana Ferreira Pombo (2024, p. 7) ressalta que:

No Brasil, a não binariedade também tem suscitado reações bastante conservadoras, o que fica evidente na informação de que, nos últimos quatro anos, 58 projetos de leis tentaram proibir no país o uso da linguagem neutra [...] em escolas e documentos oficiais.

Mediante o exposto, a dissertação tem como objetivo geral identificar o uso de linguagem não-binária nas escolhas tradutórias que comparecem nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education* e analisar como se deu sua recepção por pessoas não binárias. Diante disso, seus objetivos específicos são (1) investigar o papel da legendagem na visibilidade e legitimação da não-binariedade, (2) analisar as ideologias linguísticas que

<sup>8</sup> No decorrer do texto, as três formas serão utilizadas intercambiavelmente.

<sup>9</sup> Pri Bertucci é uma pessoa não binária e ativista do movimento LGBTQIAPN+.

circulam no processo tradutório desta legendagem e (3) analisar a recepção desta tradução audiovisual e *queer* por pessoas não binárias. As perguntas de pesquisa são as seguintes:

- De que maneira a linguagem não binária está presente nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education*?
- Existe relevância em se ter legendagem com linguagem não binária em produtos audiovisuais, como *Sex Education*?
- A tradução *queer* em produções audiovisuais pode contribuir para a visibilidade de personagens e pessoas não binárias?

O estudo de recepção de tradução/legendagem é uma lacuna metodológica na Linguística Aplicada Indisciplinar que a presente dissertação pretende preencher. David Orrego-Carmona (2019) argumenta que a recepção de conteúdo audiovisual traduzido tem duas dimensões, sendo elas a individual e a social, e que esse tipo de estudo comumente testa a recepção de mais de um aspecto da tradução e envolve uma combinação de métodos. É dado, portanto, um foco em questões de teorias *queer* e, mais especificamente, de linguagem não binária e performatividade de pessoas não binárias através de produtos audiovisuais.

Nota-se, nas últimas décadas, que pesquisadoras de Linguística Aplicada, acompanhando mudanças significativas dos grupos sociais, dos meios de comunicação e dos sistemas semióticos no processo de construção de sentidos, estão preocupadas em situar sócio-historicamente as práticas discursivas, investigando como a linguagem opera no mundo social. A linguagem, portanto, afeta a sociedade contemporânea e a sociedade contemporânea é afetada pela linguagem, nessa simbiose. De acordo com Luiz Paulo da Moita Lopes (2006), parece essencial que a Linguística Aplicada se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e a história. Essa é uma condição para que a Linguística Aplicada possa falar à vida contemporânea.

Com vistas a propor possíveis encaminhamentos às perguntas de pesquisa, o primeiro capítulo deste trabalho traz uma revisão de literatura sobre não-binariedade e linguagem. Neste capítulo, apresento uma breve historiografia acerca dos estudos sobre não-binariedade e linguagem e proponho diálogos sobre o ativismo não binário, tal qual sobre o caminho percorrido da *non-sexist language* à *gender-neutral language* ou *trans affirming language* no inglês e sobre a linguagem não-binária, linguagem neutra ou neolinguagem no português, citando, principalmente, autoras e organizadoras não binárias.

No segundo capítulo, aponto (in)visibilidades de quem trabalha realizando traduções e dialogo sobre as características e os desafios da tradução na vida social contemporânea. A tradução audiovisual e, mais especificamente, a legendagem, assim como as traduções feminista e *queer* estão em debate, a partir do par inglês-português. Desafios esses que se apresentam também em razão da natureza das línguas em questão, considerando que muito embora o inglês tenha gênero lexical, não possui gênero gramatical, como o português.

As escolhas metodológicas que constituem esta dissertação são amplamente explicadas no terceiro capítulo, onde me proponho a demonstrar minhas motivações de pesquisa enquanto pessoa que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ e me caracterizo como um “pesquisador ‘in-mundo’” (Abrahão *et al.*, 2013). É nesse capítulo também que insiro minha pesquisa na Linguística Aplicada INdisciplinar (Moita Lopes, 2006; Moita Lopes *et al.*, 2022; Fabrício; Borba, 2023) e apresento a metodologia a ser utilizada: uma análise qualitativa-interpretativista propiciada por entrevistas semiestruturadas.

No quarto capítulo, explico as ferramentas conceituais que foram utilizadas para a análise dos dados gerados a partir das entrevistas semiestruturadas, a saber: ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) e o conceito de indexicalidade performativa (Borba, 2020), para analisar quais discursos circulam ao refletirmos sobre as escolhas tradutórias presentes na legendagem da terceira temporada. Dessa forma, esses construtos irão me ajudar a responder às perguntas de pesquisa supracitadas.

Já no quinto capítulo, objetivo apresentar legendas selecionadas da terceira temporada em que a linguagem não-binária está presente e realizar uma análise qualitativa-interpretativista de excertos das entrevistas semiestruturadas. O *corpus* é composto, portanto, das transcrições das entrevistas semiestruturadas com uma tradutora/legendadora da série e com pessoas não binárias. Para entender melhor as ideologias linguísticas que circulam em consequência tanto da produção quanto da recepção da legendagem da temporada utilizarei como ferramenta conceitual a indexicalidade performativa.

No último capítulo, nas Considerações Finais, apresento uma síntese dos resultados, lembrando os objetivos e discutindo como/se as perguntas de pesquisa foram respondidas; indico possíveis contribuições e limites e sugiro pesquisas futuras. Os dados gerados e as análises discutidas no capítulo anterior não encerram o debate promovido por esta dissertação. É uma perspectiva, entre tantas outras, de observar cuidadosamente o objeto de pesquisa proposto.

## 1. NÃO-BINARIEDADE E LINGUAGEM

A relação entre linguagem e gênero não é neutra: é um campo de disputa. O português, assim como o espanhol ou o francês, é organizado a partir da marcação binária entre masculino e feminino, que atravessa artigos, pronomes, adjetivos e substantivos. Pessoas não binárias, ao recusarem o enquadre homem/mulher, expõem a rigidez dessa gramática e revelam que a língua é também um regime de poder que distribui reconhecimento. A inovação linguística, nesse contexto, é sobrevivência. Trata-se de inscrever existências até então apagadas, de produzir pertencimento em estruturas que historicamente operaram pela exclusão.

A resistência a essas práticas linguísticas não se esgota em uma discussão gramatical. Ela aponta para um incômodo político diante do desmonte de normas de gênero que sustentaram e ainda sustentam, por séculos, hierarquias sociais e sexuais. Ao classificar a linguagem neutra como “desnecessária” ou “excessivamente politizada”, opositores/as reafirmam, na verdade, a defesa de um mundo onde apenas dois lugares são possíveis: homem ou mulher, cis ou cis. De outro lado, a defesa de novas formas linguísticas afirma o direito básico de existir sem ser permanentemente enquadrado no erro.

Essas disputas tornam evidente que a língua não é estática nem transparente. É um organismo vivo, atravessado por ideologias e por lutas de poder, e cada escolha gramatical carrega efeitos de exclusão ou de inclusão. O futuro do português, como de tantas outras línguas, dependerá da capacidade de romper com a normatividade binária que ainda regula seus usos.

### 1.1 O “N” DE LGBTQIAPN+

Performances de gênero não binárias existem há séculos. No entanto, sua história não foi registrada ou foi apagada devido à predominância e hegemonia da cis-heteronormatividade. Sandy Stone publicou um texto intitulado *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto* (Stone, 1991), como resposta a *The Transsexual Empire: The Making of the She-Male* (Raymond, 1979), de Janice Raymond. O livro de Raymond posicionou as mulheres transexuais como reforçadoras dos papéis tradicionais de gênero e como prejudiciais às causas políticas das mulheres cis. Por exemplo, os espaços exclusivos para mulheres e o combate à violência contra as mulheres cis. A partir de um olhar pós-estruturalista, Stone (1991) argumentou que as afirmações de Raymond (1979) eram simplistas e enganosas e que a transexualidade foi socialmente co-construída por instituições

médicas e pacientes trans e que, por essa razão, as mulheres trans eram obrigadas a desempenhar excessivamente o seu gênero desejado para satisfazer as expectativas dos/as médicos/as. Stone teorizou o “território entre”<sup>10</sup> (p. 225), que metaforicamente significava quaisquer potenciais espaços de gênero nos quais as pessoas transexuais poderiam habitar e que existiam fora dos limites do binário. Stone (1991), portanto, encorajou as pessoas trans a nomearem o seu próprio “território entre”, apontando que viver fora do binarismo de gênero era uma possibilidade. Este pensamento não-binário permitiu que as pessoas “falassem fora das fronteiras do gênero, para além dos nós de oposição construídos que foram pré-definidos como as únicas posições a partir das quais o discurso é possível” (Stone, 1991, p. 351).

*Gender Outlaw: On men, women and the rest of us* (Bornstein, 1994), de Kate Bornstein, considerado um dos livros mais influentes em teorias *queer*, detalhou a existência e as experiências além do binarismo de gênero. Ele desafiou a binariedade ao fornecer uma narrativa de sua vida. Bornstein (1994) também se concentrou na linguagem e na categorização de identidades, argumentando que rótulos rígidos, particularmente os binários, são inúteis e que as identidades dos indivíduos são fluidas. Por essa perspectiva, as pessoas não binárias subvertem as expectativas da sociedade em relação ao seu gênero, pois “não reconhecem fronteiras ou regras de gênero”. (Bornstein, 1994, p. 52). As pessoas trans que “se passam” como o gênero “oposto” não apoiam a revolução pelo ruir do gênero e são submissas às normas binárias e opressivas impostas pela sociedade (Finn; Dell, 1999).

Nessa empreitada, pensadores não binários, como Kate Bornstein, influenciaram o ressurgimento e o avanço do questionamento acerca do gênero mundialmente:

Minha voz sobre este assunto não é representativa de todas as pessoas trans. Mas quando um grupo minoritário permanece em silêncio durante tanto tempo como nós, por mais desarticulados que tenhamos estado, a tendência é que os que estão na maioria ouçam [e]s que falam alto quando [i]les falam pela primeira vez; e acreditar que falamos por todo o grupo. Mais importante do que o meu ponto de vista, do que qualquer ponto de vista isolado, é que as pessoas comecem a questionar o gênero (Bornstein, 1994, p. 14).

Assim, começou a suscitar na academia e no ativismo, na década de 1990, o termo *genderqueer*, contribuindo para a territorialização de identidades tais como *genderfluid*, *genderbender* etc., em resposta a uma noção de gênero que, até então, persistia sobre uma forte base binária. Rocko Bulldaguer (2006, p. 139) define gênero *queer* da seguinte forma:

---

<sup>10</sup> *territory between*, originalmente. (Stone, 1991, p. 225)

(1) uma pessoa que é dolorosamente deliberada e conscientemente política em sua expressão de gênero. (2) alguém que se identifica com os esforços para subverter dinâmicas de poder opressivas minando as expectativas tradicionais de gênero. (3) Uma pessoa cuja apresentação de gênero é determinada por sinais de gênero tradicionais - alguém que exibe feminilidade ou masculinidade excessiva.

O termo *não binária*, por sua vez, é vislumbrado por Meg-John Barker e Christina Richards (2015, p. 166) como um termo guarda-chuva para pessoas que:

não têm gênero (e. g., gênero neutro, sem gênero, [...], agênero, neutro [...]); incorporam aspectos tanto do homem como da mulher (e. g., gênero misto, por vezes pangênero, andrógino); são até certo ponto, mas não completamente, do mesmo gênero (e. g., semi-homem/menino, semi-mulher/menina); são de um gênero adicional específico (seja entre homem e mulher ou de outra forma adicional a esses gêneros, e. g., terceiro gênero, outro gênero, por vezes pangênero); movem-se entre gêneros (e. g., bigênero, gênero fluido, por vezes pangênero); movem-se entre vários gêneros (e. g., trigênero, por vezes pangênero); perturbam o binarismo de gênero entre mulheres e homens (e. g., *genderqueer*, *genderfuck*).

Judith Butler (2019), ao utilizar o exemplo de crianças intersexo, argumenta que sexo é uma categoria normativa, produzida discursivamente, que diferencia e hierarquiza os corpos que governa, e alerta que somente os corpos que materilizam a norma são os que, de fato, importam, enquanto os que não o fazem são lidos como abjetos. Nesse contexto de inconformidade discursiva e performativa, uma reportagem produzida por Anna Ortega, em 15 de julho de 2021, para o Jornal da Universidade - UFRGS<sup>11</sup>, explica que a não-binariedade é “uma forma de identificar pessoas que não se sentem contempladas por essa estrutura que fixa os limites de pertencimento a um (e apenas um) gênero” e o termo *não binário* é um termo guarda-chuva que pode compreender pessoas trans, pessoas de gênero fluido, pessoas intersexo, pessoas agênero ou simplesmente qualquer pessoa que não se sinta contemplada pelo binarismo.

Dri Azevedo (2024, p. 3-4) explica que “não binariedade não é um termo correlato a *genderqueer*”, dado que *genderqueer* “é um termo político, mais até do que identitário” utilizado como “uma localização de gênero não-normativa, não hegemônica” e destaca a melhor adequação do termo *não binária* ao contexto de línguas não-anglófonas, dentro e fora dos espaços de políticas trans e dos estudos de gênero, indo de encontro às limitações dicotômicas da subjetividade alicerçada no sistema sexo-gênero hegemônico.

<sup>11</sup>

Disponível

em:

<<https://www.ufrgs.br/jornal/linguagem-nao-binaria-desestabiliza-as-normas-e-propoe-uma-maneira-mais-inclusiva-de-comunicacao/>> . Acesso em 02 de julho de 2024.

Os efeitos performativos dessa não adequação vivida por subjetividades dissidentes são explicados por Mariana Ferreira Pombo (2024, p. 9) da seguinte maneira

[...] as configurações e as permutações de gênero que não se ajustam ao binário sofrem as consequências, sobretudo os custos, físicos e psíquicos, desse não enquadre, que envolvem desde a patologização pela medicina até a discriminação e a violência, na família, no trabalho, na rua e em outros ambientes públicos.

É necessário destacar a violência física sofrida porque, segundo relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, lidera esse *ranking* por mais de 13 anos e só em 2023 foram 145 assassinatos. A LGBTfobia, portanto, atravessa firmemente corpos LGBTQIAPN+ e, direta ou indiretamente, pessoas aliadas à comunidade, como é possível observar em uma notícia publicada no dia 19 de junho de 2024, no site G1<sup>12</sup>, que informa a morte de Oziel Branques dos Santos a facadas num ônibus de Curitiba, capital do estado do Paraná, por defender um casal de ataques LGBTfóbicos.

Já a patologização pela medicina representa uma tentativa de reenquadre de corpos trans, no qual o diagnóstico externo pode denotar um instrumento transfóbico em determinadas situações. Mulheres e homens trans ou pessoas intersexo sofrem uma pressão estética da sociedade para parecerem pessoas cis e recorrem a cirurgias invasivas. Por um lado, pode haver uma realização pessoal e um alinhamento da psiquê com a expressão de gênero (Oliveira, 2017), por outro, esse entendimento e vontade não são unânimes entre essas pessoas. Conforme o filósofo Paul B. Preciado (2020), que se apresenta como um homem trans de corpo não binário, a pessoa trans pode recusar um diagnóstico, o discurso médico, o regime de diferença sexual e viver sua experiência de transição por conta própria à maneira que desejar.

Torna-se evidente, portanto, que para algumas teóricas de gênero não binário/*queer*, a recusa em “encaixar-se” em categorias binárias de gênero, bem como a recusa em “passar” por homem ou mulher foram considerados cruciais para desestabilizar a categoria gênero e centrais para sua performatividade de gênero. Sebastian Cordoba (2023) explica que tal linha de pensamento foi, consequentemente, problematizada e considerada inútil por outros/as teóricos/as trans dentro da academia. Katrina Roen (2002), por exemplo, argumenta que tais subdivisões criam hierarquias desnecessárias dentro das comunidades trans, que são

<sup>12</sup>

Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2024/06/19/e-um-pesadello-diz-pai-de-homem-assassinado-em-onibus-d-e-curitiba-por-defender-casal-de-ataque-homofobico.ghtml> Acesso em 19 de jun. 2024.

politicamente polarizadoras: aquelas/es que desejam “passar” por homem ou mulher e es que não o fazem. Zowie Davy (2019) defende que tal polarização é inútil, uma vez que as identidades de gênero não se limitam aos conceitos de passabilidade, mas a diversas intensidades e desejos corporificados entre pessoas trans. No entanto, embora algumas pessoas trans não vejam a passabilidade como um objetivo final, outras o fazem. Para elas, esforçar-se para “passar” é de extrema importância por múltiplas razões, incluindo segurança e conforto (Roen, 2002). Christina Richards e Meg-John Barker (2013) discutem que teóricas não binárias ou de gênero *queer* correm o risco de cair em outro conjunto de binarismos ao retratar pessoas trans não binárias como subversivas e mulheres/homens trans como conformadas/os. Posicionamento relacionado com o que Brune Camillo Bonassi (2017, p. 17) explica sobre o “binarismo compulsório”, seja ele trans ou cis:

Acrescento aqui a compulsoriedade do binarismo também em pessoas trans porque conheci pessoas trans que comentavam da violência entre pessoas trans no sentido de exigir uma performatividade no binário, sendo que pessoas que destransicionaram ou que se declaram hoje não binárias chegam a sofrer ameaças de violência e morte por outras pessoas trans. Porém, é importante ressaltar que o binarismo é por muitas pessoas trans exaltado e buscado, sendo por vezes tão desejado que a própria vida é colocada em risco (como no caso do uso indevido de hormônios ou pela expressão binária não cisgênera - mecanismo básico da transfobia).

Percebe-se que a cis-heteronormatividade pode suscitar violências não somente de pessoas cis contra pessoas trans, mas também entre pessoas trans, que alicerçadas pelo binarismo compulsório rotulam, fiscalizam e avaliam performances de gênero. Esse contexto indica que a não-binariedade gera e precisa continuar gerando muitas reflexões e ações dentro e fora da universidade.

Expandindo o contexto da academia, vale evidenciar o Movimento de Pessoas Não Binárias e sua articulação no campo empírico. Uma reportagem do *website* OPovo+<sup>13</sup> explica que a bandeira do orgulho não binário foi criada em 2014 por Kye Rowan, ativista da causa não binária, e é composta por quatro faixas horizontais, de cima para baixo: amarelo, branco, roxo e preto. O amarelo representa as pessoas cujo gênero não se enquadra de forma alguma no binarismo, em oposição às expectativas de “azul para meninos e rosa para meninas”. O branco, por ser a junção de luzes de todas as cores, é relacionado às pessoas que se identificam com vários ou todos os gêneros. O roxo, por ser a mistura das cores habitualmente

<sup>13</sup> Disponível em:

<<https://mais.opovo.com.br/reportagens/exclusivas/2020/01/28/uma-breve-historia-das-bandeiras-de-orgulho-trans-e-nao-binario.html#:~:text=A%20bandeira%20do%20orgulho%20n%C3%A3o,%2C%20branco%2C%20roxo%20e%20preto.>>. Acesso em 02 de julho de 2024.



relacionadas ao masculino e ao feminino, remete a quem possui um gênero entre esses dois, ou uma mistura deles. Já o preto, por ser a ausência total de cores, representa as pessoas que não têm gênero algum, conforme a imagem abaixo:

Imagem 2 - Bandeira do orgulho não binário



Fonte: OPOVO+, 2020

No Brasil, HBlynda Morais (2024) sublinha a dificuldade de cruzar a História com a não-binariedade e aponta lacunas e silêncios que habitam esse local de disputas. Fatos que justificam a importância dos perfis de pessoas e grupos de ativistas não binários em redes sociais, principalmente no Instagram:

[...] o Movimento Não Binário tem se articulado para fortalecimento de suas pautas, as reivindicações que vêm sendo feitas em prol da Linguagem Não binária, a mudança no registro civil, e principalmente, o reconhecimento da nossa existência. O engajamento que essas publicações vêm desenvolvendo com a criação de conteúdos, dará a oportunidade para as pessoas terem acesso, ampliar sua visão de mundo e poder enxergar, falamos sobre suas/nossas vidas, sujeitos que não se reconhecem no binarismo e querem poder existir livremente, não entrando para as estatísticas de assassinato e silenciamento de suas vozes (Morais, 2024, p. 50-51).

A primeira reivindicação que ela traz é acerca da linguagem não binária, neutra ou neolinguagem. O ativismo de pessoas não binárias pretende desafiar a ideia de que seja possível contabilizar e identificar gênero, pois o entendem como uma identificação pessoal e, assim, cada pessoa teria um gênero particular que pode ou não compartilhar coisas com outros gêneros. Nesse esforço, a linguagem tem papel central e o conteúdo de perfis como @abranb.articulacao, @transnaobinarie, @dri\_\_azevedo, @nicknagari<sup>14</sup> intentam evitar a ininteligibilidade social que acarreta inúmeras consequências para as pessoas não binárias,

<sup>14</sup> Perfis do Instagram acessados em 24 de junho de 2024.

sob a forma de maus resultados de saúde mental atrelados a discriminação, estigma e violência alicerçadas na linguagem.

É possível observar demandas e pautas (trans) não binárias também em países anglófonos. J. E. Sumerau e Lain A. B. Mathers (2019) realizam uma exploração sociológica da sociedade estadunidense pela perspectiva de pessoas trans. Es autories criticam a estrutura binária e cisnormativa prevalente nos Estados Unidos, oferecendo uma visão alternativa sobre como o gênero opera naquela sociedade e suas implicações para todes. Elus abordam aspectos específicos da vida de pessoas trans, incluindo os desafios de se assumir, navegar em espaços dominados por cisgêneros e se envolver com discursos políticos, religiosos e científicos que tradicionalmente excluíram/excluem ou marginalizaram/marginalizam as performances de pessoas trans. Consideram, também, as batalhas culturais e legais em torno da evolução dos direitos.

Sumerau e Mathers (2019, p. 53) explicam que na cultura popular estadunidense há um interesse muito maior no “G” ou talvez no “LG” do acrônimo LGBTQIA do que nas demandas dos outros grupos da comunidade. Citam termos como “*gay rights*” (direitos dos gays) e “*same-sex marriage rights*” (direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo) em campanhas eleitorais, por exemplo, que são bastante excludentes, principalmente em relação às pessoas não binárias.

Já no contexto britânico, *Non-Binary Lives: An Anthology of Intersecting Identities*, editado por Jos Twist, Ben Vincent, Meg-John Barker e Kat Gupta (2020) é uma reunião de histórias pessoais que explora experiências diversas de pessoas não binárias. Por meio das vozes de colaboradores de várias origens culturais, raciais e socioeconômicas, a antologia lança luz sobre as complexas relações entre as performances de gênero e fatores como raça, classe, deficiência e orientação sexual. O livro vai além de entendimentos simplistas de gênero e examina as realidades vividas por pessoas que existem fora da estrutura binária, destacando, também, os desafios enfrentados por pessoas não binárias, incluindo discriminação, barreiras de assistência médica e invisibilidade social. Ao mesmo tempo, ele celebra a resiliência, a criatividade e a alegria encontradas em comunidades não binárias. Es editories explicam que

Não podemos pensar em nossos gêneros isoladamente: eles são impactados por nossas histórias de vida, pelas culturas, países e comunidades em que nascemos, pelas pessoas que conhecemos, pelos lugares que frequentamos e pela maneira como [e]s outr[e]s e o mundo nos veem (Twist *et. al.*, 2020, p. 15-16).

Pensar em comunidades, países e culturas passa, inevitavelmente, pelas línguas faladas nesses contextos e pelas maneiras como as pessoas performam gênero através da linguagem. É nesse ponto que este capítulo se apoia: ele traz parte da literatura já existente sobre como pessoas não binárias negociam o uso da língua em inglês e em português — o par linguístico central desta pesquisa, ligada tanto à tradução audiovisual quanto à tradução *queer*, com foco na legendagem de uma série britânica da Netflix. Diante disso, é fundamental preservar, ao longo do texto, as especificidades e aproximações entre as propostas de linguagem neutra em ambos os idiomas, sem assumir uma equivalência direta entre elas. É importante reconhecer que os conceitos de *non-sexist language*, *gender-neutral language* e *trans affirming language*, discutidos em contextos de língua inglesa, não correspondem exatamente ao que se compreende como linguagem neutra, não binária ou neolinguagem no português. Embora todos esses termos estejam relacionados a práticas que desafiam normas de gênero, eles não são sinônimos, nem têm totalmente os mesmos objetivos.

## **1.2 (Re)escrevendo performances em inglês: Da *Non-sexist language* à *Gender-neutral language* e à *Trans-affirming language***

A linguagem desempenha um papel crucial na formação de atitudes sociais e no fomento da inclusão. Em diversos contextos anglófonos, *non-sexist language*, *gender-neutral language* e *trans-affirming language* são três abordagens linguísticas relacionadas, porém distintas, que visam promover igualdade e visibilidade na linguagem. Embora esses conceitos compartilhem o objetivo comum de reduzir danos e exclusão causados por normas tradicionais de linguagem, eles diferem em seu foco, escopo e comunidades específicas que visam lançar luz. Compreender suas diferenças e sobreposições é essencial na promoção de equidade nos diversos contextos sociais.

A *non-sexist language* emergiu, na década de 1970, como um foco central dos movimentos feministas, representando um momento crucial em seus esforços para dismantlar o sexismo sistêmico. As feministas argumentaram que a linguagem não apenas aponta para normas sociais, mas também molda ativamente as percepções de gênero, reforçando as estruturas patriarcais. Elas identificaram práticas linguísticas, como o uso de termos em masculino genérico como “*mankind*” (humanidade, espécie humana) ou “*chairman*” (presidente), que invisibilizavam/invisibilizam mulheres nos domínios público e profissional. Esse reconhecimento estimulou esforços para a criação e promoção de uma

linguagem não-sexista, com vistas a desafiar o machismo e a misoginia e incluir mulheres nos regimes de visibilidade.

Ann Bodine (1975) demonstra que a prescrição do “*he*” genérico no inglês não é uma escolha inocente, mas parte de um projeto androcêntrico que, ao longo dos séculos XVIII e XIX, interditou o uso do *singular they*, apesar de seu amplo registro histórico, em nome de uma suposta “correção” gramatical. O que está em jogo, aponta a autora, não é a precisão linguística, mas a naturalização da centralidade masculina como norma discursiva. A autora explica que

A maioria dos escritores modernos de livros didáticos, como a maioria dos primeiros gramáticos prescritivos, não dão nenhuma justificativa explicitamente androcêntrica para prescrever o ‘*he*’ genérico, mas, em vez disso, argumentam que o ‘*he*’ genérico é ‘correto’, enquanto o *singular they* é ‘impreciso’ e ‘*he or she*’ é ‘estranho’. No entanto, a linha de argumentação desenvolvida em conexão com os gramáticos prescritivos é igualmente aplicável aqui. [...] Assim, esses escritores parecem ser os herdeiros dóceis da tradição androcêntrica dos gramáticos prescritivos, falhando em confrontar, se não subscrever implicitamente, o motivo androcêntrico (Bodine, 1975, grifos nossos, p. 139).

A defesa de Bodine (1975) pelo resgate da utilização do *singular they* é celebrado e muito relevante à esta dissertação, uma vez que ele se faz presente nas legendas que foram analisadas.

O androcentrismo descrito por Bodine (1975) é justamente o que Anne Pauwels (1998) identifica décadas depois ao analisar como mulheres dos anos 1960 e 1970 lutaram contra o sexismo linguístico. Se Bodine (1975) explicita a raiz histórica de uma tradição que mascarou ideologia sob a roupagem da gramática, Pauwels (1998) mostra como o feminismo politizou essa crítica, transformando-a em ação coletiva. Da substituição de termos como *fireman* por *firefighter*, ao uso de *Ms.* como título que não indica o estado civil da mulher, até a reapropriação de insultos como *bitch* ou *slut*. O que se apresenta, nesse arco, é que contestar a linguagem não significa apenas trocar palavras, mas confrontar a estrutura simbólica que sustenta a desigualdade.

Esse fio histórico encontra em Anne Curzan (2014) uma leitura sobre os limites e possibilidades das reformas linguísticas. Ao investigar como regras prescritivas surgem e se consolidam, Curzan (2014) confirma que elas não derivam de exigências intrínsecas da língua, mas da reprodução de valores sociais. Se, para Bodine (1975), o “*he*” genérico escancara o androcentrismo; se, para Pauwels (1998), as feministas abriram caminho para alternativas mais igualitárias; para Curzan (2014), o ponto é que a disputa linguística é sempre

disputa de poder. É por isso que, mesmo reconhecendo que mudanças na gramática não são suficientes para desmontar o sexismo, ela defende seu papel crucial como estratégia cultural. Cada fissura aberta nas normas é também um convite a repensar o lugar do gênero no discurso.

Deborah Cameron (2024) radicaliza essa reflexão ao argumentar que a linguagem não apenas escancara, mas participa ativamente da produção da misoginia. Sua análise recupera as continuidades entre os mecanismos históricos que Bodine (1975) identificou, as ações feministas descritas por Pauwels (1998) e a tensão entre prescrição e mudança destacada por Curzan (2014). Cameron (2024) evidencia como propostas de reforma provocam, e sempre provocaram, reações intensas de setores conservadores, que as classificam como artificiais ou desnecessárias. Mas, ao fazê-lo, esses grupos evidenciam que não resistem à linguagem em si, mas ao que ela simboliza: o abalo de uma ordem social que os privilegia. A autora informa que

propostas para mudar a maneira como termos com gênero são usados sempre provocaram conflitos entre conservadores e progressistas, precisamente porque são entendidas, de ambos os lados, como expressões simbólicas de compromissos políticos mais amplos. [...] Nos séculos XVIII e XIX, foi a visão conservadora que prevaleceu amplamente; mas no século XX ela encontrou um sério desafio, refletindo tanto as mudanças nos papéis sociais das mulheres quanto - especialmente nas últimas décadas do século - a influência do feminismo como um movimento político organizado (Cameron, 2024, p. 86).

É nesse cruzamento que se torna possível compreender a diferença e a convergência entre *non-sexist language* e *gender-neutral language*. A primeira emerge do feminismo como estratégia de descentralizar o masculino, eliminando formas que invisibilizam ou subordinam mulheres, como *mankind* ou o *he* genérico. Já a segunda expande esse horizonte, desafiando não apenas o androcentrismo, mas também o binarismo, ao propor pronomes como *they/them* ou neopronomes (*ze/zir*) e termos neutros para cargos e funções. Enquanto a *non-sexist language* atua na denúncia do sexismo e na busca por paridade entre homens e mulheres, a *gender-neutral language* amplia o alcance da disputa ao reconhecer performances de gênero que escapam à lógica binária.

Nesse cenário, é possível observar que os pronomes se tornaram uma questão após o foco no léxico. Factualmente, os pronomes em inglês diferenciam o gênero apenas na terceira pessoa do singular, *he/him/his* (ele/dele) e *she/her/hers* (ela/dela). No entanto, esta distinção não é transportada para a terceira pessoa do plural, sendo *they/them/their* pronomes neutros e os únicos possíveis para eles/elas/deles/delas. Nessa perspectiva, o *singular they*, o pronome

*they* com referente no singular, é um dos recursos que mais vem sendo utilizado por pessoas de gênero não binário (Bjorkman, 2017; Conrod, 2019; Konnelly; Cowper, 2020), justamente por sua neutralidade de gênero. De acordo com Barker (2013), algumas pessoas não binárias de países anglófonos gostam de *they* por vários motivos, inclusive porque desafia a noção de que as pessoas são *single selves*, promovendo o afastamento de uma noção individualizada ou individualista de ser humano. Contudo, outras não se alinham a esta associação com a pluralidade.

Cordoba (2023) elucida que o uso neutro de gênero de *they* tem uma longa história na língua inglesa. Nos anos 1300, *they* era empregado como um pronome sem gênero, sendo, ao mesmo tempo, um pronome da terceira pessoa do singular e do plural, da mesma forma que o pronome *you* (pronome da segunda pessoa do singular e do plural) é utilizado. Patricia T. O’Conner e Stewart Kellerman (2010) apontam que vários escritores tais quais Shakespeare, Chaucer e Fielding utilizaram *they/them* como sem gênero e sem número. No entanto, no final do século XVIII, gramáticos/as influentes, como Anne Fisher (1750) e Lindley Murray (1795), sugeriram que usar *they* enquanto singular e plural era ilógico, com isso este uso foi deslegitimado e *they* foi prescrito como estritamente plural.

A Sociedade do Dialeto Americano (*American Dialect Society*) nomeou, em janeiro de 2016, o *singular they* como a Palavra do Ano de 2015, pelo seu uso emergente como pronome para se referir à uma pessoa conhecida, muitas vezes como uma escolha consciente de uma pessoa que rejeita o binarismo de gênero tradicional de “*he*” e “*she*”<sup>15</sup>. Já em janeiro de 2020, nomeou o *singular they* como a Palavra da Década, por seu uso crescente para se referir a uma pessoa conhecida cuja performance de gênero é não binária e (*my*) *pronouns* como a Palavra do Ano de 2019, reconhecida por seu uso como uma introdução para compartilhar um conjunto de pronomes pessoais<sup>16</sup>. Nesse contexto, o trabalho de Conrod (2022) sugere que: (1) a porcentagem de utilização do *singular they* não é proporcional ao número de pessoas não binárias, sendo muito mais comumente usado e indo de encontro a uma literatura prévia que indicava um uso marginal; (2) que há diversos motivos para a sua utilização, como modulação de quantidade, polidez, postura e identidade e; (3) que os pronomes de terceira pessoa em inglês não apenas refletem o gênero de uma referente, existindo, no entanto, uma relação complexa e multifacetada com o gênero social, i.e. “o gênero de uma referente é um dentre

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://americandialect.org/2015-word-of-the-year-is-singular-they/>> Acesso em 26 de junho de 2024.

<sup>16</sup> Disponível em:

<<https://americandialect.org/2019-word-of-the-year-is-my-pronouns-word-of-the-decade-is-singular-they/>> Acesso em 26 de junho de 2024.

diversos fatores que determinam a escolha do pronome em vários contextos discursivos” (Conrod, 2022, p. 153-154).

Além do *singular they*, pronomes neológicos, conhecidos como *neopronouns* (neopronomes), foram propostos ao longo dos anos, Ell Rose *et al.* (2023) explicam que eles são menos usados do que os pronomes canônicos (*she*, *he* e *they*) e foram propostos sem a intenção de fazerem parte da gramática do inglês. Es autories apontam o Censo de Gênero de 2022 (*The 2022 Gender Census*<sup>17</sup>), uma pesquisa com pessoas não binárias construída de forma ampla, no qual descobriu-se que os principais neopronomes relatados entre es entrevistades para autoidentificação foram *ze/hir/hirs* - pronunciados “*zee/heer/heers*”, *xe/xem/xyr* - pronunciados “*zee/zem/zeer*”, *ey/em/eir* - pronunciados “*ay/em/heir*” e *fae/faer/faers* - pronunciados “*fay/fair/fairs*”. Conrod (2022), argumenta que o uso de pronomes da terceira pessoa do singular em inglês transmite uma quantidade significativa de informação social. Nessa perspectiva, Rose *et al.* (2023) realizaram uma pesquisa quantitativa com 1.000 respostas e concluíram que variáveis sociais como idade, gênero, orientação sexual e raça podem influenciar nos usos e desusos de neopronomes. Essas variáveis são muito importantes para o presente trabalho.

É válido ressaltar que os pronomes são normalmente “selecionados com base no conforto e alinhamento com a identidade de gênero do indivíduo não binário e/ou segurança de seu meio social” (Matsuno; Budge, 2017, p. 2). Cordoba (2023) explica que algumas pessoas sequer podem divulgar seus pronomes abertamente. Em adição aos pronomes, pessoas não binárias de países anglófonos podem preferir um título de gênero neutro, como *Mx*, em vez de *Mr./Sir* ou *Miss/Mrs./Ms./Madam* (Hord, 2016) ou solicitar que outras pessoas se refiram a elas de forma neutra: *person*, *parent*, *child* e *sibling* (em vez de termos generificados, como *boy*, *girl*, *man*, *woman*, *father*, *mother*, *son*, *daughter*, *sister* ou *brother*). Além disso, também podem mudar ou encurtar seu nome de nascimento para indexar sua não-binariedade.

Nessa conjuntura, é possível observar uma materialização mais recente da *gender-neutral language* que tem sido chamada de *trans-affirming language* ou *trans-affirmative language*. Ela abrange o uso de nomes, pronomes e terminologia corretos com vistas a respeitar e garantir visibilidade à performatividade de gênero de uma pessoa.

---

<sup>17</sup> O *The Gender Census* é uma pesquisa global e independente que documenta como pessoas cujas performances de gênero transcendem o binário expressam-se através de palavras, títulos e pronomes. É útil para a compreensão sobre tendências de linguagem. Os dados são abertos e amplamente compartilhados com a comunidade. O censo acontece anualmente desde 2015. Disponível em: <<https://www.gendercensus.com/>> Acesso em 28 de junho de 2025.

Como a linguagem auxilia em como as pessoas percebem a si mesmas e as outras, ela pode validar ou invalidar as experiências vividas. Em um mundo onde pessoas trans frequentemente enfrentam transfobia, adotar uma linguagem de afirmação da transexualidade é essencial para criar ambientes onde todes se sintam vistas, ouvidas e respeitadas. Trata-se de uma reforma linguística proposta pelo que tem sido chamado de *trans language activism*, que Lal Zimman (2024) explica da seguinte forma:

TLA (para abreviar) captura uma série de práticas em constante mudança, que vão desde a defesa formal de mudanças institucionais até conversas nas quais pessoas trans e noss[e]s aliad[e]s e cúmplices buscam uma linguagem mais inclusiva ou afirmativa nas interações cotidianas. TLA inclui defesa em torno de questões como a atribuição e uso de pronomes de gênero e gênero gramatical; terminologia para diferentes facetas de gênero e variedades de identidades de gênero; as maneiras como o sexo corporal é discutido; e várias estratégias discursivas usadas para evitar a confusão de gênero e outras manifestações de transfobia (Zimman, 2024, p. 1).

Central para a *trans-affirming language* é o uso de pronomes corretos e nomes escolhidos. Para uma pessoa transgênero, ser abordada corretamente afirma suas performances de gênero e promove um senso de pertencimento. Zimman (2024, p. 3) sinaliza uma mudança muito interessante, onde percebe-se que não é adequado a utilização da frase “o pronome de preferência” e sim “o pronome correto”:

A ideia de *pronomes corretos* (ou títulos, rótulos de identidade, etc.) move o locus do problema da pessoa trans (que deve tornar sua preferência conhecida) para outr[e]s (que são responsáveis pela “correção” do seu discurso), enquanto simultaneamente valida identidades trans.

O uso de pronomes ou nomes errados pode ter consequências emocionais e psicológicas significativas, enquanto a utilização correta ajuda a combater os efeitos negativos da marginalização e cria espaços mais seguros para as pessoas serem quem são. Zimman (2024) faz um apelo por coligações interseccionais, convida outras autorias para que discorram sobre o *trans language activism* e destaca três desafios enfrentados, sendo eles: (1) onde a *trans-affirming language* circula, (2) as ideologias linguísticas presentes no *trans language activism* e (3) o impacto desigual do uso de *trans-affirming language*. Sobre o local de circulação, Zimman (2024, p. 2) argumenta que “as mudanças promovidas pela TLA podem ser difundidas mais do que nunca, porém sua circulação permanece contextualmente limitada e fortemente vinculada aos espaços online e ao ensino superior”, fato que, conseqüentemente, acaba excluindo pessoas trans que não frequentam ou nunca frequentaram uma universidade. Sobre as ideologias linguísticas explica que



Assumir o poder conferido à linguagem hegemônica padronizada pode ajudar a validar as necessidades de uma comunidade marginalizada, mas também pode inibir alianças com comunidades para as quais a padronização da linguagem é uma fonte de dano (Zimman, 2024, p. 3).

Percebe-se a ocorrência de negociações estratégicas, onde pessoas de grupos marginalizados precisam escolher onde e com quem utilizar a *trans-affirming language* por medo de possíveis consequências negativas, tais como demissão no trabalho, expulsão de casa, etc. No que concerne o terceiro desafio da TLA, Zimman (2024, p. 4) adverte que “quando ativistas insistem que a causa do *misgendering*<sup>18</sup> é sempre a transfobia, é importante lembrar que a transfobia é uma força cultural, não algo que (simplesmente) pertence ou vive dentro dos indivíduos.” Há, de fato, diversos fatores que precisam ser levados em consideração ao observarmos um uso errado de um termo generificado. Na maior parte dos casos é, sim, transfobia, porém pode haver casos de ignorância, no sentido de pessoas que não sabem como proceder corretamente porque não tiveram acesso a esse tipo de informação.

Andrea Bolivar (2024), em diálogo com Lal Zimman (2024), levanta uma questão muito relevante sobre a não utilização de *trans-affirming language* por pessoas trans negras e pobres. O estudo que desenvolve conta com a colaboração de pessoas trans negras, pobres, trabalhadoras do sexo, imigrantes, latinas e algumas com deficiência. Bolivar (2024, p. 2) demonstra três desafios enfrentados por essas pessoas:

(1) Elas são excluídas de espaços mais privilegiados e dotados de recursos onde circulam a *trans language* dominante e o *trans language activism*, (2) são policiadas e penalizadas por ideologias linguísticas dominantes no *trans language activism* e fora dele, e (3) defendem uma variedade de respostas e experiências com o uso da *trans language*.

Compartilho com Andrea Bolivar (2024) o sentimento de que pessoas trans, e aqui acrescento pessoas não binárias, que não estão no contexto da academia diversas vezes acabam sendo excluídas das discussões sobre os usos e desusos da linguagem neutra e sobre as ideologias linguísticas que circulam no apoio e na rejeição à aprendizagem e à utilização de linguagem neutra. Bolivar (2024) explica que o recorte social que propõe em sua pesquisa aponta para um grupo que muitas vezes não se autoidentifica como ativista, porém sua resiliência e energia de sobrevivência trazem lições muito valiosas.

Rodrigo Borba e Mariah Rafaela Silva (2024, p. 1) explicam que o apelo de Lal Zimman (2024) “faz um trabalho importante ao identificar ideologias e práticas

<sup>18</sup> De acordo com o *Cambridge Dictionary*, o verbo *misgender* significa “usar pronomes errados ou outras palavras generificadas erradas ao se referir ou falar com alguém, especialmente uma pessoa transgênero”.

potencialmente prejudiciais à causa da libertação trans por meio da reforma linguística”. Todavia, salientam que:

sentimos que sua discussão é involuntariamente sustentada por duas lógicas que queremos questionar nesta resposta. Por um lado, TLA é enquadrado a partir de uma perspectiva centrada nos EUA. Por outro lado, seu ensaio parece replicar uma hierarquia colonial na qual o Norte Global (especialmente os Estados Unidos) é retratado como excepcional (Borba; Silva, 2024, p. 1).

Uma das perguntas levantadas por Zimman foi: “Como as pessoas trans no Norte Global podem apoiar, redistribuir recursos e ampliar as preocupações das comunidades marginalizadas com base na normatividade de gênero no Sul Global?”, porém Borba e Silva (2024, p. 1) propõem sua reformulação da seguinte maneira: “Como as experiências trans no Sul Global podem revisitar, contribuir e complexificar as visões euroamericanas do TLA?”. Essa pergunta, como ressaltam no artigo, não tem uma resposta simples. Trata-se, antes, de um convite a que o conhecimento sobre linguagem produzido por pessoas trans no Sul Global receba maior atenção. O autor e a autora destacam fenômenos recentes no ativismo brasileiro, como o uso da linguagem neutra, não binária ou neolinguagem, além da linguagem inclusiva. Esta dissertação, por sua vez, busca apontar alguns possíveis caminhos em resposta à reformulação proposta, dado que a legendagem da série e sua recepção oferecem contribuições relevantes para o debate.

A próxima seção deste capítulo traça o caminho trilhado pela linguagem neutra, não binária ou neolinguagem na língua portuguesa, que por possuir gênero gramatical, diferentemente do inglês, apresenta desafios específicos e interessantes.

### **1.3 Linguagem neutra, não binária ou neolinguagem**

A linguagem neutra tem se configurado como um tema de debates intensos no contexto brasileiro contemporâneo, sobretudo por seu potencial de promover respeito e visibilidade a performances de gênero distintas. No âmbito desta pesquisa, interessa compreender de que modo as performances de pessoas não binárias representadas na série *Sex Education* são traduzidas do inglês para o português. Para tanto, são consideradas propostas de reformulação da estrutura da língua portuguesa, que visam substituir formas tradicionalmente generificadas por alternativas neutras. No entanto, a implementação dessa linguagem, que tem sido nomeada como “linguagem neutra”, “linguagem não binária” ou “neolinguagem” tem enfrentado resistência de diversos setores da sociedade. Muitas

linguistas, professorias, pessoas em cargos políticos e pessoas dos mais diferentes níveis de letramento, alicerçadas em uma ideologia linguística pautada no prescritivismo, argumentam que a língua portuguesa possui regras consolidadas e que a introdução de novas formas pode gerar confusão na comunicação. Há duros posicionamentos contra a adoção e o ensino de linguagem neutra não apenas fora da comunidade LGBTQIAPN+, mas também dentro. Algumas pessoas acreditam que a linguagem neutra não resolve “problemas reais” enfrentados pela comunidade, tais como discriminação, violência e falta de oportunidades de emprego. Há também grupos sociais que consideram que a luta por direitos civis e políticas públicas eficazes deveria ser priorizada em vez de uma mudança linguística que pode não ser amplamente aceita.

Apesar das múltiplas divergências, a discussão sobre a linguagem neutra aponta para uma mudança cultural significativa, dado que a forma como utilizamos as línguas evolui constantemente e estas tendem a acompanhar transformações sociais. Ainda que sua adoção oficial seja incerta, pessoas, instituições e empresas, tais como o Museu da Língua Portuguesa, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, a Universidade de Brasília e a Ben & Jerry's Brasil já a utilizam.

A demanda por uma linguagem não binária, impulsionada pela comunidade LGBTQIAPN+, é herdeira de décadas de disputas em torno da relação entre língua, corpo e poder. Desde os anos 1960, quando feministas denunciaram que a língua reforça desigualdades de gênero, abriu-se um caminho que permitiria as reivindicações de hoje. Carmen Rosa Caldas-Coulthard (2007) mostrou como, no português brasileiro, o masculino genérico naturaliza exclusões, sobretudo nos espaços acadêmicos e institucionais, transformando a linguagem em tecnologia de poder que classifica, hierarquiza e apaga. Ao evidenciar que “o sexo masculino é o prioritário” na gramática das sociedades ocidentais patriarcais (p. 234), a autora não só expôs o caráter político da língua, mas também defendeu duplas como “alunos e alunas”, “brasileiros e brasileiras”, que já tensionam a norma. Ainda que seu foco fosse a exclusão feminina, sua crítica abriu espaço para que outras vozes dissidentes, entre elas as não binárias, reivindiquem visibilidade.

É justamente nesse rastro que Joana Plaza Pinto e Suzana Costa Badan (2012) situam a crítica feminista como força subversiva. Ao colocar a identidade no centro da ciência, não apenas como objeto, mas como articuladora das práticas de pesquisa, desestabiliza a suposta neutralidade acadêmica. Esse deslocamento se conecta ao que já denunciava Caldas-Coulthard (2007), mas agora exige que linguistas se reconheçam como sujeitos de

poder que decidem o que conta ou não como linguagem. Pinto e Badan (2012) explicam que “Não por acaso: falar sobre linguagem significa expor as relações de poder nelas imbricadas, na medida em que, definindo o que é ou pode ser usado, por quem, em qual momento, linguistas distribuem com autoridade de cientistas os valores dos discursos entre falantes” (p. 136). Izabel Magalhães (2008) e Débora de Carvalho Figueiredo (2009) já indicavam essa virada, lembrando que a linguagem não apenas comunica, mas molda identidades, crenças e relações sociais, podendo tanto reproduzir hierarquias quanto abrir espaço para sua democratização.

Essas fissuras se ampliam nos anos 2000, quando a não-binariedade passa a disputar espaço. Rodrigo Borba (2019) explicita como as estratégias de visibilidade, como o uso de -@, ou -x, deslocam o debate do plano estritamente gramatical para um campo ideológico mais amplo, onde a língua se torna campo de batalha simbólico. Borba (2019, p. 428) explica que

Os movimentos sociais introduziram mudanças na estrutura linguística do sistema de gênero gramatical com vistas a produzir práticas de linguagem inclusivas. Tais mudanças incluem, por exemplo, a substituição dos morfemas -o [MASC] e -a [FEM] por estruturas inovadoras (e desafiadoras tanto sintática quanto fonologicamente) como -@ ('tod@s alun@s'), sintagmas nominais disjuntivos ('todas/os alunos/as'), -X ('todxs alunxs') que, acredita-se, apagam o gênero gramatical e social ou os tornam redundantes. Essas estratégias envolvem criatividade e experimentação linguística que, ao interromper estruturas de linguagem naturalizadas, chamam a atenção para significados e práticas sexistas no uso da linguagem.

De um lado, ativistas e aliades defendem a linguagem neutra como “experimentação linguística” que luta por justiça e visibilidade; de outro, setores conservadores a acusam de ser “artificial”. Aqui, o que Caldas-Coulthard (2007) identificava como supremacia masculina na gramática se atualiza como resistência à própria mutabilidade da língua, que Borba (2019) insiste em afirmar como viva e transformável.

Nesse embate, Luiz Carlos Schwindt (2020) chama atenção para o funcionamento estrutural da língua: usos como “todxs” ou “todes” enfrentam limites fonológicos e morfológicos, e por isso não podem ser impostos de forma abrupta. Mas, ainda que ressalte a necessidade de adaptação coletiva, Schwindt (2020) reconhece que a gramática não esgota a expressão de gênero, reforçando que a disputa linguística não é apenas estrutural, mas social e política. Robert Moura Sena Gomes (2022, p. 3) articula esse ponto ao diferenciar linguagem inclusiva e linguagem neutra:

Tanto as propostas de Linguagem Neutra quanto a proposta de Linguagem inclusiva podem ser vistas como propostas linguísticas dissidentes, ou seja, são propostas realizadas por pessoas que, ao enxergarem a si como importantes na luta contra a desigualdade social que se materializa também na língua, visam tornar a língua mais inclusiva e representante de sua(s) (re)existências. São dissidentes porque, a partir de seu conhecimento sobre sua língua, trazem, respectivamente, novas formas de marcar identidades de gênero não binárias e utilização de formas linguísticas já existentes mais inclusivas, de modo que reiteram que a Língua Portuguesa também é das e para as pessoas não binárias e mulheres, a língua é para todes e de todas as pessoas.

Seu argumento de que “a língua é para todes e de todas as pessoas” é de extrema importância para o presente trabalho. A aversão à linguagem neutra, nesse sentido, não é apenas linguística, mas ideológica e política. Projetos de lei que buscam interditar a neolinguagem em escolas e concursos — como a Lei nº 5.123/2021, de Rondônia, declarada inconstitucional pelo STF — evidenciam como o português se tornou arena de disputas legislativas. Iran Ferreira de Melo e Gustavo José Barbosa Paraíso (2023) registram o crescimento desses projetos. No âmbito federal foram: um em 2014, quatro em 2020, nove em 2021 e um em 2022, já os projetos de lei nos estados do Brasil foram: um em 2016, um em 2017, nove em 2020, dezoito em 2021, quatro em 2022 e quatro em 2023, sinalizando a escalada do embate.

É nesse cenário que Ursula Boreal Lopes Brevilheri, Fabio Lanza e May Romeiro Sartorelli (2022) preferem falar em neolinguagem e não em “linguagem neutra” (aspas das autories), recusando a promessa de neutralidade. Vale a pena destacar tanto a preferência pelo termo *neolinguagem* em detrimento do termo *linguagem neutra* quanto uma discussão muito interessante e fundamental para a presente pesquisa, que explicita que o que o ativismo linguístico não binário propõe não é exatamente gênero neutro, mas sim gênero não específico ou abrangente. Isso tem a ver com a crítica não somente ao binarismo, mas também ao que ativistas não binários chamam de *trinarismo*, ou seja, o gênero neutro (e a não-binariedade) como um terceiro gênero quando, no cerne da questão, está justamente um questionamento da ideologia segundo a qual gênero é quantificável. Para o movimento não binário, gênero é expansivo e se refere a todas as possibilidades de auto-determinação. Segundo es autories,

Trata-se da compreensão e discursos que apresentam a não-binariedade como um “terceiro lugar” ante a lógica binária/dual de gênero. Tal ideia reduz a questão de uma diversidade ampla de gêneros para além da binariedade - o que se encontra na proposta não-binária - para uma espécie de “trinarismo”, que recria as lógicas normativas apenas adicionando mais um elemento em sua composição. A identificação não-binária, ao contrário, pressupõe um não-lugar, uma negação de um espaço socialmente legitimado. Ela não reivindica uma terceira posição no sistema de gênero (ou segunda, ou primeira, ou quarta, ou quinta, ou décima, que seja), mas

o critica enquanto redutor a partir de uma suposta lógica quantificável de identidades (Brevilheri; Lanza; Sartorelli, 2022, p. 4, grifos des autories).

A neolinguagem é, portanto, decolonial, dado que “o que se coloca é uma lógica de ruptura com estruturas da cisnormatividade, ou seja um literal rompimento com o sistema moderno colonialmente construído.” (Lugones, 2008 *apud* Brevilheri; Lanza; Sartoreli, 2022, p. 4).

O ambiente escolar, nesse contexto, torna-se espaço estratégico: lugar de inclusão ou de violência simbólica. Se movimentos conservadores instrumentalizam o debate para reforçar agendas antigênero, a neolinguagem, como lembram Brevilheri, Lanza e Sartorelli (2022, p. 13), é simultaneamente bandeira de luta e alvo de ataques, denunciando o descompromisso reacionário com a realidade concreta. A cientista social Ursula Boreal Lopes Brevilheri (2024), pessoa trans/travesti não binária, em entrevista concedida a Iran Ferreira de Melo, vai de encontro a esses discursos conservadores e argumenta que:

Não há o que temer. A linguagem não-binária atenta somente contra uma espécie: a opressão. Buscar formas de nos representar, de nos contemplar, jamais será um perigo para quem valoriza as pessoas e suas vidas. Não nos enganemos, diversos setores e atores políticos tentarão estabelecer inverdades sobre nossas formas de linguagem. Na prática, eles não possuem nenhum compromisso real nem com a inclusão, nem com a Língua Portuguesa. Seus objetivos são outros. A todes que não concordam com nossa demanda, repensem. Caso o problema seja com as formas, entendam que estamos abertos ao diálogo, porque a pauta é em si baseada no diálogo, respeitando as diferentes perspectivas (Melo; Brevilheri, 2024, p. 11118).

Assim, retomando a crítica feminista às estruturas patriarcais, passando pelas reinvenções de movimentos LGBTQIAPN+ e chegando à disputa contemporânea, o que se joga em cena não é apenas a gramática, mas a própria possibilidade de existir na língua sem ser apagade.

Para compreendermos como pessoas não binárias avaliam a apresentação da não-binariedade de gênero e a utilização de linguagem não binária na série *Sex Education*, o presente capítulo percorreu as variadas possibilidades de definição do que é ser uma pessoa não binária, pela ótica, principalmente, de ativistas e pesquisadores trans/não binários, assim como possibilitou o enfoque em potências subversivas da utilização de linguagem neutra, não binária ou neolinguagem tanto na língua inglesa, quanto na língua portuguesa. No próximo capítulo lançaremos luz sobre as questões de tradução que permeiam a legendagem da série: a tradução audiovisual e a tradução *queer*.

## 2. SUBVERSÃO À MARGEM DA TELA

A atividade tradutória não é neutra. Toda tradução envolve escolhas marcadas por subjetividades, posicionamentos sociais e históricos, bem como por relações de poder entre línguas, culturas e pessoas. Não existe uma única tradução correta ou definitiva; ao contrário, cada versão traduzida resulta de decisões que explicitam não apenas as competências linguísticas e técnicas de quem traduz, mas também os objetivos e valores de quem encomenda a tradução. Tanto é profissional quanto quem é contrata estão inseridos em contextos sociopolíticos específicos que influenciam o resultado final do processo tradutório. Assim, a tradução deve ser compreendida como uma prática situada, atravessada por interesses, expectativas e disputas simbólicas.

Além disso, é importante reconhecer que nem toda tradução é realizada por profissionais formalmente formados na área. Em muitos contextos, sobretudo em ambientes digitais ou em iniciativas comunitárias, traduções são feitas por pessoas com diferentes graus de preparo técnico, motivadas por razões diversas, como ativismo, militância, interesse pessoal ou demanda espontânea. Essa diversidade de agentes amplia o campo da tradução e desafia visões tradicionais que vinculam competência exclusivamente à formação acadêmica. Ao mesmo tempo, ela evidencia que a tradução não é apenas uma atividade técnica, mas também política, na medida em que envolve negociações de sentido, representatividade e acesso à linguagem.

Estudar os discursos que circulam no processo de recepção de tradução audiovisual e *queer* através da neolinguagem presente na legendagem da terceira temporada da série *Sex Education* requer levar em conta as discussões elaboradas no âmbito da tradução feminista, pois isso nos ajudará a perceber os caminhos pelos quais os Estudos da Tradução percorreram até que pesquisadoras evoluíssem a discussão das questões das mulheres para as de pessoas não binárias e, conseqüentemente, para a inclusão de todas as pessoas através da linguagem à margem da tela.

Maria Tymoczko (2000) explica que o engajamento da/na tradução depende de um acordo travado pelo grupo de tradutorias que atuarão em conjunto, com vistas a definir e pôr em prática um conjunto de objetivos e valores de um movimento cultural e político maior. O principal objetivo desses grupos é “efetuar uma mudança gradual de consciência que possa ter efeitos duradouros - de forma global, não local.” (Baker, 2018, p. 360-361).

Nesse contexto, é preciso partir da constatação de que não existe uma única tradução possível e que as escolhas tradutórias sinalizam as ideologias linguísticas que alicerçam os

indivíduos que as fizeram, as revisaram e/ou as aprovaram, bem como seus valores. Fruela Fernández (2021) reflete sobre o papel ativista de tradutores e intérpretes no mundo globalizado e apresenta três definições de ativismo: (1) justiça social ou anti-globalização que denuncia as desigualdades sociais e econômicas; (2) defesa da diversidade e das práticas identitárias; e (3) o ativismo e sua relação com a tecnologia - novas mídias, *smartphones*, redes sociais, etc. O presente trabalho está situado, principalmente, nas duas últimas definições de Fernández (2021), porém o que a autora apresenta como “práticas identitárias” no presente trabalho lemos como performances de gênero.

Percebe-se, portanto, que é possível nos distanciarmos de uma visão simplista sobre o ato tradutório e o profissional tradutor ou intérprete. A tradução é sim um lugar de trocas culturais, ativismo, arma política, resistência, subversão, de amplificar vozes de grupos sociais considerados mais vulneráveis e invisibilizados e é uma prática com um alcance cada vez mais global.

Alcance este que muito se deu e se dá por conta da internet e das tecnologias da informação, que suscitaram o surgimento e o crescimento da tradução audiovisual (TAV), tornando os conteúdos mais acessíveis em inúmeros idiomas e culturas. A alta utilização das plataformas de *streaming*, das redes sociais, dos serviços de compartilhamento de vídeo online, assim como o consumo de séries, filmes e jogos criaram uma demanda sem precedentes por tradução em formatos audiovisuais. Legendagem, dublagem e audiodescrição tornaram-se ferramentas essenciais para trocas globais de linguagem, dado que a TAV evolui para atender às necessidades de um público internacional numeroso, plural e cada vez mais diverso.

## 2.1 Tradução audiovisual e legendagem

Como indicado na Introdução, esta dissertação propõe um olhar mais atento à legendagem, tendo como foco de estudo a terceira temporada da série *Sex Education*; portanto, é válido destacar uma definição. Jorge Díaz-Cintas e Aline Remael (2014, p. 8) definem a legendagem como

uma prática tradutória que consiste em apresentar um texto escrito, geralmente na parte inferior da tela, que se empenha em recontar o diálogo original de falantes, assim como os elementos discursivos que aparecem na imagem (letras, inserções, grafites, inscrições, placas e similares) e as informações contidas na trilha sonora (músicas, vozes em off).



Essa prática envolve, portanto, a combinação de três elementos fundamentais: palavras faladas, imagem e legenda. Para Díaz-Cintas e Remael (2014), a legendagem não é um processo neutro, mas atravessado por múltiplas camadas de poder e significação. Uma das questões centrais que as autories levantam diz respeito à representação: quais vozes são preservadas, modificadas ou silenciadas no processo tradutório? Essas decisões não são meramente técnicas, mas ideológicas, influenciando diretamente a forma como culturas-fonte são mediadas e percebidas. A tradução/legendagem é um agente que pode ou não tensionar tanto normas linguísticas quanto normas sociais.

Nesse contexto, cada escolha tradutória — da seleção lexical à omissão de conteúdo — carrega implicações ideológicas. As tradutories/legendadories precisam lidar constantemente com limitações técnicas como tempo, espaço e normas editoriais, ao mesmo tempo em que equilibram essas exigências com o texto-fonte. Díaz-Cintas e Remael (2014) chamam atenção, ainda, para a tensão entre visibilidade e invisibilidade da tradução. Essa tensão indica como determinadas temáticas, como conteúdos LGBTQIAPN+, gírias, dialetos ou humor específico, podem ser suavizados ou eliminados nas legendas, apontando para vieses sociopolíticos mais amplos.

Além das restrições técnicas, a legendagem está inserida em um contexto comercial global que também influencia diretamente suas práticas. Grandes corporações midiáticas exercem controle sobre os processos de produção e tradução, motivadas por interesses mercadológicos. Isso leva à padronização de discursos, frequentemente alinhados às normas ocidentais dominantes. As tradutories, nessa lógica industrial, deixam de atuar como mediadories culturais autônomas e passam a ocupar o papel de profissionais terceirizadas, submetidas a diretrizes rígidas e com pouca margem para questionamento ou subversão de narrativas hegemônicas. Esse ponto é particularmente relevante para esta pesquisa, considerando que a Netflix impõe diretrizes padronizadas para todas as empresas e todas as profissionais envolvidas na tradução de seus conteúdos.

Nesse mesmo sentido, Díaz-Cintas e Remael (2014, p. 229) enfatizam que as escolhas tradutórias não são neutras, mas carregadas de valores culturais e políticos:

[...] queremos enfatizar novamente que nenhuma tradução é neutra e que traduzir sempre envolve fazer escolhas e tomar decisões. É importante que não apenas tradutor[i]es/legendador[i]es, mas também [e]s leitor[i]es das traduções estejam cientes disso. O público deve ser educado e aprender a não simplesmente descartar tais escolhas ou mudanças tradutórias como falhas ou erros. Qualquer texto só ganha existência na interação com s[ue]s leitor[i]es, que trazem sua própria experiência para a leitura. As legendas não são diferentes.

Toda tradução é, portanto, um ato interpretativo e posicionado, e tanto quem traduz quanto quem recebe a tradução precisa reconhecer esse processo como constitutivo da construção de sentido.

Complementando essa perspectiva, o estudo de Mariana Yonamine (2022) examina como tradutores enfrentam diferenças culturais ao criar legendas entre línguas. Com base nos conceitos de domesticação e estrangeirização de Lawrence Venuti (1995), a autora propõe que a legendagem é uma negociação cultural e ideológica, mais do que uma simples transferência linguística. Ao revisar 33 estudos acadêmicos publicados entre 2004 e 2020, Yonamine (2022) destaca como tais estratégias são aplicadas na prática e percebidas criticamente no campo da tradução audiovisual, reivindicando um futuro mais reflexivo e empiricamente fundamentado para essa área. Essa crítica também se estende à relação entre a tradução e seu público. A autora sublinha a importância de compreender a legendagem como um espaço de disputa simbólica, onde cada escolha contribui para a construção de significados que dialogam com contextos socioculturais específicos. Suas observações convergem com a ideia de que a tradução é ideológica, onde é preciso atenção às formas como se traduz para a tela.

Na mesma direção, o estudo de Hadeel Saed, Ahmad S. Haider e Sausan Abu Tair (2023) investiga como epítetos relacionados a gênero, raça, etnia, deficiência e sexualidade são traduzidos do inglês para o árabe em legendas de filmes, séries e programas de TV. A pesquisa, que abrange desde conteúdo profissional da Netflix até produções de fãs, revela como decisões tradutórias moldam e, por vezes, distorcem o impacto cultural de termos com determinada carga simbólica. As autoras argumentam que traduções diretas podem não ter o mesmo peso cultural, e que neutralizações ou eufemismos podem apagar tensões sociais importantes, enquanto escolhas acríicas podem entrar em conflito com normas locais. A consciência dessas dinâmicas é essencial para compreender como a legendagem influencia a recepção e a compreensão de discursos sociais.

Outro estudo relevante para a presente pesquisa é o desenvolvido por Sabine Gorovitz (2006), dado que trata-se de uma das poucas publicações em português sobre recepção de legendagem. Gorovitz (2006) propõe uma análise sobre a interação entre a mensagem fílmica, apresentada em língua estrangeira a partir de legendas, e o espectador. Seu objetivo principal é compreender de que forma a legendagem é assimilada durante a recepção do filme e quais mecanismos de participação ela desperta no público.

Com o avanço da indústria audiovisual, é possível observar que manuais específicos e diretrizes internas foram sendo desenvolvidos, com vistas a estabelecer um padrão para

legendas profissionais e trazer eficácia aos processos de tradução intralingual e interlingual<sup>19</sup>. A Netflix, por exemplo, desenvolveu um *website* chamado *Partner Help Center* (Centro de Ajuda a Parceiro), onde disponibiliza diversos manuais específicos para as produções da plataforma, para que as empresas parceiras que oferecem serviços de legendagem, dublagem e de audiodescrição recebam as mesmas instruções e diretrizes. O *Timed Text Style Guide: General Requirements* (Guia de Estilo de Legendagem: Requisitos Gerais)<sup>20</sup> é o guia para legendagem de produções audiovisuais originais e não-originais que serão incorporadas à plataforma de *streaming*. Espera-se, dessa forma, que tanto os representantes das empresas, quanto os tradutores/legendadores estejam cientes de todos os treze aspectos apresentados, sendo eles: duração, formato do arquivo, lista de glifos, tratamento de linha, posicionamento, consistência, tradução de créditos, principais títulos/dedicatórias, moedas, tratamento de nomes de marcas, citações, créditos de tradutores e aspectos técnicos. Essa padronização busca garantir qualidade e coerência na tradução, mas também impõe limites à criatividade e à liberdade interpretativa de tradutores, reforçando a lógica de controle já discutida por Díaz-Cintas e Remael (2014).

Já a consolidação da tradução audiovisual como campo acadêmico é resultado tanto do crescimento das mídias digitais quanto do reconhecimento da TAV como um espaço legítimo de produção de conhecimento. A criação, em 2018, do *Journal of Audiovisual Translation* é um marco nesse processo, consolidando a relevância de um campo que mobiliza pesquisas, eventos científicos e formação acadêmica em escala internacional.

A TAV não se limita, portanto, a um procedimento técnico de mediação entre idiomas; ela constitui um ato ideológico e cultural. Abordagens feministas e, posteriormente, *queer* vêm sendo mobilizadas para questionar e subverter narrativas dominantes, especialmente no que diz respeito à representação de gênero e sexualidade. A legendagem, nesse contexto, pode ser uma ferramenta potente para dar visibilidade a vozes e identidades marginalizadas. Nas próximas seções, discute-se como essas abordagens críticas têm contribuído para repensar práticas de tradução e abrir espaço para performances dissidentes na tela.

---

<sup>19</sup> O linguista Roman Jakobson em seu texto *On Linguistic Aspects of Translation*, identificou três tipos de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica. O autor sugere que: 1) A *tradução intralingual* ou *reformulação* é uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A *tradução interlingual* ou *tradução propriamente dita* é uma interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A *tradução intersemiótica* ou *transmutação* é uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais. (Jakobson, 1959, p. 233, *itálico nosso*)

<sup>20</sup>

Disponível

em:

<https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215758617-Timed-Text-Style-Guide-General-Requirements>. Acesso em 02 de abril de 2025.

## 2.2 Tradução feminista

Uma das variadas contribuições dos feminismos está na revisão crítica de diferentes campos de conhecimento, questionando a suposta neutralidade e objetividade científica e realizando um movimento oposto às expectativas e critérios patriarcais. Nos Estudos da Tradução, o centro da pesquisa passou a ser o processo tradutório, não o produto. Os estudos descritivos, com atenções voltadas às estruturas e pares linguísticos, evoluíram para integrar a dimensão cultural, “a orientação em direção mais a uma transferência cultural do que linguística” (Snell-Hornby, 1990, p. 82). Os feminismos influenciaram profundamente os Estudos da Tradução, uma vez que passaram a reivindicar o papel ativo da tradutora e do tradutor. Para as tradutoras<sup>21</sup> canadenses pioneiras na crítica feminista de seu campo de atuação, “a linguagem patriarcal ‘convencional e prescritiva’ precisava ser desfeita para que as palavras das mulheres se desenvolvessem, encontrassem espaço e fossem ouvidas” (Flotow, 1991, p. 73). As tradutoras e escritoras Barbara Godard (1986), Lori Chamberlain (1988), Susanne de Lotbinière-Harwood (1991) e outras iniciaram a luta pela visibilidade da mulher na linguagem, por meio da escrita tradutória.

Luise von Flotow (1991) explica que as tradutoras feministas utilizam táticas diversas em seu trabalho e destaca as que considera mais relevantes: a complementação (*supplementing*); a tática de manipulação (*hijacking*); e elementos paratextuais, tais como prefácios e notas da tradutora. Essas estratégias são controversas para pesquisadoras e tradutoras que compartilham uma visão tradicional de tradução porque elas tensionam os limites entre tradução e autoria, porém para tradutoras feministas, o objetivo não é a reprodução neutra, é a transformação.

A utilização de táticas mais tradicionais, como os paratextos, ou mais inovadoras, como o *supplementing* e o *hijacking*, evidencia o ativismo das tradutoras. É válido salientar, no entanto, que essas estratégias não são especificamente feministas. José Santaemília (2017, p. 15) explica que elas “tentavam reinscrever a feminilidade na linguagem e desconstruir discursos hegemônicos centrados no homem através da manipulação consciente da linguagem”. Um aspecto expressivo na prática da tradução feminista, e que é de extrema relevância para a presente pesquisa, é a sua notável incompatibilidade com as práticas hegemônicas que invisibilizam tradutoras e que foram tão criticadas por Lawrence Venuti. É

---

<sup>21</sup> Apesar de estarmos utilizando linguagem neutra no decorrer do texto, nesta seção é importante respeitar as performances de gênero feminino das tradutoras feministas.

possível observar similaridades entre as teorias e práticas das tradutoras feministas e a Teoria da Invisibilidade do Tradutor proposta por Venuti. Pinheiro (2021, p. 41) argumenta que

ambas apontam o potencial da tradução como instrumento de libertação; ambas criticam o apagamento dx outrx, seja pela linguagem no caso das tradutoras feministas, seja por concepções hegemônicas de tradução no caso de Venuti; ambas criticam essas mesmas concepções hegemônicas, como os conceitos de “fidelidade” e “autoria”; e tanto a tradução feminista quanto a teoria de Venuti utilizam-se da visibilidade como ferramenta contra o apagamento, de forma que implicam que tradutorxs alinhadxs a qualquer uma dessas perspectivas não mais procurarão mascarar o seu trabalho.

Os trabalhos das feministas e de Venuti iniciaram um movimento de emancipação de tradutories e de crítica a concepções hegemônicas de tradução. O presente trabalho se alia ao posicionamento de que a tradução nunca é ingênua e que há inúmeras possibilidades de escolha consciente no ato tradutório.

Kathy Davis (2007) apresenta um exemplo muito interessante nesse sentido que foi a conferência de tradutoras com ativistas da saúde, professoras, médicas, dentre outras, ocorrida na Holanda em junho de 2001, para discutirem seus projetos de tradução/adaptação do livro *Our Bodies, Ourselves* (OBOS) para suas respectivas línguas e, mais precisamente, para a cultura de cada país. Eram participantes de diferentes locais: Armênia, Bulgária, Estados Unidos, Índia, Japão, México, Senegal e Sérvia. A questão em pauta não era sobre fidelidade ao texto-fonte e sim sobre como adaptar o livro com vistas a torná-lo acessível e útil ao novo público, ao novo grupo de leitoras, uma vez que trata-se de uma publicação com conteúdo sobre a saúde da mulher, que é, e precisa ser, extremamente situado, dado que cada país lida com suas questões de saúde pública de uma forma e cada cultura lida com as demandas, necessidades e vontades da mulher também de forma específica. Sobre OBOS e sua tradução/adaptação para leitoras brasileiras, Érica Lima e Janine Pimentel, as organizadoras de *Nossos Corpos Por Nós Mesmas*, lançado em 2021, explicam que

Publicado pela primeira vez na década de setenta, o OBOS é considerado um *bestseller* na área da saúde da mulher e sua primeira edição, com 193 páginas, foi sendo gradualmente reinventada em edições subsequentes, trazendo assuntos que se mostraram necessários de acordo com cada época. A nossa tradução, a primeira em língua portuguesa, se baseia na nona e última edição (2011), com 944 páginas, e trata de temas que vão desde aborto, contracepção, questões de gênero, menopausa, saúde mental, até violência contra mulher (Lima; Pimentel, grifo das autoras, 2024, p. 264).

OBOS já foi traduzido para mais de trinta línguas e suas traduções proporcionam “informações confiáveis para comunidades vulneráveis e estigmatizadas, empoderando-as por meio do conhecimento de seus direitos e de seu próprio corpo” (Lima; Pimentel, 2024, p. 264).

É válido salientar que a versão em português de OBOS foi um projeto de cooperação científica entre a UFRJ e a Unicamp onde buscou-se utilizar uma linguagem feminista e inclusiva na tradução/adaptação. Camila Cerineu, Laís Ferenzini e Janine Pimentel (2021, p. 8-10) afirmam que

Um dos principais desafios do projeto é a criação de uma linguagem inclusiva e feminista. [...] foram realizadas reuniões para discutir critérios de tradução e adaptação com o intuito de estabelecer estratégias linguísticas inclusivas e feministas. [...] Na busca pela linguagem inclusiva é importante que não ocorra a reprodução de estereótipos e que a terminologia usada seja adequada, acessível e que esteja de acordo com as últimas tendências.

A tradução feminista, conforme expõem Olga Castro e Emek Ergun (2017), surgiu na província canadense de Quebec entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980. Mais do que uma técnica de tradução, ela se consolidou como uma forma de ativismo político e uma prática interdisciplinar voltada a investigar as conexões entre a política de tradução e as dinâmicas de gênero. Ao questionar a neutralidade tradicionalmente atribuída ao ato tradutório, a tradução feminista propõe uma abordagem crítica que reconhece o papel ativo da tradução na reprodução — ou contestação — das hierarquias sociais e de gênero.

Nesse contexto, ganha destaque o papel da ideologia na prática tradutória. Castro (2017) argumenta que toda tradução, mesmo quando não se declara ideológica, está inserida em sistemas de poder e valores. Assim, “não subscrever de forma consciente uma ideologia particular em tradução implica aderir de forma inconsciente à ideologia dominante (patriarcal)” (Castro, 2017, p. 221). Essa afirmação reforça a ideia de que a tradução nunca é neutra; ao contrário, ela pode ser um instrumento de contestação ou de manutenção da ordem vigente. A autora explica ainda que:

Considera-se a ideologia como um conceito importante no traduzir, entendida não como desvio da objetividade, mas como conjunto sistemático de valores e crenças compartilhadas por uma dada comunidade, que formam as interpretações e representações de mundo de cada pessoa e também de quem traduz. De fato, contemplar a ideologia como um ente alheio a quem traduz deixaria esse agente mediador e o próprio processo fora do intercâmbio cultural (Castro, 2017, p. 220).

Os feminismos se constituem de forma plural, interseccional e interconectada, uma vez que reconhecem a natureza entrelaçada dos sistemas de opressão em contextos locais e globais, bem como a interdependência dos discursos que os sustentam. Essa complexa rede de relações dá origem a movimentos de resistência frente às diversas formas de opressão (Castro; Ergun, 2017), dentro da qual também se inserem os produtos audiovisuais contemporâneos. A tradução feminista em TAV examina, criticamente, como as mulheres e as performances de gênero são retratadas em legendas, dublagens e locuções, defendendo a visibilidade da mulher e rejeitando movimentos de apagamento de gênero na linguagem em nome da brevidade ou da “fluência”. Por exemplo, muitas línguas, assim como a língua portuguesa, marcam o gênero gramaticalmente, e uma tradutora feminista pode optar por preservar esses marcadores. Além disso, a tradução feminista resiste à linguagem sexista, trabalhando para preservar a agência e a complexidade das personagens femininas em vez de simplificá-las ou diminuí-las na tradução. Isso é importante em mídias onde as vozes femininas muitas vezes são sub-representadas ou estereotipadas. Um desafio na tradução audiovisual feminista é a tendência de utilizar masculino genérico devido a restrições técnicas. Por exemplo, as legendas frequentemente condensam o diálogo para se ajustar ao espaço da tela, o que pode levar à omissão de linguagem ou expressões de gênero que apontam para determinadas dinâmicas de poder. Uma tradutora feminista, no entanto, pode priorizar a manutenção desses elementos, mesmo que isso exija uma reformulação criativa. Da mesma forma, a dublagem pode envolver a alteração do tom de voz, do tom ou dos padrões de fala, o que pode influenciar sutilmente a percepção de uma personagem em termos de gênero e autoridade. A tradução feminista resiste ao apagamento ou à simplificação de personagens femininas e busca manter sua complexidade e autonomia na língua-alvo.

A tradução feminista teve uma influência fundamental no desenvolvimento da tradução *queer*, ao defender práticas de tradução politicamente engajadas e autoconscientes. Tradutoras feministas desafiaram a ideia de neutralidade, destacando como a linguagem pode reforçar dinâmicas de poder, especialmente no que tange às performances de gênero. Elas utiliza(ra)m estratégias com a intenção de destacar a presença da tradutora e resistir a narrativas patriarcais. Essas ferramentas criaram espaço para que tradutoras questionassem ideologias dominantes presentes em textos e priorizassem a representação em detrimento da fidelidade estrita ao texto-fonte.

Veremos na próxima seção que, assim como a tradução feminista, a tradução *queer* reivindica a linguagem como um espaço de resistência, adotando a ênfase feminista em

visibilidade e intervenção, porém deslocando o foco para romper pressupostos cis-heteronormativos, dando visibilidade a performances de gênero que não se conformam a eles, tais como as múltiplas possibilidades de se vivenciar a não-binariedade. A luta da tradução feminista contra o patriarcado e o machismo na linguagem abriu caminho para que tradutorias *queer* questionassem completamente categorias fixas de gênero e sexualidade. O argumento da tradução feminista de que a tradução nunca é neutra deu à tradução *queer* um ponto de partida conceitual e político.

### 2.3 Tradução *queer*

A articulação entre a tradução audiovisual e as perspectivas feminista e *queer* amplia as possibilidades de produção midiática inclusiva e socialmente engajada. Elas incentivam as tradutorias a serem não apenas especialistas em línguas, mas também críticas culturais que refletem sobre seus próprios preconceitos e as estruturas de poder que atuam sobre a linguagem. Em um cenário midiático global, a forma como personagens falam, e como essa fala é traduzida, pode moldar a compreensão dos espectadores sobre performances de gênero e sexualidade. Ao aplicar as ideias discutidas pelas abordagens feministas e *queer*, a TAV pode ir além da mera acessibilidade e se tornar uma ferramenta de representação, resistência e subversão.

As teorias *queer* partem de múltiplos contextos críticos e culturais, incluindo feminismos, teoria pós-estruturalista, movimentos radicais de pessoas negras, movimentos de gays e lésbicas e ativismo contra a AIDS. Enquanto ferramentas acadêmicas, elas tiveram seu início na década de 1990, em parte dos estudos de gênero e sexualidade que, por sua vez, tiveram suas origens nos estudos sobre lésbicas e gays e nas teorias feministas. São recentes, na medida em que foram desenvolvidas a partir da década de 1990, e contestam muitas das ideias pré-estabelecidas de onde provêm, desafiando categorias de identidade engessadas. Sam Bourcier e Paul Preciado (2001) definem o saber *queer* como uma metodologia de análise e uma intervenção política e cultural que atuam como uma resposta a práticas que colocam saberes heteronormativos ao centro. No que diz respeito ao termo *teorias queer*, Moita Lopes (2022, p. 22) explica que

foram as publicações de Judith Butler (1990) e Eve Sedgwick (1990) que ensejaram o desenvolvimento de teorias queer - ainda que esse termo apareça pela primeira vez em De Lauretis (1991) e que Butler (1994), em entrevista, tenha declarado inicialmente que ela mesma se surpreendera ao ver seu trabalho como parte das teorizações queer.



Percebe-se, portanto, que as feministas Judith Butler, Eve Sedgwick e Teresa de Lauretis questionaram os conceitos de gênero e sexualidade em suas obras e inspiraram diversas outras. A tradução *queer*<sup>22</sup> é um campo emergente nos Estudos da Tradução que interliga práticas de linguagem com as teorias *queer* com vistas a investigar como a tradução pode desafiar, resistir ou reforçar concepções normativas de gênero e sexualidade. Ao examinar as formas como as performances de gênero são representadas, transformadas ou apagadas na tradução, este campo lança luz sobre a dinâmica de poder inerente à linguagem e ao intercâmbio cultural. É válido o aprofundamento sobre as complexidades da tradução *queer* com vistas a analisar o seu impacto na representação e no panorama sociocultural mais amplo. A tradução *queer* baseia-se em fundamentos das teorias *queer*, tais como a desconstrução de identidades fixas, a performatividade de gênero, a crítica à cis-heteronormatividade e o enfrentamento aos sistemas de poder. Dessa forma, as teorias *queer* rejeitam a ideia de que gênero e sexualidade são categorias fixas, naturais ou imutáveis; ao invés disso, são entendidas como construções sociais e performativas, ou seja, são ações repetidas no tempo e respondem (ou não) a normas culturais. Além disso, combatem a cis-heteronormatividade, que é a ideia de que a cisgeneridade e a heterossexualidade são a norma ou o ideal (Borba, 2020). As teorias *queer* também estão atentas às formas como a detenção de poder por um determinado grupo social pode atuar na regulação de corpos, desejos e ações de grupos subalternizados.

As teorias *queer*, com o seu foco na ruptura de normatividades de gênero e sexualidade, fornecem o quadro crítico para a compreensão sobre como a linguagem pode indicar ideologias maiores que reforçam ou subvertem normas sociais dominantes. Já os Estudos da Tradução, tradicionalmente preocupados com a mediação de significados entre línguas, oferecem as ferramentas para analisar como o processo tradutório pode obscurecer ou realçar performances *queer*.

A interseção destes dois campos permite uma exploração mais profunda sobre como a linguagem atua como campo de batalha para políticas de gênero e sexualidade. Apesar de as teorias *queer* terem iniciado na década de 1990, na década anterior tradutoras feministas tais como Barbara Godard (1986), Nicole Brossard (1986), Lori Chamberlain (1988) já lidavam

---

<sup>22</sup> O Professor Doutor e tradutor Dennys Silva-Reis, em suas contribuições durante a banca de defesa da presente dissertação, sugeriu o uso de “Tradução LGBT”, em vez de “Tradução *Queer*”. Argumentou que vem publicando dessa forma por entender que “Tradução *Queer*” pode suscitar uma ideia homogeneizante sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Nesta pesquisa, contudo, opto por manter o termo “Tradução *Queer*”, tendo em vista os regimes de visibilidade e os enquadramentos teóricos que tal conceito mobiliza.

com conteúdo lésbico. *Lovhers* (título original em francês, *Amantes*), de Nicole Brossard, traduzido para o inglês por Barbara Godard em 1986, é um marco da literatura feminista e de vanguarda. O livro mescla amor lésbico, linguagem e libertação política, reinterpretando a intimidade como um ato de resistência. Não se trata apenas de um experimento lírico, é uma celebração de mulheres se escrevendo em direção ao poder e ao prazer.

Ainda que essas iniciativas feministas tenham antecipado discussões centrais da teoria *queer*, é importante destacar que a consolidação de uma abordagem explicitamente *queer* nos estudos da tradução só começa a se delinear com maior clareza a partir das décadas de 1990 e 2000. Pesquisadores como Keith Harvey (1998, 2000), Eric Keenaghan (1998), Luise von Flotow ([2005] 2014) e José Santaemília (2008) contribuíram significativamente para esse campo emergente, embora a produção acadêmica tenha sido relativamente escassa nesse período. Como observam Brian James Baer e Klaus Kaindl (2018), essa lacuna evidencia uma reação tardia por parte dos estudos da tradução às formulações teóricas *queer*.

A partir da década de 2010, é notável o aumento de publicações que versam sobre essa interseção. Lewis (2010) argumenta que os personagens, assim como as pessoas na vida cotidiana, são geralmente presumidos cisgêneros e heterossexuais, e uma tradutora desatenta poderia, facilmente, apesar de (na maioria das vezes) não intencionalmente, transformar um elemento *queer* em um cis-heteronormativo. Por exemplo, em sua análise das legendas utilizadas no filme *Gia*, Lewis (2010) explica que as legendas da cena em que a personagem título apresenta sua namorada Linda para sua mãe Kathleen ocorre o apagamento de um elemento *queer*. O diálogo é o seguinte:

Kathleen: [muito animada] *Come on in!*  
*Come on!*  
 Gia: [segurando a mão de Linda] *This is my, uh, girlfriend, Linda.*  
 Kathleen: *Linda? Yeah, hi.*  
 (Lewis, 2010, p. 12).

Lewis (2010) salienta que *girlfriend* em inglês tem dois significados: namorada ou amiga próxima de uma garota/mulher; porém, a autora informa que o segundo significado, hoje em dia, é menos comum, apesar de ter sido mais frequente na época em que o filme foi gravado. Ela argumenta que, de qualquer forma, a cena aproveita a ambiguidade do termo, dado que Kathleen, por razões LGBTfóbicas, prefere interpretar que se trata apenas de uma amiga da filha, porém Gia apresenta Linda sem intenção de esconder seu relacionamento amoroso. Nesse contexto, a tradução deveria manter essa ambiguidade e não é isso que

observamos. As traduções das legendas do inglês para o espanhol, o italiano e o português foram feitas da seguinte maneira:

Inglês:       *This is my, uh, girlfriend, Linda.*  
 Espanhol:    *Esta es mi amiga, Linda.*  
 [...]
 Italiano:     *Questa è la mia amica, Linda.*  
 Português:   *Esta é minha amiga, Linda.*  
 (Lewis, 2010, p. 13).

Dessa forma, “amiga” e “*amica*” retiram a possibilidade de Linda ser namorada de Gia, dado que tanto no espanhol, quanto no italiano e no português, essas escolhas tradutórias não são polissêmicas. Há, então, a ocultação de um elemento fundamental na compreensão do universo da personagem. Tradutorias que não conseguem reconhecer ou mediar adequadamente elementos *queer*, podem inadvertidamente provocar o apagamento de performances que o texto procura representar. Isso pode ocorrer, por exemplo, através do uso de linguagem cis-heteronormativa, da omissão de termos específicos *queer* ou da falha em capturar as nuances de personagens não binárias – tema central para esta pesquisa. É interessante ao presente trabalho analisar, por conseguinte, as ideologias que circulam quando uma plataforma de *streaming* da magnitude da Netflix decide fazer uso de linguagem não binária em seu conteúdo.

Luise von Flotow (2013) traz uma discussão sobre a retradução de textos sob a perspectiva dos feminismos e, enquanto feminista, um olhar sobre a introdução das teorias *queer* nos Estudos da Tradução. A autora se alinha ao estranhamento que as teorias *queer* pretendem causar na cultura hegemônica; todavia, fica atenta a um possível apagamento da mulher, enquanto ser social que reivindica local de fala e cria estratégias para ser ouvida, inclusive através das traduções e retraduições. A autora adverte que

[...] o fato é que desde o advento do que veio a ser chamado de “teorias *queer*” – as quais geraram essa solução discursiva a problemas de essencialismo e identidades políticas que empestaram os feminismos – houve um declínio notável na pesquisa relativa a mulheres e tradução. Ao tempo em que teoria *queer*, nas humanidades, deriva dos feminismos, assim como o termo “interseccionalidade” nas ciências sociais, tais abordagens alcançaram o efeito de amenizar, se não dispersar completamente, a categoria ‘mulheres’ (Flotow, 2013, p. 176).

Ao desenvolver seu argumento, a autora recorre ao trabalho de Lewis no que se refere à categoria “mulher”, destacando que, segundo Lewis (2010), um dos principais objetivos das

teorias *queer* é evitar definições e categorizações fixas. No entanto, essa característica pode representar um desafio metodológico no momento de delimitação do *corpus* em uma pesquisa. Diante disso, Flotow (2013) enfatiza que a categoria "mulher" continua sendo fundamental para análises voltadas a determinados grupos sociais. Ainda assim, a autora reconhece contribuições relevantes da perspectiva *queer* para os Estudos da Tradução, entre as quais se destacam a noção de performatividade — que será discutida com maior profundidade no quarto capítulo — e o conceito de espaço interlocutório:

Traduções permitem várias *performances* de um texto; elas fomentam diferenças nessas *performances* – de uma língua a outra, mas também de uma língua a muitas versões de outra; mas, mais importante, elas retomam o “espaço interlocutório” – ganhando mais nessa transformance do que “perdem na tradução”, para contrariar aquele velho e tedioso clichê (Flotow, 2013, p. 181).

Dadas as implicações políticas da tradução *queer*, es tradutories frequentemente se encontram no papel de ativistas nesse processo de *transformance*. Ao amplificar vozes *queer* em suas traduções, podem contribuir na luta por direitos e reconhecimento de pessoas LGBTQIAPN+. Este papel ativista é particularmente importante em contextos em que as *performances queer* são marginalizadas ou criminalizadas. Baer (2021) amplia a discussão para questões de sexualidade que atravessam o ato tradutório. Sugere que *queerizar* a tradução envolve dismantlar modelos binários de troca estruturados em torno de uma origem fixa e estável. O autor argumenta, ainda, que esse processo de *queerização* da tradução é um pré-requisito para estabelecer a tradução como uma valiosa ferramenta analítica no rastreamento da circulação sobre conhecimento sexual entre países e culturas. Há, nesse sentido, a busca por uma epistemologia não essencialista e não dicotômica.

Já no contexto brasileiro, é válido destacar o livro *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais*, publicado em 2024 e organizado por Dennys Silva-Reis e Vinícius Martins Flores. Os pesquisadores percebem que no Brasil a área de tradução *queer* ainda não tem um desenvolvimento consolidado na academia e objetivam sanar esta lacuna através desta publicação pioneira. É fato, entretanto, que o mercado editorial e audiovisual já vem apresentando produtos traduzidos para o público LGBTQIAPN+ há anos. Jeremias Lucas Tavares e Sinara de Oliveira Branco (2024) elencam produtos audiovisuais, tais como *RuPaul's Drag Race* (2009-presente), *Orange is the new black* (2013-2019), *Queer Eye* (2018-presente), *Pose* (2018-2021), *Euphoria* (2019-presente), *Sex Education* (2019-2023). No Brasil, es autories apontam séries que também possuem

personagens LGBTQIAPN+, sendo elas: Vai Que Cola (2013-presente), 3% (2016-2020), Segunda Chamada (2019) e Todxs Nós (2020).

A tradução *queer* tem um impacto profundo na construção e percepção de pessoas LGBTQIAPN+. Ao tornar suas vozes e experiências acessíveis em variadas línguas e culturas, a tradução pode ajudar a promover uma solidariedade compartilhada pela comunidade LGTBQIAPN+ de todo o mundo. Além disso, a tradução *queer* desafia as narrativas dominantes e oferece formas alternativas de compreensão do gênero e da sexualidade, contribuindo assim para a redefinição contínua destas compreensões em contextos locais e globais. Trata-se de uma ferramenta poderosa na subversão à opressão causada pela cis-heteronormatividade, celebra a diversidade, e torna-se uma área essencial de estudo e prática no século XXI.

No âmbito da tradução audiovisual, a tradução *queer* é uma tradução resistente à retificação de conteúdos *queer* ou à eliminação de ambiguidades. Tais práticas ocorrem, por vezes, quando tradutores deixam de adotar uma postura profissional comprometida com as demandas de públicos não cisgêneros e/ou não heterossexuais, optando por reproduzir ideologias linguísticas hegemônicas. Essa escolha se reflete no uso de uma linguagem que não contempla as vivências de pessoas LGBTQIAPN+, sejam elas personagens ficcionais ou indivíduos reais. Tal postura pode contribuir para a exclusão da linguagem neutra nas legendas, aspecto que se revela central para os objetivos desta pesquisa. Nesse contexto, Tavares e Branco (2024, p. 306) explicam que

[...] levando em consideração a proeminência dessas questões, o estudo de produções audiovisuais sobre, para e pela comunidade em estudo é de suma necessidade e emergência. Além da produção de séries e filmes, o estudo da tradução dessas produções audiovisuais também é pertinente, a fim de explorar como a cultura e a linguagem LGBTQI+ são representadas no texto fonte e na cultura de partida e no texto traduzido e na cultura de chegada através da tradução audiovisual, seja pela legendagem ou pela dublagem.

Diante do exposto, é possível perceber as contribuições dos feminismos e das teorias *queer* aos Estudos da Tradução. A tradução está nas fronteiras, no espaço interlocutório, não há pontos fixos; as relações de poder são centrais tanto na tradução feminista quanto na tradução *queer*, cada uma à sua maneira cria a possibilidade de embate direto à cultura hegemônica - patriarcal, machista, sexista, LGBTfóbica - e o tradutor é, de fato, um mediador ideológico.

No próximo capítulo, o objetivo é apresentar minhas escolhas metodológicas, feitas ao longo da pesquisa, de modo a permitir a compreensão do percurso adotado. O caminho traçado vai desde os primeiros passos para a seleção das legendas da terceira temporada da série *Sex Education*, que compõem o *corpus*, considerando os cuidados éticos<sup>23</sup> exigidos em pesquisas nas Ciências Humanas, até a definição de orientações metodológicas alinhadas aos construtos analíticos discutidos até este momento do texto.

---

<sup>23</sup> Os cuidados éticos que informam este estudo na área de Ciências Humanas estão embasados na Resolução 466/2012 e na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

### 3. “NÃO REPAREI NA LEGENDA”: investigando legendagem e não-binariedade

Como vimos na Introdução, esta pesquisa propõe analisar o uso de linguagem não-binária nas escolhas tradutórias que comparecem nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education* e sua recepção por pessoas não binárias. Este capítulo descreve os caminhos metodológicos adotados na condução desta pesquisa, que inserida na Linguística Aplicada Indisciplinar, adota uma abordagem qualitativo-interpretativista. Sendo assim, compreendo que os fenômenos de linguagem não se encerram em fronteiras fixas entre disciplinas, tampouco podem ser descolados de seus contextos históricos, sociais e ideológicos. A proposta não busca estabelecer verdades universais, mas compreender processos de significação a partir de práticas sociais específicas. Com base nisso, a pesquisa parte do entendimento de que a tradução, como fenômeno cultural e linguístico, é uma prática atravessada por disputas ideológicas.

A escolha metodológica está ancorada em princípios que valorizam a complexidade dos fenômenos discursivos e a fluidez das fronteiras disciplinares. Ao mobilizar pressupostos da indisciplinaridade (Moita Lopes, 2006), este trabalho transita entre os Estudos da Tradução, a Análise do Discurso, a Antropologia Linguística e a Linguística *Queer*, sem se prender a recortes rígidos. A metodologia adotada reconhece o papel ativo de seres sociais na produção de sentidos. Nessa empreitada, uma tradutora/legendadora de uma das temporadas da série e três pessoas não binárias foram entrevistadas, permitindo uma escuta de vozes que reagem e reinterpretam as escolhas tradutórias a partir de seus próprios repertórios de vida. O caráter interpretativista da pesquisa implica uma valorização da subjetividade das participantes, reconhecendo que as entrevistas não produzem dados “puros” ou “objetivos”, mas são atos de fala situados. As experiências e percepções que emergem desses encontros são compreendidas como produções de sentido que ajudam a investigar as ideologias linguísticas que circulam tanto na produção quanto na recepção das legendas deste produto audiovisual de grande alcance, que é *Sex Education*. Este é, portanto, um caminho metodológico inovador, dado que aproxima discussões de Estudos da Tradução e de Antropologia Linguística e que muito tem a contribuir para o campo da Linguística Aplicada indisciplinar.

É válido ressaltar que ao final desta dissertação há uma declaração de uso responsável de Inteligência Artificial Generativa.

### 3.1 Da seleção da série e da temporada

Minha escolha pela série *Sex Education* não é aleatória. Trata-se de uma produção britânica contemporânea que alcançou grande visibilidade internacional, conhecida por apresentar performances de gênero e de sexualidade, diversidade e relações familiares de maneira aberta e ideologicamente posicionada. Dessa forma, os temas que são levantados são frequentemente marcados por disputas discursivas nos contextos de recepção, especialmente por grupos sociais que reproduzem um conservadorismo completamente negativo em relação às questões de gênero e sexualidade. Assim, a série oferece um terreno fértil para analisar como a tradução audiovisual e, mais especificamente, a legendagem pode agir reforçando ou subvertendo normas hegemônicas excludentes na cultura de chegada, que é a cultura brasileira.

A opção pela terceira temporada, especificamente, decorre do fato de que ela intensifica a abordagem de debates contemporâneos, como o uso de neolinguagem, as políticas de gênero no espaço escolar e a não conformidade com a cis-heteronormatividade, presentes no arco narrativo de Cal Bowman, personagem que é introduzida na série na terceira temporada, estreada em 17 de setembro de 2021. Essa temporada também foi marcada por debates públicos nas redes sociais brasileiras sobre a qualidade e a ideologia das legendas, o que a torna especialmente relevante para se pensar sobre sua tradução. Além disso, a terceira temporada representa um ponto de amadurecimento da narrativa, onde os conflitos e as representações se tornam mais explícitos e complexos, exigindo soluções tradutórias igualmente complexas.

### 3.2 Da seleção das legendas

As legendas da terceira temporada propiciam o debate sobre performances de gênero e linguagem neutra, questões caras à contemporaneidade, à prática tradutória e à recepção de tradução. Nesse contexto, Kristijan Nikolić (2018, p. 180) argumenta que

Uma das formas mais populares de atingir públicos em países com idiomas diferentes do inglês é a legendagem interlingual, e serviços SVOD como a Netflix transmitem seu conteúdo geralmente legendado para 86 milhões de espectadores, que em breve chegarão a 100 milhões<sup>24</sup>, em todo o mundo. A legendagem, então, se torna o veículo pelo qual esse conteúdo em inglês atinge seu público global. A legendagem interlingual é marcada pela exposição simultânea do espectador à língua-fonte do material de origem e às legendas em sua língua de chegada.

---

<sup>24</sup> Dados gerados em abril de 2017.



Com o objetivo de aprofundar a compreensão das entrevistas, que são o foco central da análise, apresento no quinto capítulo as legendas em português (do Brasil) selecionadas na série, nas quais a neolinguagem se faz presente. Nessas legendas, identifiquei momentos que evidenciam uma desobediência necessária à norma padrão da língua portuguesa, especialmente em diálogos com ou sobre o personagem Cal Bowman. A inclusão dessas legendas tem, portanto, apenas uma função contextual. Investigar a recepção das legendas pelo público oferece a possibilidade de explorar como espectadores interpretam, se envolvem (ou não), apreciam (ou não) e se identificam (ou não) com o texto traduzido e, consequentemente, com o produto audiovisual que consomem.

### 3.3 Da seleção das pessoas entrevistadas

A seleção de participantes teve dois momentos. A primeira entrevistada foi uma tradutora/legendadora de uma das temporadas da série que, por razões éticas, não será especificada. Entrei em contato com ela através de uma rede social, me apresentei, apresentei esta pesquisa e solicitei, então, uma entrevista online via Zoom. Utilizo o codinome *Luiza*, seus pronomes são *ela/dela*. Luiza é uma mulher cis, branca, casada, de 36 anos de idade, de classe média, graduada em Direito e residente de Pernambuco.

A participação dela foi fundamental: sua experiência no mercado de tradução audiovisual brasileiro permite compreender os bastidores da legendagem, as negociações com produtores de plataformas de *streaming*, os limites impostos por diretrizes editoriais e os dilemas éticos enfrentados por profissionais diante de temáticas sensíveis como gênero e sexualidade. A escuta da tradutora foi fundamental para desfazer a noção de que a legenda é resultado apenas de decisões pessoais ou ideológicas de tradutores. Ao contrário, o processo tradutório é mediado por uma série de restrições, incluindo tempo de exibição, normas da empresa contratante, padronizações técnicas e até pressões de censura velada. A partir desse depoimento, tornou-se possível compreender com mais precisão as condições de produção das legendas e os pontos de tensão que emergem quando o conteúdo exige atenção à diversidade e à inclusão.

O segundo momento da seleção se deu quando convidei uma pessoa não binária dos meus contatos para ser entrevistada; porém solicitei que antes da entrevista ela assistisse à terceira temporada de *Sex Education* no formato legendado. Utilizo o codinome *Raffel*, seus pronomes são *ela/dela*, *elu/delu* e *ele/dele*. Raffel é negro de pele clara, solteiro, de 26 anos de idade, classe média, com ensino médio completo e residente do Rio de Janeiro. Elu foi o

ponto de partida do método *snowball*, em que uma participante indicou a outra. Escolhi o método buscando garantir a pluridimensionalidade de dados.

Raffel convidou Gerian (codinome). Seus pronomes são *elu/delu*, *ela/dela* e *ele/dele*. Gerian é negra de pele clara, solteira, de 31 anos de idade, de classe média, graduada em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) e residente de Pernambuco. Gerian, por sua vez, convidou Tellis (codinome). Seus pronomes são *ile/dile*. Tellis é branca, solteira, de 35 anos de idade<sup>25</sup>, classe média, graduada em Dança e residente do Rio de Janeiro. Percebe-se, portanto, que os critérios de seleção foram maioria e ter assistido à temporada legendada.

A escolha por pessoas não binárias visou escutar experiências diretamente atravessadas pelos discursos veiculados e traduzidos na série. Isso inclui tanto os impactos emocionais da identificação com personagens, quanto a percepção crítica sobre as escolhas tradutórias.

### 3.4 Das entrevistas

As entrevistas semiestruturadas respeitam as singularidades das vozes ouvidas sem pretender universalizá-las, mantendo o compromisso ético e político com uma escuta atenta. Embasamo-nos na perspectiva de Jan Blommaert e Dong Jie (2006, p. 39) de que a entrevista é uma conversa colaborativa. Dessa forma, consideramos aqui a entrevista semiestruturada como um tipo particular de conversa ou prática discursiva que flui e constrói significados também no formato online. Os excertos das entrevistas serão analisados por subtemas, conforme propõem Glenda Cristina Valim de Melo e Luiz Paulo da Moita Lopes (2014)<sup>26</sup>. David Orrego-Carmona (2019) argumenta que a recepção de conteúdo audiovisual traduzido tem duas dimensões, sendo elas a individual e a social, e que esse tipo de estudo comumente testa a recepção de mais de um aspecto da tradução e envolve uma combinação de métodos.

No contexto do *corpus*, que são os excertos das entrevistas semiestruturadas, eles permitem explorar não apenas as escolhas linguísticas visíveis no texto legendado, mas também as racionalidades, tensões e estratégias envolvidas no processo tradutório, a partir da perspectiva da pessoa tradutora/legendadora. O formato semiestruturado garante espaço para aprofundar temas relevantes que emergem na fala da pessoa entrevistada, ao mesmo tempo em que mantém um foco analítico alinhado aos objetivos da pesquisa.

<sup>25</sup> Idades coletadas em 07 de maio de 2025.

<sup>26</sup> Apesar de a autora e o autor, no artigo citado, estarem apresentando uma entrevista feita através de um *chat* de um *website* e não a transcrição de uma fala, consideramos que a maneira na qual os excertos foram subdivididos atende às necessidades da presente pesquisa.

Ao incluir entrevistas com três pessoas não binárias, essa metodologia amplia a escuta para além do ponto de vista técnico, incorporando experiências de recepção que ilustram como as legendas são lidas, sentidas e avaliadas por pessoas cujas performances estão diretamente implicadas nas escolhas tradutórias. As entrevistas permitem que a análise do discurso abarque as camadas afetivas, políticas e identitárias ativadas pelo texto legendado. Essa escuta múltipla, sustentada por uma perspectiva indisciplinar, fortalece a proposta crítica da dissertação ao integrar vivência, prática profissional e linguagem como dimensões interdependentes na construção de sentido.

É válido ressaltar que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFRJ e consta na Plataforma Brasil, através do CAAE de número 75173723.4.0000.5286 e parecer consubstanciado de número 6.642.697. As entrevistas foram feitas por vídeo chamadas via aplicativo Zoom e foram gravadas. Deixei explícito que não será divulgada nenhuma imagem, áudio ou dados das pessoas participantes; expliquei os objetivos da pesquisa; solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (em anexo); e sinalizei que pseudônimos são utilizados como forma de garantir o anonimato. Os roteiros utilizados nas entrevistas semiestruturadas encontram-se disponíveis nos Anexos B e C.

A perspectiva da análise será, portanto, a deste pesquisador *in mundo* (Ana Lúcia Abrahão *et al.*, 2013), dado que eu já me considerava um fã da série e no fato de que sou um homem cisgênero bissexual, membro da comunidade LGBTQIAPN+, atravessado pelas violências da cis-heteronormatividade e empático com as situações difíceis que é personagem Cal Bowman vive na temporada e que pessoas não binárias vivem na vida real. Já as ferramentas analíticas serão as ideologias linguísticas e a indexicalidade performativa.

Empregar ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004) como ferramenta analítica em uma dissertação de Linguística Aplicada indisciplinar permite investigar como crenças sociais sobre gênero, linguagem e normatividade influenciam decisões tradutórias e a recepção do texto legendado. Ao articular entrevistas com uma tradutora/legendadora e pessoas não binárias, a análise ganha densidade ao captar os conflitos e alinhamentos entre práticas profissionais, expectativas de representatividade e vivências de gênero dissidente. Essa abordagem ajuda a expor como certos usos linguísticos são naturalizados ou contestados, e como a linguagem mediada pela legenda reforça ou desafia ideologias hegemônicas sobre performances de gênero. Já a indexicalidade performativa (Borba, 2020) permite observar como elementos específicos da legenda funcionam como um campo de negociação simbólica, em que sentidos são reforçados, apagados ou reconfigurados. Isso contribui para uma análise

discursiva mais fina, que considera tanto os aspectos técnicos da legendagem quanto os efeitos gerados por essas escolhas. Juntas, ideologias linguísticas e indexicalidade performativa ampliam a potência crítica da pesquisa.

#### **4. “É OS PRONOMES QUE A PESSOA USA, ENTÃO TEM QUE RESPEITAR”: ideologias linguísticas, indexicalidade performativa e legendagem**

As ideologias linguísticas e a indexicalidade performativa enquanto ferramentas analíticas irão propiciar uma análise sobre a produção e a recepção da linguagem não-binária nas legendas da terceira temporada da série *Sex Education*. As ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) ajudam a identificar os posicionamentos socioculturais que moldam as escolhas linguísticas nas legendas, indicando as tensões entre os usos da norma padrão de um lado e as demandas por representatividade, do outro. Elas permitem entender como diferentes grupos percebem e avaliam o uso da linguagem neutra e como essas percepções podem ser observadas nas práticas tradutórias. A indexicalidade performativa (Borba, 2020), por sua vez, contribuirá na investigação sobre como a neolinguagem aponta para performances, posicionamentos e relações sociais específicas. Nas entrevistas, os sentidos atribuídos a certos usos linguísticos (como o uso do neopronome “ile”) são construídos em relação a contextos sociais mais amplos, e é através da análise indexical que se pode rastrear essas conexões. Assim, torna-se possível compreender como a linguagem neutra nas legendas é percebida não apenas como uma escolha técnica, mas como um gesto político e culturalmente situado, que mobiliza sentidos ligados ao gênero.

##### **4.1 Ideologias linguísticas**

O conceito de ideologias linguísticas, tal como formulado na antropologia linguística, oferece uma lente analítica poderosa para esta dissertação. As ideologias linguísticas ajudam a entender como crenças e valores sobre a linguagem moldam percepções, comportamentos e políticas linguísticas, especialmente em contextos socioculturais marcados por disputas identitárias. No caso da linguagem não-binária, essas ideologias se manifestam nas reações e discursos das pessoas entrevistadas, indicando tensões entre normas linguísticas tradicionalmente naturalizadas e propostas de transformação do português e do inglês. A análise de excertos de entrevistas à luz das ideologias linguísticas permite identificar não apenas opiniões explícitas sobre a linguagem neutra, mas também pressupostos subjacentes sobre o que é considerado “correto”, “natural” ou “inteligível” na língua portuguesa. Isso inclui, por exemplo, a resistência à linguagem neutra com base em argumentos de inteligibilidade, estética ou tradição, os quais apontam para ideologias dominantes que muitas vezes se apresentam como neutras ou apolíticas. Por outro lado, também é possível mapear

ideologias que reivindicam a linguagem como espaço de disputa e de visibilização de performances não-binárias, destacando como diferentes seres sociais se posicionam frente às mudanças propostas.

Nesse cenário, Paul V. Kroskrity (2004, p. 498) define ideologias linguísticas como “crenças, ou sentimentos, sobre línguas, conforme são usados nos mundos sociais [dessas línguas]”. Ele argumenta que as ideologias linguísticas — entendidas como crenças culturalmente fundamentadas sobre a linguagem e seu uso — não são apenas reflexos passivos de normas de comunicação, mas forças ativas que influenciam as relações de poder. Kroskrity (2004) situa a ideologia linguística na intersecção entre antropologia linguística, economia política e teoria social, mostrando como essas ideologias atuam para reforçar hierarquias sociais.

O autor destaca que as ideologias linguísticas são sempre social e politicamente situadas. Baseando-se em exemplos etnográficos, mostra como grupos usam ideologias para justificar a discriminação linguística, regular o uso da linguagem e afirmar o controle. Por exemplo, ideologias linguísticas frequentemente sustentam políticas linguísticas nacionalistas ou esforços para padronizar uma língua, apresentando certos dialetos ou línguas como mais “corretos”, “puros” ou “lógicos” do que outros. Assim, Kroskrity (2004) propicia uma ferramenta poderosa para a compreensão da linguagem não apenas como um sistema de signos, mas como um espaço de luta social. Em trabalho mais recente, Kroskrity (2016) oferece uma visão geral de como as ideologias da linguagem se tornaram uma preocupação central na antropologia linguística. Ele mostra como essas ideologias não são meramente teóricas, mas profundamente enraizadas na vida social cotidiana. Kroskrity traça o desenvolvimento acadêmico desse conceito e demonstra seu poder na análise do comportamento linguístico, da identidade cultural e da desigualdade social.

Nesse sentido, Kroskrity (2016) detalha como o estudo das ideologias linguísticas surgiu como uma crítica às abordagens linguísticas anteriores que tratavam a linguagem como um sistema apartado da sociedade e governado por regras específicas. A linguística tradicional, com seu foco na estrutura e na sintaxe, frequentemente negligenciava as forças sociais que moldam o modo como a linguagem é usada e percebida. Estudiosos nas décadas de 1980 e 1990, apoiando-se na antropologia, na sociolinguística e na teoria crítica, começaram a explorar como a linguagem está ligada ao poder social, à identidade e aos valores culturais. As ideologias linguísticas tornaram-se uma forma de investigar quem controla as normas linguísticas, como essas normas são aplicadas e como refletem hierarquias

sociais mais amplas. O autor propõe três aspectos centrais para essa análise: posicionalidade, multiplicidade e a consciência.

A posicionalidade refere-se ao fato de que percepções sobre o que é “correto” ou “belo” na linguagem partem de interesses e perspectivas situados social e economicamente. Esses julgamentos não são neutros: costumam servir para sustentar ou legitimar agendas políticas e econômicas. Nesta pesquisa, isso ajuda a entender como a legendagem de *Sex Education* pode ser influenciada por visões específicas de tradutorias, revisorias e plataformas — e como essas visões podem favorecer ou invisibilizar performances não binárias.

A multiplicidade destaca que não há uma única ideologia linguística dentro de um grupo; diferenças de classe, gênero, geração e outros marcadores sociais produzem visões divergentes. Isso significa que, mesmo dentro da comunidade LGBTQIAPN+, podem coexistir entendimentos diferentes sobre a forma mais legítima ou desejável de representar performances não binárias na tradução. Nas entrevistas, essa noção permite explorar as tensões e convergências entre a perspectiva da tradutora/legendadora e a de pessoas não binárias espectadoras.

Por fim, o grau de consciência refere-se à percepção que falantes ou usuáries têm das ideologias linguísticas que orientam seu uso da língua. Algumas pessoas podem articular explicitamente por que usam ou rejeitam certos termos; outras podem seguir normas sem refletir sobre elas. Considerar esse aspecto é essencial para compreender, nas entrevistas, se e como a tradutora e as pessoas não binárias percebem as escolhas tradutórias como parte de um processo político e social de visibilização da não-binariedade.

Assim, esses três elementos de Kroskrity (2016) oferecem um quadro analítico sólido para examinar não só as decisões linguísticas na legendagem, mas também os conflitos, disputas e negociações ideológicas que emergem no encontro entre produção e recepção dessa tradução audiovisual *queer*.

Kroskrity (2016) argumenta que compreender as ideologias linguísticas é essencial para explicar fenômenos do mundo real, como a mudança linguística, a revitalização e as políticas. Examina também a padronização, onde ideologias de pureza e correção moldam a forma como uma língua é percebida e ensinada. Esses processos frequentemente marginalizam a variação e a diversidade dentro da própria língua.

Nesse contexto, as ideologias linguísticas são centrais para a forma como as pessoas definem legitimidade, identidade e autoridade acerca do uso da linguagem. Raquel Souza de Oliveira e Branca Falabella Fabrício (2022, p. 405) explicam que

Investigar as ideologias linguísticas operando em um determinado evento comunicativo é trazer à tona o fato de que quando estamos refletindo sobre as línguas – e agindo na linguagem – não estamos apenas falando de formas e usos linguísticos. Afinal, nunca é só sobre as línguas. Estamos, sobretudo, ajudando a amparar ou desestabilizar imagens culturalmente cristalizadas de determinadas subjetividades, grupos sociais e as diferenciações entre eles. As concepções sobre as línguas/linguagem são orientadas sempre por perspectivas comparativas e contrastivas.

O argumento das autoras é basilar para o presente trabalho. De fato, nunca é só sobre as línguas e neste caso, não é só sobre o português e nem só sobre o inglês. As ideologias linguísticas, dizem mais sobre os grupos sociais, sobre quem fala do que sobre a língua propriamente. Como ferramenta analítica, as ideologias linguísticas dialogam com a perspectiva indisciplinar ao permitir a articulação de elementos linguísticos, sociais, culturais e políticos em uma mesma análise. Ele possibilita uma leitura crítica das falas des entrevistades, sem reduzi-las a meras opiniões, mas compreendendo-as como práticas discursivas que participam da (re)produção ou contestação de ordens linguísticas. Assim, a análise se desloca do nível puramente descritivo para um enfoque interpretativo e crítico, que indica como a linguagem — inclusive, as legendas de produtos audiovisuais contemporâneos como *Sex Education* — é atravessada por disputas ideológicas que refletem embates maiores sobre poder e pertencimento.

#### **4.2 Indexicalidade performativa**

Jan Blommaert (2010) trata a indexicalidade como um conceito central para a compreensão de como a linguagem funciona em contextos globalizados e mutáveis. Para o autor, os signos linguísticos fazem mais do que comunicar conteúdo semântico, eles apontam para, ou "indexam", significados sociais que dependem do contexto. Ele enfatiza que esses significados não são fixos, mas variam de acordo com o tempo, o lugar e as posições sociais dos participantes. A indexicalidade, em sua estrutura, torna-se uma ferramenta fundamental para rastrear como determinadas formas de falar sinalizam pertencimento, autoridade, marginalidade ou outras formas de posicionamento social, especialmente em ambientes onde os recursos linguísticos circulam de forma desigual pelas redes de poder.

Essa conceituação deve-se ao trabalho fundamental de Michael Silverstein (2003, 2006) sobre indexicalidade. Silverstein defendeu a ideia de que o significado indicial opera em múltiplas "ordens", com a indexicalidade de primeira ordem referindo-se a associações interacionais imediatas entre uma forma linguística e um contexto social, e as indexicalidades de ordem superior envolvendo uma consciência mais metapragmática — onde falantes



reconhecem e manipulam essas associações para fins sociais ou ideológicos. Blommaert (2010) baseia-se nessa compreensão estratificada, aplicando-a a paisagens sociolinguísticas globalizadas onde diferentes ordens de indexicalidade se sobrepõem, se chocam e mudam rapidamente.

A influência de Silverstein (2003, 2006) também é visível na argumentação de Blommaert (2010) sobre como a indexicalidade está inserida em estruturas ideológicas. A perspectiva metapragmática de Silverstein enfatizava que os usuários da língua nunca estão apenas "apontando" para significados sociais no vácuo — o fazem dentro de sistemas de crenças e normatividade. Blommaert (2010) amplia essa perspectiva ao focar em como a globalização intensifica o movimento de recursos linguísticos entre contextos, criando situações em que significados indiciais são reinterpretados, contestados ou desvalorizados quando separados de sua base sociocultural original.

Essa compreensão abre caminho para pensar a indexicalidade não apenas como um vínculo estático entre forma linguística e significado social, mas como um processo dinâmico que pode ser apropriado de maneiras diversas em diferentes escalas e contextos. É nesse ponto que o conceito de indexicalidade performativa (Borba, 2020) se torna particularmente relevante para esta pesquisa, pois permite analisar como formas linguísticas — como o uso da neolinguagem — se constroem e se posicionam socialmente em interações situadas. Em vez de tratar a linguagem neutra como reflexo direto de uma identidade fixa, essa abordagem evidencia como tais escolhas apontam para afiliações políticas, posicionamentos éticos e modos de resistência ou acomodação às normas vigentes.

Ao analisar os excertos das entrevistas com essa lente, é possível identificar como falantes mobilizam recursos linguísticos que indexam não apenas performances de gênero dissidentes, mas também atitudes diante da inclusão, da normatividade linguística e da própria mídia. Uma pessoa pode, por exemplo, rejeitar a linguagem não-binária alegando "confusão" ou "artificialidade", e essa recusa indexa não só uma visão normativa de linguagem como também um posicionamento ideológico sobre gênero e representatividade. Por outro lado, alguém que apoia a inclusão de linguagem neutra pode não apenas validar a prática, mas performar um sujeito sensível às pautas de pessoas não binárias. Assim, a análise se descola de uma simples contagem ou classificação de opiniões e passa a interpretar como os participantes constroem sentidos e se constroem discursivamente.

Nesse cenário, Rodrigo Borba (2020) desafia os arcabouços linguísticos convencionais ao propor uma linguística *queer* que abraça a desorientação em vez da

coerência. A partir das contribuições de Butler (2003), Rusty Barrett (2017) e outros, Borba (2020) argumenta que as performances de gênero ou sexuais dissidentes sempre indexam discursos maiores.

Borba (2020, p. 31) explica que “o conceito de indexicalidade, portanto, ilustra que (1) o significado não antecede o uso e (2) fenômenos linguísticos locais estão sempre (in)formados por discursos mais amplos.” Uma de suas principais contribuições é o argumento de que os fenômenos indexicais são por si só performativos e, por sua vez, a performatividade só pode funcionar e ter efeitos no mundo ao mobilizar ou ressignificar sentidos indexicais. O autor argumenta que

A indexicalidade é o mecanismo cultural que movimenta a performatividade ao vincular nossas ações linguísticas situadas a [...] discursos. É nessa relação entre língua e discurso que a cis-heteronormatividade e sua contestação se materializam em nossas ações diárias (Borba, 2020, p. 31).

Por exemplo, na utilização de um pronome neutro há toda uma carga semântica que aponta para um terreno sociopolítico e ideológico. O pronome se torna um lugar onde a performances de gênero, a resistência e a subversão se tornam legíveis ou ilegíveis. Essa perspectiva permite uma análise da linguagem em sintonia com a nuance, a ambivalência e a contradição.

Além disso, a abordagem de Borba (2020) para a indexicalidade performativa destaca a desorganização da prática linguística — como as pessoas às vezes falham em performar “corretamente”, como as intenções falham e como os significados mudam dependendo da situação e des receptories. Isso é especialmente importante em contextos *queer*, onde a desidentificação, a paródia e a ambiguidade são frequentemente estratégias de sobrevivência. A indexicalidade performativa ajuda a dar sentido a essas manobras linguísticas complexas, mostrando como o significado é co-construído e contestado, em vez de imposto de cima para baixo. O autor impulsiona o campo da linguística *queer* ao reformular a indexicalidade como um processo performativo. Essa mudança destaca a natureza situada e interacional da construção pessoal e destaca o papel da linguagem nas negociações por pertencimento social, resistência e visibilidade.

A perspectiva da indexicalidade performativa (Borba, 2020) também dialoga com a proposta indisciplinar da dissertação ao articular elementos linguísticos, ideológicos, políticos e midiáticos sem hierarquizá-los. Em vez de buscar uma verdade linguística ou uma postura normativa, a análise assume a linguagem como um campo de disputas, onde significados são

constantemente reatualizados em função das relações sociais. Isso permite uma leitura crítica e situada dos dados, mostrando como falantes produzem sentidos sobre linguagem neutra em articulação com valores sociais mais amplos, como autenticidade, clareza, respeito e visibilidade. Dessa forma, a indexicalidade performativa permite entender a linguagem neutra não como uma simples representação, mas como uma prática que produz efeitos sociais concretos.

Nessa conjuntura, o conceito de indexicalidade a partir das contribuições de Silverstein (2003, 2006) e Blommaert (2010), evidencia como significados linguísticos estão sempre situados e atravessados por estruturas ideológicas. A reformulação proposta por Borba (2020) concebe a indexicalidade como um processo performativo, no qual as escolhas linguísticas não apenas remetem a performances e posicionamentos sociais, mas também os constroem, desestabilizam e ressignificam. Essa perspectiva rompe com visões essencialistas e estáticas da linguagem, permitindo compreender usos como a neolinguagem como ação social em disputa.

Ao considerar os objetivos específicos desta dissertação, a indexicalidade performativa oferece uma ferramenta analítica potente. Ela possibilita examinar, nos excertos das entrevistas, como a tradutora e os espectadores mobilizam recursos linguísticos que indexam performances de gênero dissidentes, negociações com normas linguísticas e posicionamentos políticos. Essa abordagem permitirá interpretar de que maneira essas práticas linguísticas, tanto na produção da legendagem quanto na sua recepção, não apenas apontam para realidades sociais, mas contribuem para moldá-las, reforçando ou contestando hierarquias e visibilidades.

Assim, ao adotar as ideologias linguísticas e a indexicalidade performativa como lentes analíticas, este trabalho está preparado para examinar, no capítulo seguinte, como as vozes da tradutora/legendadora e das pessoas não binárias entrevistadas constroem, negociam e contestam sentidos sobre linguagem neutra e representatividade, revelando as disputas ideológicas, sociais e políticas que atravessam a legendagem e sua recepção.

## 5. “CADA MILÉSIMO DE SEGUNDO É PRECIOSO”: produção e recepção de legendagem

Ao analisar as falas da tradutora/legendadora e a recepção das pessoas não binárias entrevistadas, é possível identificar como o uso ou a recusa da linguagem neutra reconfigura normas discursivas. Através da indexicalidade performativa, entende-se que a linguagem constrói o mundo e constrói, também, possibilidades de existência e visibilidade para pessoas historicamente marginalizadas. Em conjunto, essas ferramentas tornam a análise discursiva mais profunda, conectando as microescolhas linguísticas à macroestrutura de ideologias e práticas sociais.

Com base no exposto, primeiramente, apresento as legendas<sup>27</sup> da terceira temporada de *Sex Education* que contêm linguagem neutra no texto traduzido:

Quadro 1 - Legendas selecionadas da terceira temporada da série *Sex Education*

| Tempo de exibição | Texto fonte                                           | Texto traduzido                                             |
|-------------------|-------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| T3E2 - 18:27      | “My pronouns are they/them, but no worries. I’m Cal.” | “Meus pronomes são ‘ile/dile’, mas de boa. Meu nome é Cal.” |
| T3E4 - 16:23      | “So Cal wants to know what line they should join.”    | “Cal quer saber em qual fila entrar.”                       |
| T3E5 - 38:26      | “You are beautiful.”                                  | “Você é uma lindeza.”                                       |
| T3E8 - 31:49      | “That’s okay. You’ll speak up when you’re ready.”     | “Tudo bem. Ainda não estava pronta.”                        |

Fonte: própria (2025)

As legendas da terceira temporada da série *Sex Education* apontam para tensões importantes entre os conceitos de *gender-neutral language* e *trans-affirming language* no inglês e as tentativas de adaptação para a língua portuguesa, através da linguagem neutra, não binária ou neolinguagem. O exemplo do episódio 2 da temporada (T3E2 - 18:27), no qual Cal se apresenta afirmando que seus pronomes são *they/them*, foi traduzido para “Meus pronomes são ‘ile/dile’, mas de boa. Meu nome é Cal.”. Nota-se aqui um esforço de manutenção da marca identitária, evitando o apagamento do pronome, a partir da utilização dos neopronomes “ile/dile”.

Situação distinta ocorre em T3E4 - 16:23, quando a fala em inglês “So Cal wants to know what line *they* should join” é traduzida simplesmente como “Cal quer saber em qual fila entrar.”. Aqui se observa o que se poderia chamar de apagamento pronominal, estratégia

<sup>27</sup> Conforme fizeram Jeremias Lucas Tavares e Sinara de Oliveira Branco (2024, p. 311), dado que a plataforma Netflix não permite capturas de tela.

recorrente no português para evitar a marcação de gênero, mas que, nesse caso, contradiz o efeito pedagógico e afirmativo presente no original. A ausência do pronome em português não apenas neutraliza o gênero de forma morfológica, como apaga a própria materialização da não-binariedade de Cal, diluindo o efeito performativo de *they*. O que em inglês funciona como índice direto da identidade de Cal, em português se torna uma frase genérica.

No episódio 5 (T3E5 - 38:26), a fala “You are beautiful” aparece no original com uma forte marcação feminina. O adjetivo *beautiful*, embora possa ser usado em situações amplas, no uso corrente da língua inglesa é mais frequentemente associado a feminilidades, em comparação, por exemplo, com *handsome*, mais associado a masculinidades. A tradução para o português como “Você é uma lindeza” opera, nesse caso, um deslocamento interessante: ao optar por um substantivo, em vez de um adjetivo como “linda” ou “bela”, a legenda suaviza essa associação direta com a marcação de gênero. A expressão “uma lindeza” no português brasileiro funciona como expressão afetiva neutra que se afasta da carga feminina que *beautiful* carrega no inglês.

Já no episódio 8 (T3E8 - 31:49), o original “That’s okay. You’ll speak up when you’re ready.” foi traduzido como “Tudo bem. Ainda não estava pronta.”. Se por um lado há acerto no uso da forma “pronta”, que marca a tentativa de neutralidade morfológica, por outro, há uma alteração semântica relevante: o inglês projeta a fala para o futuro, garantindo autonomia à personagem (“você vai falar quando estiver pronta”), enquanto a tradução em português a desloca para o passado, como justificativa (“ainda não estava pronta”). Essa alteração transforma uma fala de afirmação da autonomia em uma fala de desculpabilização.

De modo geral, a legendagem oscilou entre tentativas de adaptação inovadoras e apagamentos que fragilizam a potência afirmativa do original. A inconsistência entre os sistemas utilizados (“ile/dile”, apagamento, sufixo “-e”) evidencia a dificuldade de se lidar com a linguagem não binária em português. Como alerta Butler (2019), somente os corpos que materializam a norma são plenamente reconhecidos, e os que escapam são considerados abjetos. Assim, quando a legenda oscila ou apaga, a tradução não é apenas escolha linguística, mas prática discursiva que define quem aparece e quem permanece invisível. A tarefa da legendagem, nesse contexto, não se resume à transferência de conteúdo, mas ao ato político de garantir que a identidade enunciada em inglês seja preservada em português, evitando que a tradução reinstaure a violência simbólica que a própria série se propõe a questionar.

A seguir, apresento a análise dos excertos das entrevistas, que compõem o corpus deste trabalho, organizados por temas.

### 5.1 A prática de legendagem e as ideologias linguísticas que a (in)formam

A entrevista com Luiza, centrada no processo de legendagem da série *Sex Education*, oferece um material rico para analisar como ideologias linguísticas e indexicalidade performativa operam na prática tradutória, especialmente quando esta se insere em contextos de forte carga política e social, como o da representação da não-binariedade.

De acordo com Kroskrity (2004), ideologias linguísticas são crenças e atitudes naturalizadas sobre a linguagem que se manifestam nas práticas e nos discursos de seres sociais. Na entrevista, Luiza evidencia uma tensão entre o ideal de respeito à identidade de gênero e as limitações impostas pela própria prática da legendagem, marcando um embate entre ideologias inclusivas (que buscam legitimar a linguagem neutra) e ideologias normativas (que veem a linguagem neutra como "estranha" ou "difícil"). Na prática da legendagem, isso significa que escolhas inclusivas podem ser rapidamente reclassificadas como erros de escrita ou falhas técnicas, o que desloca a não-binariedade do campo da legitimidade para o campo do defeito. Ao expor essa tensão, a tradutora/legendadora mostra que traduzir a não-binariedade é lidar com um paradoxo: a necessidade de dar visibilidade a corpos dissidentes e, ao mesmo tempo, a pressão para não romper a ordem normativa que organiza a língua e a recepção do texto.

#### Excerto 1: “Então, eu, como tradutora, fico mais nervosa, né?”

|    |        |                                                                   |
|----|--------|-------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge: | Aham. Isso, isso.                                                 |
| 2  |        | E aí, por questões éticas, eu não vou dizer aqui qual temporada   |
| 3  |        | you foi legendadora de <i>Sex Education</i> .                     |
| 4  |        | Mas, pra você, como foi essa experiência de legendar <i>Sex</i>   |
| 5  |        | <i>Education</i> ?                                                |
| 6  | Luiza: | Quando eu peguei o projeto, quando eu pego um projeto que já é    |
| 7  |        | uma série que tá em andamento,                                    |
| 8  |        | eu sempre vou ver uns episódios pra me situar.                    |
| 9  |        | Fiquei apaixonada pela série, maratonei ela inteira. Deu tempo de |
| 10 |        | maratonar ela inteira e ainda tive que esperar pra começar.       |
| 11 |        | Porque amei, assim, fiquei apaixonada pela série.                 |

|    |        |                                                                       |
|----|--------|-----------------------------------------------------------------------|
| 12 |        | Então, foi um prazer.                                                 |
| 13 |        | É sempre um desafio pegar séries que são mais famosas, mais           |
| 14 |        | <i>high profile</i> , como a gente chama. Porque a gente sabe que é   |
| 15 |        | um público muito grande. E, especialmente, <i>Sex Education</i> ,     |
| 16 |        | que tem personagens não binários, uma linguagem mais                  |
| 17 |        | inclusiva, é um desafio extra.                                        |
| 18 |        | Porque, por mais que eu, por exemplo, eu respeito muito pessoas       |
| 19 |        | que usam pronomes diferentes dos tradicionais, digamos assim.         |
| 20 | Jorge: | Uhum.                                                                 |
| 21 | Luiza: | Mas não vou dizer que, às vezes, a gente não escorrega, porque        |
| 22 |        | não estamos tão acostumados a usar, né?                               |
| 23 |        | <b>Então, requer muito mais atenção e a Netflix trata isso com</b>    |
| 24 |        | <b>muita seriedade. Então, eu, como tradutora, fico mais nervosa,</b> |
| 25 |        | <b>né? Fico assim, meu Deus, não posso escorregar de jeito</b>        |
| 26 |        | <b>nenhum.</b>                                                        |
| 27 | Jorge: | Aham.                                                                 |
| 28 | Luiza: | Todas as cenas que tinham a personagem Cal, eu ficava assim, eu       |
| 29 |        | via oito vezes...                                                     |
| 30 | Jorge: | (Risos)                                                               |
| 31 | Luiza: | Morrendo de medo de deixar escapar alguma coisa, né? Mas, no          |
| 32 |        | fim, deu tudo certo.                                                  |

O nervosismo expresso por Luiza (linhas 23 a 26) não pode ser lido apenas como um sentimento individual. Ele é efeito de um cenário discursivo em que a tradução audiovisual se coloca como campo de disputa política. Quando ela se apresenta “como tradutora” (linha 24), assume uma posição de autoridade, mas ao mesmo tempo expõe a fragilidade desse lugar diante das pressões externas. Esse gesto de autodefinição aponta para uma responsabilidade ética, dado que não se trata de qualquer nervosismo, mas do nervosismo de alguém cujo trabalho impacta diretamente a forma como performances não binárias aparecem — ou não —

na tela. Nesse sentido, a fala evidencia que a tradução não é só técnica, mas prática atravessada por valores morais e políticos.

Ao falar sobre esse nervosismo, Luiza já se adianta à crítica, mostrando que espera ser observada e julgada por um público atento (linhas 13 a 17). Esse olhar funciona como força reguladora, delimitando o que pode ou não ser considerado aceitável no processo tradutório. Como lembra Kroskrity (2004), ideologias linguísticas operam como regimes de autoridade que normatizam usos da língua. É exatamente isso que aparece aqui: a tradutora precisa equilibrar a não-binariedade de Cal Bowman com a legibilidade que o meio exige. Nesse jogo, o “fico mais nervosa, né?” (linhas 24 e 25) não é apenas desabafo pessoal, mas sinal público de que a tradução é atravessada por normas e tensões.

O nervosismo, então, indexa a consciência de que a tradução nunca é neutra. Cada escolha pode tanto reforçar quanto desafiar normas de gênero. Se o público percebe a decisão como correta, a legenda legitima performances não binárias; se não, é tradutore corre o risco de ser responsabilizado por apagamento ou distorção. A emoção de Luiza indica como a subjetividade de tradutore é atravessada pelos regimes de valor que circulam no campo tradutório. A ansiedade não nasce apenas da experiência pessoal, mas da materialidade das ideologias que regulam a legendagem *queer*. O ficar nervosa é performativo. Ao mesmo tempo em que revela responsabilidade ética, marca também os limites impostos por ideologias linguísticas hegemônicas que regulam o que pode ou não aparecer nas legendas.

A fala de Luiza evidencia que a tradução não é um gesto técnico neutro, mas uma prática carregada de tensões ideológicas e afetivas. Ao dizer que ficava nervosa para não “escorregar” (linha 25) nas cenas de Cal, ela expõe justamente o que Díaz-Cintas e Remael (2014) defendem: cada decisão tradutória é um ato político, atravessado por escolhas de representação que impactam quem lê. Esse nervosismo não é apenas individual, mas o sintoma de uma estrutura maior em que tradutore atua sob o olhar vigilante do público e das diretrizes corporativas, como as da Netflix, que buscam padronizar formas de dizer o neutro. O gesto de Luiza, portanto, materializa o argumento de que a tradução é sempre situada (Yonamine, 2022), carregando marcas de poder e resistência.

## Excerto 2: “Eu sou a pessoa que eu prefiro fugir do pronome”

|   |        |                                                                  |
|---|--------|------------------------------------------------------------------|
| 1 | Jorge: | Especificamente sobre <i>Sex Education</i> , né?                 |
| 2 |        | Quando a pessoa que traduziu, por exemplo, a terceira temporada, |



|    |        |                                                                           |
|----|--------|---------------------------------------------------------------------------|
| 3  |        | ela se deparou com Cal. Como lidar, assim? A Netflix, ela tem um          |
| 4  |        | guia...?                                                                  |
| 5  | Luiza: | Sim.                                                                      |
| 6  | Jorge: | ...Específico para gênero e sexualidade? Tem alguma coisa                 |
| 7  |        | específica de linguagem neutra? Como funciona?                            |
| 8  | Luiza: | Sim. A Netflix tem alguns <i>guidelines</i> específicos, alguns           |
| 9  |        | tratando sobre, tipo, sempre sobre inclusividade, né? Mas tem             |
| 10 |        | em relação a raças e etnias, em relação a LGBTQIA+, em                    |
| 11 |        | relação a pessoas com deficiência. Cada uma dessas                        |
| 12 |        | especificidades tem um guiazinho específico.                              |
| 13 |        | E, por exemplo, com relação à linguagem neutra, a gente tem...            |
| 14 |        | Deixa eu até ver se eu abro ele aqui, para eu conseguir consultar.        |
| 15 |        | Pera aí.                                                                  |
| 16 |        | Porque, por exemplo, <b>para a linguagem neutra, a gente tem</b>          |
| 17 |        | <b>mais de uma opção, né? Tem elu/delu, tem ile/dile.</b>                 |
| 18 | Jorge: | Uhum.                                                                     |
| 19 | Luiza: | <b>E a Netflix tem uma preferência pelo ile/dile, se eu não me</b>        |
| 20 |        | <b>engano. Deixa eu ver. É, isso mesmo. Ile/dile foi o que eu usei na</b> |
| 21 |        | série. Mas eu confesso que, por escrito, é um negócio que me              |
| 22 |        | incomoda um pouco enxergar. Tipo assim, no sentido de, a legenda          |
| 23 |        | é uma coisa que passa muito rápida.                                       |
| 24 |        | Então, se tem uma linguagem, se tem uma palavra, qualquer que             |
| 25 |        | seja, que a pessoa não está habituada a enxergar, ela causa um            |
| 26 |        | estranhamento quando ela tá lendo.                                        |
| 27 |        | <b>Então, eu sou a pessoa que eu prefiro fugir do pronome,</b>            |
| 28 |        | eu prefiro, se eu puder, evito o pronome, eu omito ele, e deixo a         |
| 29 |        | frase escrita de um jeito. Que eu fujo daquilo, mas eu usei ele em        |

|    |        |                                                                    |
|----|--------|--------------------------------------------------------------------|
| 30 |        | alguns momentos.                                                   |
| 31 |        | Mas assim, no que eu podia evitar, em vez de falar ile, eu botava  |
| 32 |        | Cal. Botava o nome da pessoa, porque eu acho que dá uma travada.   |
| 33 |        | E aí, quando a pessoa trava, quando ela tá lendo, ela não consegue |
| 34 |        | ler a legenda inteira. Porque passa rápido, né?                    |
| 35 | Jorge: | É verdade, é verdade.                                              |

Luiza admite que o uso de "ile/dile", embora prescrito pelos guias da Netflix (linhas 19 e 20), causa "estranhamento" (linhas 24 a 26) na leitura, o que a leva a preferir estratégias de omissão do pronome. Esse estranhamento é um índice de que a linguagem neutra ainda não ocupa o lugar de legitimidade nos regimes de visibilidade linguística amplamente compartilhados. Como Oliveira e Fabrício (2022) apontam, a linguagem é palco de disputas ideológicas que envolvem quais formas são vistas como "naturais", "corretas" ou "fluentes". A fala de Luiza, ao dizer que prefere evitar o pronome para não dar “uma travada” (linhas 32 a 34) na leitura, evidencia como as normas da "fluidez" e da "naturalidade" funcionam como ideologias linguísticas que operam, de forma sutil, a deslegitimação performativa do pronome neutro.

Segundo Borba (2020), a linguagem indexa e performa gênero, ou seja, ela produz efeitos sociais e subjetivos ao ser usada. A decisão de Luiza de substituir pronomes neutros pelo nome da personagem Cal pode ser lida como um ato tradutório que busca equilibrar inteligibilidade e respeito à não-binariedade, mas que também limita a performatividade de gênero de personagem. Quando o pronome neutro é evitado, ocorre uma reconfiguração da indexicalidade da legenda. Em vez de apontar para uma performatividade não-binária por meio da forma linguística específica (como “ile”), a legenda passa a indexar a não-binariedade de Cal apenas indiretamente, pelo uso do nome. Essa escolha é performativa no sentido de que ela modula a visibilidade da não-binariedade, contribuindo menos para a naturalização dessas performances na língua portuguesa.

Dessa maneira, o excerto evidencia uma tensão constitutiva da legendagem *queer*: a oscilação entre a visibilidade política e a fluidez técnica. Fugir do pronome é uma solução que, ao mesmo tempo, reitera os limites da recepção. A fala de Luiza torna visível a contradição de uma prática que deseja reconhecer a diferença, mas que encontra barreiras no suporte material da legenda e nas ideologias de legibilidade que o atravessam.

Ao confessar que prefere “fugir do pronome” (linha 27), substituindo-o pelo nome do personagem, Luiza ilustra de forma prática a tensão entre visibilidade e invisibilidade que Venuti (1995) e as tradutoras feministas apontaram. Essa escolha não é neutra: é uma estratégia que tenta equilibrar legibilidade e inclusão, mas que também acaba reafirmando a dificuldade de naturalizar o neutro no fluxo das legendas. Assim, a prática de Luiza se conecta com o que Olga Castro (2017) explica sobre ideologia em tradução: mesmo quando não declaramos adesão a um projeto político, traduzir é sempre alinhar-se a valores — seja para sustentar a norma, seja para subvertê-la. O incômodo que ela relata ao ver o *ile/dile* escrito revela que a resistência ao neutro não está apenas no público, mas também atravessa quem traduz.

**Excerto 3: “Uma coisa que todo tradutor morre de medo é ser cancelado no Twitter”**

|    |        |                                                                       |
|----|--------|-----------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge: | É, esse é um grande desafio da legendagem, né? Que é bem              |
| 2  |        | diferente da dublagem, assim.                                         |
| 3  |        | Você poderia falar um pouco sobre essa diferença que você vê da       |
| 4  |        | dublagem pra legendagem?                                              |
| 5  | Luiza: | <b>É, eu vejo, inclusive, que assim, muita gente... Uma coisa que</b> |
| 6  |        | <b>todo tradutor morre de medo é ser cancelado no Twitter.</b>        |
| 7  |        | <b>(Risos)</b>                                                        |
| 8  | Jorge: | (Risos)                                                               |
| 9  | Luiza: | Principalmente em séries como essa, porque a galera já vai assistir   |
| 10 |        | na defensiva, tá ligado?                                              |
| 11 |        | Então, é tipo assim, eu tô prontíssima aqui pra pegar qualquer        |
| 12 |        | coisa que esse tradutor, essa tradutora, não tenha respeitado. Eu tô  |
| 13 |        | pronta.                                                               |

Embora essa entrevista não tenha sido feita com uma pessoa não binária, ela traz indícios importantes sobre a recepção esperada e temida dessa tradução por públicos diversos, incluindo não binários. Luiza menciona que “todo tradutor morre de medo de ser cancelado no Twitter” (linha 6), apontando que há uma vigilância social sobre a tradução *queer* em obras

como *Sex Education*. Essa preocupação com a recepção aponta que a tradução não se encerra na produção textual, mas se estende à sua circulação social, especialmente em contextos de alta visibilidade e audiência ampla.

O que aparece aqui é uma ideologia linguística de responsabilização social, onde erros e apagamentos não são lidos apenas como falhas técnicas, mas como infrações éticas que podem gerar sanções coletivas. O cancelamento não é apenas ameaça externa, mas força reguladora que molda escolhas antes mesmo de a tradução acontecer. A performatividade, nesse caso, não está só no resultado final da legenda, mas também no processo de autocensura e de cuidado redobrado que precede cada decisão. Como aponta Borba (2020), a performatividade envolve tanto o ato enunciativo quanto os efeitos sociais que ele mobiliza; aqui, o medo de repercussão projeta efeitos diretos sobre como a tradutora pensa, escolhe e escreve.

Ao mesmo tempo em que pressiona pela visibilidade, essa vigilância também pode reforçar práticas mais conservadoras. Para evitar riscos, tradutorias podem optar por soluções seguras — como usar nomes em vez de pronomes —, reduzindo a chance de erro, mas também limitando a inovação. Luiza, nesse contexto, se vê como mediadora entre as diretrizes institucionais da Netflix, as expectativas do público e suas próprias concepções sobre o que é uma tradução “funcional”. Essas tensões evidenciam como as práticas tradutórias são arenas de negociação ideológica, onde nem sempre é possível alinhar perfeitamente os objetivos institucionais com os efeitos performativos desejados.

Quando Luiza afirma que “uma coisa que todo tradutor morre de medo é ser cancelado no Twitter” (linhas 5 e 6), ela dá voz ao caráter ativista e ao mesmo tempo vulnerável do trabalho tradutório no campo audiovisual contemporâneo. Como lembra Fernández (2021), traduzir é também ocupar um lugar político, exposto às disputas de sentido e à vigilância social. No caso de uma série global como *Sex Education*, a recepção acontece em escala massiva, e qualquer deslize é rapidamente lido como desrespeito ou apagamento. O medo de Luiza ecoa, então, o que Baker (2018) chama de “mudança gradual de consciência”: a tradução se tornou um campo onde a pressão do público força a abertura para vozes marginalizadas, ao mesmo tempo em que expõe tradutorias ao risco de linchamento simbólico ou “LGBTfobia tradutória”, conforme nomeia Silva-Reis (2024, p. 25). A fala dela mostra

que, na prática, é legendadore que lida com corpos dissidentes está sempre entre a norma hegemônica e a militância progressista.

**Excerto 4: “A gente não se preocupa só com o pronome. A gente tem que se preocupar com tudo.”**

|    |        |                                                                          |
|----|--------|--------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge: | Que legal. Nossa, há muito tempo já com audiovisual. Legal!              |
| 2  | Luiza: | Um tempinho é bom.                                                       |
| 3  |        | E isso que antes, que a minha “carreira” como legendadora,               |
| 4  |        | começou em 2010, eu acho, que eu participava de equipes no               |
| 5  |        | Legendas TV, para fazer voluntariamente.                                 |
| 6  |        | Não ganhava nada, mas começou ali. Foi aí que eu tive o meu              |
| 7  |        | primeiro contato.                                                        |
| 8  |        | E nunca imaginei trabalhar com isso, ganhar dinheiro fazendo isso,       |
| 9  |        | sabe?                                                                    |
| 10 | Jorge: | Uhum. De verdade!                                                        |
| 11 | Luiza: | (Risos)                                                                  |
| 12 |        | Foi um abismo de tempos. Entre as duas coisas. Não foi contínua,         |
| 13 |        | não.                                                                     |
| 14 | Jorge: | Entendi.                                                                 |
| 15 |        | E, assim, falando um pouquinho mais sobre a linguagem                    |
| 16 |        | não-binária ou linguagem neutra e tal, você vê como desafiadora          |
| 17 |        | essa dupla do inglês-português, nesse sentido?                           |
| 18 | Luiza: | Bastante.                                                                |
| 19 |        | Porque, apesar do inglês ter a própria forma de lidar com a              |
| 20 |        | linguagem não-binária, neutra, eles usam uma abordagem                   |
| 21 |        | completamente diferente.                                                 |
| 22 |        | E o inglês não é uma língua de muito gênero. <b>O inglês é uma</b>       |
| 23 |        | <b>língua neutra por si só. O que facilita muito.</b> Porque, no inglês, |

|    |        |                                                                |
|----|--------|----------------------------------------------------------------|
| 24 |        | eles colocam o pronome lá, o <i>they</i> , e, tipo, resolvido. |
| 25 | Jorge: | Isso.                                                          |
| 26 | Luiza: | Resolvido a situação. A gente, não. Porque a gente tem         |
| 27 |        | concordância com tudo, né? Os nossos adjetivos... Tudo vai...  |
| 28 |        | Tem que ficar concordando com aquele pronome.                  |
| 29 |        | <b>Então, assim, a gente não se preocupa só com o pronome.</b> |
| 30 |        | <b>A gente tem que se preocupar com tudo.</b>                  |
| 31 | Jorge: | Uhum.                                                          |

A fala de Luiza rompe a visão simplista que reduz a tradução da não-binariedade ao uso do pronome. Ela mostra que, no português, o desafio se amplia, está nas concordâncias, nos adjetivos, em cada detalhe da frase. Diferente do inglês, que, segundo a legendadora, resolve boa parte da questão com o *singular they*, o português exige uma reconstrução do discurso inteiro. O que aparece aqui é uma ideologia linguística que entende a nossa língua como altamente marcada pelo gênero, e, portanto, resistente à neutralidade.

Esse contraste com o inglês aponta para como as ideologias linguísticas circulam de forma desigual entre línguas. Enquanto o inglês é visto como língua “neutra por si só” (linhas 22 e 23), o português obriga quem traduz a lidar com uma gramática que reforça o binarismo a cada palavra. Ao dizer que “a gente tem que se preocupar com tudo” (linha 30), Luiza não está apenas descrevendo uma dificuldade técnica, mas expondo a força política dessa norma.

O efeito performativo dessa fala é sinalizar que a linguagem não binária no português não é só escolher um pronome, mas redesenhar a frase inteira para romper com uma lógica que naturaliza o binarismo. Isso mostra que a legendagem *queer* precisa ser pensada como uma prática discursiva complexa, que coloca em xeque a própria estrutura da língua. Não se trata apenas de encaixar um “ile” ou “elu” em uma frase, mas de enfrentar diretamente uma língua que não abre espaço facilmente para não especificar gênero. A tradução, nesse sentido, se torna exercício político de resistência, que tenta costurar fissuras na norma gramatical para legitimar performances que ela insiste em apagar.

#### Excerto 5: “Aquilo vai causar um estranhamento em quem tá lendo”

|   |        |                                                               |
|---|--------|---------------------------------------------------------------|
| 1 | Luiza: | A mesma coisa que eu falei, que eu tento fugir do pronome, eu |
|---|--------|---------------------------------------------------------------|

|    |                                                                      |
|----|----------------------------------------------------------------------|
| 2  | tento fugir das terminações diferenciadas também. Então, “bonite”.   |
| 3  | Por quê? Mesma coisa.                                                |
| 4  | <b>Aquilo vai causar um estranhamento em quem tá lendo.</b>          |
| 5  | Obviamente, se for um conteúdo, uma série, que é a temporada         |
| 6  | inteira, todos os personagens estão lidando daquele jeito, o público |
| 7  | já está mais preparado.                                              |
| 8  | Mas, a partir do momento que é uma pessoa só, que é não-binária,     |
| 9  | aquilo fica bem mais diluído. Então, <b>quando você bate o olho,</b> |
| 10 | <b>você acha que é um erro de escrita, você acha que é um typo,</b>  |
| 11 | <b>você acha que escreveram errado.</b>                              |
| 12 | <b>O seu cérebro vai automaticamente pra isso, sabe?</b>             |

O “estranhamento” (linha 4) nomeado por Luiza se inscreve como categoria central para compreender a recepção da linguagem não binária em legendas. O receio de que o/a leitor/a interprete formas como “bonite” como “erro de escrita” (linha 10) mostra a força da ideologia linguística normativa, que associa legitimidade àquilo que já está cristalizado no dicionário ou nos usos habituais. O efeito performativo da tradução, portanto, pode ser desviado: em vez de indexar não-binariedade, a forma pode ser lida como falha técnica.

Essa fala sinaliza como o público ocupa papel regulador nas escolhas tradutórias. Luiza argumenta que “o cérebro vai automaticamente pra isso, sabe?” (linha 12), para a hipótese do erro. Essa antecipação da recepção funciona como filtro para as decisões, evidenciando que a tradução audiovisual não se constrói apenas no texto, mas também nas representações que o tradutor faz de seu público. A ideologia da legibilidade tende a prevalecer nas decisões concretas da legendagem, salientando o que Oliveira e Fabrício (2022) chamam de tensão entre ideologias em conflito, onde a norma linguística dominante frequentemente se impõe sobre tentativas de desvio e inovação.

Do ponto de vista da indexicalidade performativa (Borba, 2020), o “estranhamento” mostra o risco de falha performativa. Ao usar formas não convencionais, a legenda pode deixar de indexar identidade e passar a indexar ruído, erro, falta de profissionalismo. Assim, o excerto aponta para a ambivalência da não-binariedade em circulação textual: ela pode ser potência de visibilidade, mas também pode ser convertida em erro, a depender das ideologias

que circulam em torno do público. O “estranhamento” é uma operação política que regula os limites da língua.

**Excerto 6: “Tô tratando certinho, com respeito, mas não tô colocando nenhuma palavra que fuja do que está no dicionário.”**

|    |        |                                                                              |
|----|--------|------------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge: | Mas, sobre isso, <i>Sex Education</i> cê acha que é um público que já vai    |
| 2  |        | esperando essa linguagem não-binária ou é um público que recebe              |
| 3  |        | esse estranhamento? Porque eu fico...                                        |
| 4  | Luiza: | Eu acho que tem de tudo. A Netflix abrange um público muito                  |
| 5  |        | diverso, muito grande. <b>Então, ao mesmo tempo que você</b>                 |
| 6  |        | <b>pensaria “Ah, mas o público-alvo de <i>Sex Education</i> vai ser essa</b> |
| 7  |        | <b>galera que já tá preparada para isso”. Você não tá errado. Ao</b>         |
| 8  |        | <b>mesmo tempo, qualquer pessoa vai assistir, sabe?</b>                      |
| 9  |        | Então, eu penso muito nisso. Então, sempre que eu podia, eu                  |
| 10 |        | escolhia botar, por exemplo, Cal é uma pessoa X ou alguma coisa              |
| 11 |        | do tipo.                                                                     |
| 12 |        | Porque quando eu boto uma pessoa, eu já estou permitida a usar               |
| 13 |        | aquela palavra no feminino.                                                  |
| 14 |        | Ou, se eu botar uma outra palavra, que for no masculino, já posso            |
| 15 |        | fazer a concordância com aquilo sem estar errando, sem estar                 |
| 16 |        | ofendendo, sem estar machucando ninguém. Tô tratando certinho                |
| 17 |        | <b>Tô tratando certinho, com respeito, mas não tô colocando</b>              |
| 18 |        | <b>nenhuma palavra que fuja do que está no dicionário, digamos</b>           |
| 19 |        | <b>assim.</b>                                                                |
| 20 | Jorge: | Aham. Entendo.                                                               |

O dicionário aparece, nesse excerto, como fronteira de legitimidade. Luiza se preocupa em tratar personagens não binários “com respeito”, mas sem usar “nenhuma palavra que fuja do que está no dicionário” (linhas 17 a 19). Essa justificativa mostra uma ideologia linguística



que ancora a autoridade da língua no que está registrado oficialmente. Esse movimento performa uma negociação delicada. De um lado, o cuidado de não ofender, de não reproduzir violências; de outro, a necessidade de não romper com a norma. Borba (2020) mostra como a performatividade se dá nas escolhas que constroem identidades; aqui, a escolha de ficar “no dicionário” constrói a tradutora como profissional correta, que respeita a não-binariedade sem arriscar sua própria autoridade.

Nesse cenário, a não-binariedade exige criatividade linguística, mas o apego ao dicionário freia esse processo. Para driblar essa tensão, Luiza opta por descrições como “Cal é uma pessoa X” (linhas 10 e 11), escapando de recorrer a inovações fora da norma. Isso mostra como a prática tradutória é marcada por estratégias de contorno, que preservam a inteligibilidade sem perder de vista o respeito. Assim, o respeito está presente, mas limitado pelas fronteiras impostas pela norma hegemônica.

#### **Excerto 7: “Cada milésimo de segundo é precioso.”**

|    |        |                                                                       |
|----|--------|-----------------------------------------------------------------------|
| 1  | Luiza: | Entende?                                                              |
| 2  |        | Eu acho, especificamente na legendagem... Acho que se fosse um        |
| 3  |        | texto escrito, um arquivo, um artigo, aliás, um livro, alguma coisa   |
| 4  |        | assim, o público não tem essa coisa do tempo pra ler aquilo ali       |
| 5  |        | limitado.                                                             |
| 6  |        | Então, eu acho que seria uma preocupação menor se eu estivesse        |
| 7  |        | traduzindo um artigo, um texto que vai ficar lá e a pessoa vai ler no |
| 8  |        | tempo dela.                                                           |
| 9  |        | Mas eu acho que, e eu falo isso como tradutora, porque, tipo assim,   |
| 10 |        | eu, quando eu estou traduzindo um texto, às vezes, isso não só é      |
| 11 |        | relacionado à binariedade e à neutralidade de gênero, mas quando      |
| 12 |        | eu tô usando uma palavra que tem mais de um significado, por          |
| 13 |        | mais que no contexto fique claro qual é o significado que eu tô       |
| 14 |        | querendo usar daquela palavra ali, se ela tem mais de um              |
| 15 |        | significado e a minha cabeça, por um segundo que seja, ela vai pro    |

|    |        |                                                                             |
|----|--------|-----------------------------------------------------------------------------|
| 16 |        | outro, eu falo “Já não vou usar essa palavra”. Já não vou usar essa         |
| 17 |        | palavra porque se a minha cabeça foi e fui eu que escrevi o texto...        |
| 18 | Jorge: | Aham.                                                                       |
| 19 | Luiza: | A de outra pessoa vai com facilidade, entendeu? Então, eu tento             |
| 20 |        | deixar o menos dúbio possível, porque <b>eu acho que na legenda a</b>       |
| 21 |        | <b>gente tem que ter esse cuidado um pouquinho maior por causa</b>          |
| 22 |        | <b>da questão do tempo do texto na tela, que é muito reduzido.</b>          |
| 23 |        | A legenda vai ficar, no mínimo, assim, sei lá, de 20 segundos...            |
| 24 |        | Segundos não! De jeito nenhum! De 20...                                     |
| 25 |        | Tô pensando em <i>frames</i> , mas <i>frames</i> não traduz bem pro público |
| 26 |        | em geral. De 20... Sei lá, de meio segundo que seja, um pouco               |
| 27 |        | mais que isso, até no máximo 7 segundos.                                    |
| 28 |        | Mas uma legenda ficar 7 segundos na tela é praticamente                     |
| 29 |        | impossível. É muito raro, muito raro. É o máximo de tempo que               |
| 30 |        | ela pode ficar, mas não acontece.                                           |
| 31 | Jorge: | É...                                                                        |
| 32 | Luiza: | Talvez um documentário que a pessoa fala muito devagar, fala                |
| 33 |        | pensando, mas em série, em ficção, impossível, não acontece.                |
| 34 |        | O <i>pace</i> é mais rápido.                                                |
| 35 | Jorge: | Uhum.                                                                       |
| 36 | Luiza: | Então, eu penso muito nisso, mas, assim, têm casos que não dá               |
| 37 |        | para fugir, né? E aí a gente usa o... Bota o pronome. Eu acho que           |
| 38 |        | isso é muito preferencial também.                                           |
| 39 |        | Isso é a forma que eu prefiro abordar, né? Mas já vi outros                 |
| 40 |        | conteúdos que quem traduziu usou bastante os pronomes. <i>Ile/dile</i> e    |
| 41 |        | colocando as concordâncias, terminando com “e” também, para                 |
| 42 |        | fazer isso.                                                                 |

|    |        |                                                                   |
|----|--------|-------------------------------------------------------------------|
| 43 |        | <b>Não é o que eu prefiro fazer no meu texto.</b>                 |
| 44 |        | Mas só por causa desse estranhamento que eu acho que pode         |
| 45 |        | causar, sabe? Dessa... É... Acho que pode fazer a pessoa olhar um |
| 46 |        | pouco mais devagar.                                               |
| 47 |        | <b>E aí, como cada milésimo de segundo é precioso...</b>          |
| 48 | Jorge: | Uhum.                                                             |
| 49 | Luiza: | Eu prefiro deixar o mais neutro possível em todos os sentidos     |
| 50 |        | mesmo. Tipo... Mas...                                             |
| 51 | Jorge: | Talvez mais fluido, né?                                           |
| 52 | Luiza: | Isso, de uma forma que fique... Especialmente que são conteúdos   |
| 53 |        | bem informais e, né? Que cabem essa coloquialidade.               |
| 54 |        | Então eu deixo de um jeito que fique mais... Mais dinâmico, mais  |
| 55 |        | fácil de a pessoa ler. Porém, com certeza usei ile/dile.          |
| 56 |        | Não vou saber dizer quantas vezes, nem...                         |
| 57 | Jorge: | É... Sim, sim. Usou ile/dile. Sim, sim.                           |

O tempo aparece aqui como argumento decisivo. Para Luiza, na legendagem não há espaço para hesitação, dado que “cada milésimo de segundo é precioso” (linha 47) qualquer segundo a mais na leitura compromete a “fluidez”. A consequência é que a não-binariedade, quando marcada, pode ser lida como ruído que atrapalha o ritmo, que faz com que o/a espectador/a “trave”.

Mas essa mesma lógica mostra como limitações técnicas podem se sobrepor às demandas de pessoa não binárias. Se cada segundo é precioso, a inclusão de neopronomes ou do morfema -e pode ser vista como desperdício de tempo, e por isso descartada. A pressão pelo ritmo, então, pode acabar reforçando escolhas mais conservadoras. Esse excerto escancara a dimensão material da questão. A luta pela visibilidade não é somente contra normas gramaticais ou ideológicas, mas também contra os limites técnicos do produto audiovisual.

A fala de Luiza está praticamente encarnada nas páginas do capítulo 2. Ela diz na entrevista que “cada milésimo de segundo é precioso” (Excerto 7, linha 47), que prefere às

vezes evitar o pronome para não travar a leitura (Excerto 2, linha 27), e que trabalha com *guidelines* (Excerto 2, linhas 8 a 12) e o capítulo traz exatamente essa tensão entre exigências técnicas (tempo, espaço das legendas e diretrizes das plataformas de *streaming*) e postura política dê tradutore. Luiza explicita o dilema prático: ser fiel ao original e, ao mesmo tempo, tornar o texto legível e respeitoso no tempo curto da tela — uma negociação que o capítulo mapeia como inerente ao ativismo tradutório e às limitações da TAV.

**Excerto 8: “Como pessoa mesmo, faço o máximo que posso. Como tradutora, é meu trabalho, minha obrigação.”**

|    |        |                                                                      |
|----|--------|----------------------------------------------------------------------|
| 1  | Luiza: | Sem dúvida.                                                          |
| 2  |        | A gente usa e é um... Eu, assim, particularmente eu acho muito       |
| 3  |        | legal porque já tive algumas conversas com pessoas diferentes        |
| 4  |        | sobre isso porque <b>tem gente que tem uma resistência grande,</b>   |
| 5  |        | <b>né? A... Aos pronomes não binários. Acha que é frescura, acha</b> |
| 6  |        | que isso, acha que é aquilo.                                         |
| 7  |        | Eu entendo que nem sempre vem fácil você colocar isso na tua         |
| 8  |        | linguagem.                                                           |
| 9  | Jorge: | Uhum.                                                                |
| 10 | Luiza: | Porque a gente fala sem pensar. A gente fala no automático, né? E    |
| 11 |        | aí, a partir do momento que você está falando com uma pessoa que     |
| 12 |        | requer um cuidado especial de tratamento, você tem que pensar no     |
| 13 |        | que você tá falando. Você não pode falar sem pensar.                 |
| 14 |        | É um treinamento também. <b>A partir do momento que você tem</b>     |
| 15 |        | <b>mais contato com pessoas que exigem um tratamento</b>             |
| 16 |        | <b>diferenciado, seu cérebro fica mais rápido.</b>                   |
| 17 | Jorge: | Aham.                                                                |
| 18 | Luiza: | Então você vai ficando mais dinâmico também. Mas eu acho que é       |
| 19 |        | muito uma questão de respeito mesmo, de, tipo assim, cara,           |
| 20 |        | <b>se a pessoa quer ser tratada dessa forma, não me custa nada,</b>  |

|    |        |                                                                      |
|----|--------|----------------------------------------------------------------------|
| 21 |        | <b>no mínimo, tentar fazer isso que a pessoa tá pedindo.</b>         |
| 22 |        | <b>Então eu, assim, como pessoa mesmo, faço o máximo que</b>         |
| 23 |        | <b>posso. Como tradutora, é meu trabalho, minha obrigação.</b>       |
| 24 |        | Então, graças a Deus, eu não sou intérprete. Se eu fosse intérprete, |
| 25 |        | seria mais difícil porque aí cê tem que agir ali no rápido, não tem  |
| 26 |        | muito tempo pra pensar.                                              |
| 27 |        | Mas como tradutora de audiovisual, eu posso revisar o meu texto X    |
| 28 |        | vezes antes de entregar pra garantir que aquilo fique o mais         |
| 29 |        | perfeito possível, respeitando todo mundo o máximo possível. E é     |
| 30 |        | o que eu tento fazer. É uma coisa que eu levo muito a sério.         |
| 31 | Jorge: | Ah, isso é ótimo. Enfim, isso é ótimo.                               |

Aqui, Luiza separa dois registros: o da ética pessoal e o da responsabilidade profissional. De um lado, diz que, como pessoa, procura respeitar ao máximo; de outro, como tradutora, afirma que isso é obrigação (linhas 22 e 23). Essa duplicidade mostra que o cuidado com a não-binariedade não é apenas escolha individual, mas parte do que se espera de uma prática tradutória responsável.

Essa fala evidencia como ideologias de respeito circulam tanto no plano privado quanto no profissional. O que poderia ser visto como “extra” — respeitar a identidade de alguém — é apresentado como critério de qualidade. O resultado é uma redefinição do que significa traduzir bem, dado que não basta competência técnica, é preciso ter respeito.

A performatividade aparece na forma como Luiza se constrói como profissional comprometida, alguém que revisa o texto várias vezes para evitar qualquer forma de desrespeito. “É uma coisa que eu levo muito a sério” (linha 30), ela diz. Essa autorrepresentação não é apenas sobre si mesma, mas também sobre o lugar da tradução *queer*: séria, ética, rigorosa, distante da ideia de “frescura”. Silva-Reis (2024) explica que nem todos da comunidade LGBTQIAPN+ falam, leem, escutam ou escrevem em línguas estrangeiras, por diversos motivos, mas são corpos-linguagem que se deixam ser levados pela língua dê tradutore, em tradução.

Esse excerto realça que a tradução *queer* se legitima pela intersecção entre ética e profissionalismo. O respeito às performances não binárias não é favor, mas obrigação.

Traduzir, nesse contexto, é também assumir uma posição política, que reconhece o impacto concreto das palavras na vida das pessoas.

**Excerto 9 - “Eu acho que a gente tem que ser fiel ao conteúdo que a gente tá traduzindo.”**

|    |        |                                                                      |
|----|--------|----------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge: | Então, continuando, queria perguntar para você, assim, no geral,     |
| 2  |        | qual é o papel da tradução na promoção de inclusão, diversidade      |
| 3  |        | social?                                                              |
| 4  |        | O que você consegue enxergar nessa relação da tradução com a         |
| 5  |        | diversidade?                                                         |
| 6  | Luiza: | <b>Como tudo que eu acho que envolve a tradução, eu acho que a</b>   |
| 7  |        | <b>gente tem que ser fiel ao conteúdo que a gente tá traduzindo.</b> |
| 8  |        | Então, se o conteúdo original traz essa inclusividade, a gente tem   |
| 9  |        | que trazer, mas se ele não traz, a gente também não pode trazer.     |
| 10 | Jorge: | Uhum.                                                                |
| 11 | Luiza: | <b>Porque a gente precisa refletir o conteúdo da forma mais</b>      |
| 12 |        | <b>fidedigna possível.</b>                                           |
| 13 |        | Então, se tem um personagem preconceituoso, por exemplo, eu          |
| 14 |        | preciso ser preconceituosa na minha legenda, infelizmente, me dói,   |
| 15 |        | assim, horrível, mas você precisa refletir aquilo ali da forma mais  |
| 16 |        | fiel possível.                                                       |
| 17 | Jorge: | Uhum.                                                                |
| 18 | Luiza: | Porém, tendo dito isso, às vezes, o conteúdo não foca, nem deixa     |
| 19 |        | de focar nisso. Então, se aquilo ali não é o foco principal do       |
| 20 |        | conteúdo, você tem que ser inclusivo, porque aí é boas maneiras, é   |
| 21 |        | educação, é você se importar com o próximo, é você tentar, de        |
| 22 |        | fato, incluir todas as pessoas que você puder imaginar naquilo ali.  |

A fidelidade aparece aqui como valor central. Para Luiza, o tradutor precisa refletir o conteúdo original “da forma mais fidedigna possível” (linhas 11 e 12). Esse princípio, no entanto, cria um dilema quando o tema é inclusão: se a não-binariedade está no original, deve ser mantida; se não está, não pode ser acrescentada. Essa lógica mostra como a ideologia da fidelidade funciona como barreira, limitando a potência subversiva da tradução *queer*.

O conflito fica evidente quando ela fala sobre traduzir personagens preconceituosos. Mesmo sentindo desconforto (“me dói”) (linhas 11 a 16), Luiza afirma que precisa manter o preconceito na legenda. Isso mostra como a performatividade da tradução não é neutra: ao reproduzir discursos de ódio, a legenda reinscreve e atualiza violências em português. A fidelidade, nesse caso, se torna prática que também carrega e espalha preconceitos.

Por outro lado, Luiza reconhece que há brechas. Quando o conteúdo não foca na questão, o tradutor pode optar por soluções mais inclusivas. O excerto mostra que a tradução *queer* na legendagem se constrói obedecendo à fidelidade como regra, mas explorando os espaços possíveis para legitimar a diferença. A fidelidade, nesse sentido, não elimina a inclusão, mas delimita onde e como ela pode aparecer na tela. Nesse cenário, Silva-Reis (2024, p. 19) argumenta que “a tradução *queer* pode tanto apenas ser um auxiliar à tradução de LGBTextos como também pode LGBTizar o texto à cultura de chegada, evitando a higiene verbal (Cameron, 1995)”.

Mediante o exposto, a fala de Luiza indica que a legendagem, por sua natureza concisa e veloz, constrange o espaço de visibilização linguística da não-binariedade, levando a decisões que buscam preservar a legibilidade. Essa prática, embora compreensível no contexto técnico da legendagem, invisibiliza parcialmente performances não binárias, ao subordinar a performatividade de gênero às exigências formais e temporais do produto audiovisual. O segundo objetivo da dissertação foca na análise das ideologias linguísticas que circulam durante o processo tradutório, ou seja, nos sistemas de crenças sobre o que é “linguagem adequada” ou “aceitável” em contextos específicos (Kroskrity, 2004). Essa parte da entrevista aponta para a coexistência de duas ideologias linguísticas principais.

A primeira seria a ideologia da fidelidade e neutralidade tradutória: Luiza enfatiza que seu papel como tradutora é “ser fiel ao conteúdo” (Excerto 9, linhas 6 e 7), sem acrescentar ou retirar elementos ideológicos do original. Isso aparece quando afirma que, se o personagem é preconceituoso, ela precisa “ser preconceituosa na legenda” (Excerto, linhas 13 a 16), e que só pode trazer inclusão se isso estiver previsto no conteúdo. Essa visão se ancora em uma ideologia de transparência tradutória, que naturaliza a tradução como um ato objetivo,

invisibilizando o fato de que toda tradução envolve mediação ideológica. A segunda seria a ideologia da legibilidade e funcionalidade: Luiza também demonstra adesão à ideia de que o texto legendado deve ser “fluido” (Excerto 7, linhas 51 a 53), “não causar estranhamento” (Excerto 7, linhas 43 a 45) e ser “fácil de ler” (Excerto 7, linhas 54 e 55). Isso orienta sua preferência por evitar formas como *bonite* ou *ile*, que, segundo ela, podem parecer “erros” (Excerto 5, linhas 9 a 12) para o público. Essa ideologia opera como um mecanismo de censura indireta, já que formas linguísticas fora da norma binária são evitadas sob o pretexto da inteligibilidade. Assim, a ideologia da legibilidade atua para reproduzir a hegemonia linguística binária, mesmo em contextos de conteúdo inclusivo.

Ambas as ideologias naturalizam a centralidade do binarismo de gênero como padrão linguístico e dificultam a emergência de práticas tradutórias que desestabilizem essa norma. Ainda que Luiza pessoalmente se declare favorável à inclusão, sua prática tradutória é regulada por ideologias que deslegitimam formas neutras como “estranhas” (Excerto 5, linhas 1 a 4). Essa tensão revela a insegurança linguística gerada por uma recepção social polarizada, em que qualquer visibilização da não-binariedade é potencialmente objeto de contestação pública, tanto por parte de pessoas conservadoras quanto por pessoas não binárias que exigem representação legítima.

O relato de Luiza aponta para uma heterogeneidade na recepção, mas também uma postura de mediação cautelosa por parte da tradutora, que evita formas altamente marcadas para não “desagradar” nenhum dos lados. Contudo, essa prática pode ser lida, à luz de Borba (2020), como uma atenuação da performatividade *queer* da linguagem, limitando seu potencial disruptivo em prol de uma inclusão “segura” e “não conflitiva”.

A análise de trechos da entrevista demonstra que a legendagem de *Sex Education* é atravessada por tensões ideológicas e performativas que impactam diretamente a visibilidade da não-binariedade. A legendadora age sob o peso de ideologias de fidelidade e legibilidade, que regulam o que é “linguagem aceitável”, limitando as formas de expressão *queer* e a visibilidade da não-binariedade como identidade legítima. As escolhas tradutórias de Luiza, embora feitas com cuidado e respeito, estão inseridas num campo de disputas onde a linguagem neutra ainda não é normatizada e onde sua inserção precisa ser negociada sob o risco de reações negativas. Além disso, é válido salientar que essa legendagem ocorre em um momento histórico e político do Brasil em que a linguagem neutra tem sido alvo de ataques pelo campo conservador, que a instrumentaliza para causar pânico sobre supostas decadência linguística e social e “doutrinação” de crianças e adolescentes. Nesse contexto, a legendagem



queer é, portanto, uma prática não apenas linguística, mas socialmente situada, em que o tradutor age sob a interseção de expectativas institucionais (Netflix), normas sociais (legibilidade), demandas performativas (respeito à não-binariedade) e riscos reputacionais (cancelamento).

## 5.2 A recepção das legendas por pessoas não binárias

A recepção das legendas por pessoas não binárias não pode ser lida como detalhe técnico nem como mera curiosidade metodológica. Ela é, antes, atravessada por afetos, por violências e por desejos de reconhecimento. Quando uma legenda opta por manter ou apagar a linguagem neutra, não está apenas traduzindo um roteiro, mas intervindo diretamente na inteligibilidade de corpos que vivem em disputa com o binarismo. Nesse sentido, ouvir Tellis, Raffel e Gerian é reconhecer que cada reação, cada relato, indica que a tradução *queer* não se esgota no texto projetado na tela: ela circula, afeta e se inscreve na vida. É nesse espaço de ressonância que a recepção se torna central, pois nela se materializam as promessas e os limites de uma legendagem que ousa enfrentar o binarismo.

### 5.2.1 Linguagem neutra na legendagem da terceira temporada da série *Sex Education*

A análise dos excertos das entrevistas com Tellis, Raffel e Gerian permite observar como a legendagem de *Sex Education* não se limita a uma escolha técnica, mas atua como espaço de disputa simbólica e política em torno da legitimidade da linguagem não binária. As percepções dessas três pessoas, todas não binárias, expõem diferentes formas de ler e sentir a presença da linguagem neutra nas legendas, revelando tensões entre visibilidade e invisibilidade, entre norma e subversão, entre reconhecimento e apagamento. Mobilizando as noções de ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) e de indexicalidade performativa (Borba, 2020), esta análise busca compreender de que maneira a tradução audiovisual e *queer* ressoa nos corpos dissidentes, que ela pretende representar, e quais efeitos de sentido se produzem quando a linguagem não binária circula em um produto de grande alcance.

#### Excerto 1: “Passou batido, o que também acho que é um sinal.”

|   |        |                                                               |
|---|--------|---------------------------------------------------------------|
| 1 | Jorge: | Nossa, imagino, imagino.                                      |
| 2 |        | E qual é a sua relação com essa linguagem neutra, assim? Você |

|    |         |                                                                                |
|----|---------|--------------------------------------------------------------------------------|
| 3  |         | consegue utilizar no seu dia a dia, como é que é?                              |
| 4  | Tellis: | Eu utilizo mais no meu, eu utilizo pras minhas clientes, né? Eu                |
| 5  |         | utilizo no meu trabalho como uma afirmação política.                           |
| 6  |         | Eu não utilizo dentro da minha família para que eu não sofra mais              |
| 7  |         | do que eles já me causam. E aí eu percebo em mim esse... esse                  |
| 8  |         | maremoto em relação a isso mesmo, sabe?                                        |
| 9  |         | A minha vontade é de usar, mas a minha cabeça, o lugar onde eu                 |
| 10 |         | tô, é mais fácil. Até por ter escolhido um nome não binário muito              |
| 11 |         | diferentão, que era o sobrenome, né?                                           |
| 12 |         | E colocar ele duas vezes ali, tem uma coisa tipo Tellis.                       |
| 13 |         | Se eu tivesse, sei lá, escolhido um Iriê, que é um nome bonito, não            |
| 14 |         | binário, talvez não ficassem perguntando tanto, tipo, “Nossa, mas é            |
| 15 |         | isso mesmo que eu ouvi?”                                                       |
| 16 |         | <b>Então eu acho que eu, particularmente, tô com preguiça de</b>               |
| 17 |         | <b>ensinar os outros sobre isso. Não vai ser a minha militância</b>            |
| 18 |         | <b>agora, nesse momento.</b>                                                   |
| 19 |         | Pode ser que daqui a pouco se torne novamente. Mas agora eu vou                |
| 20 |         | usar o gênero neutro quando eu sentir que eu tenho que e quando                |
| 21 |         | eu estou na minha intimidade, que é com o meu namorado mesmo.                  |
| 22 | Jorge:  | Uhum. Ah, legal, legal.                                                        |
| 23 |         | E existe alguma relevância em se ter legendagem utilizando                     |
| 24 |         | linguagem não binária em produtos audiovisuais?                                |
| 25 | Tellis: | Totalmente. Acho que super. Uma super relevância, embora nunca                 |
| 26 |         | vi. Mas acho que seria ótimo.                                                  |
| 27 | Jorge:  | Então, <i>Sex Education</i> . <i>Sex Education</i> utiliza linguagem neutra na |
| 28 |         | legendagem e no próprio áudio original.                                        |
| 29 | Tellis: | Olha só, eu não sabia.                                                         |

|    |         |                                                                           |
|----|---------|---------------------------------------------------------------------------|
| 30 | Jorge:  | Isso.                                                                     |
| 31 | Tellis: | O áudio original é em inglês, então não sei muito. Não reparei            |
| 32 |         | na... na legenda. Que massa.                                              |
| 33 | Jorge:  | Isso, isso.                                                               |
| 34 |         | Então, aquelas terminações com e, têm na legenda. Os próprios             |
| 35 |         | pronomes, ile/dile, que a Netflix utilizou para Cal.                      |
| 36 |         | Eu ia te perguntar quais são as suas percepções sobre a linguagem         |
| 37 |         | não binária presente em <i>Sex Education</i> , mas cê não lembra que eles |
| 38 |         | utilizaram.                                                               |
| 39 | Tellis: | <b>Passou batido, o que também acho que é um sinal.</b>                   |
| 40 |         | <b>Passar batido para uma pessoa não binária se ela viu uma</b>           |
| 41 |         | <b>linguagem não binária.</b>                                             |
| 42 |         | <b>A mente muito condicionada a estar dentro dos padrões, mas é</b>       |
| 43 |         | <b>bom saber que eles estão furando essa bolha.</b>                       |

Quando Tellis diz “Passou batido, o que também acho que é um sinal” (linha 39), o que emerge é uma contradição interessante: a linguagem neutra só se torna realmente potente quando ela deixa de ser notada como algo fora do comum. Se não chama atenção, é porque se inscreveu na legenda sem exigir esforço de leitura ou causar estranhamento. Esse “sinal” aponta para uma performatividade que, como sugere Borba (2020), é um regime de reconhecimento. A legenda indexa a possibilidade de existir sem precisar justificar sua legitimidade a cada instante. É como se o “passar batido” fosse, paradoxalmente, a prova da eficácia política da legendagem *queer*.

Mas o próprio relato de Tellis indica o quanto essa naturalidade não é algo dado, e sim tensionado pelas ideologias linguísticas. Ile conta que não usa a linguagem neutra na família para evitar conflitos, mas reconhece a relevância de vê-la circulando em produtos audiovisuais. Essa tensão mostra como as ideologias (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) organizam os espaços em que a linguagem neutra pode ou não aparecer. Na família, é silenciada; na mídia, pode atravessar as barreiras. O fato de Tellis não ter percebido as formas “ile/dile” na legenda não significa ausência de impacto, mas, pelo contrário,

evidencia como o binarismo condiciona o olhar e torna a linguagem não binária invisível. Essa invisibilidade, no entanto, é fissura: a legenda atua como brecha no regime cis-heteronormativo.

Há ainda outro ponto importante: Tellis diz que está “com preguiça de ensinar os outros” e que “não vai ser a militância [dile] agora” (linhas 16 a 18). Essa frase tem uma carga semântica interessante. Mostra o desgaste da pedagogia compulsória que recai sobre pessoas não binárias, como se cada interação tivesse que ser também uma aula. Nesse sentido, a legendagem ganha valor político justamente porque tira esse fardo dos ombros individuais. Ao trazer a neolinguagem para a tela, a legendagem assume parte dessa função educativa, desloca o peso para as plataformas de *streaming* e mostra que o reconhecimento pode ser construído sem exigir que cada pessoa não binária esteja disposta a travar essa batalha no cotidiano.

Por fim, quando Tellis observa que “a mente muito condicionada a estar dentro dos padrões” (linha 42) dificulta perceber a neolinguagem, ele aponta para algo crucial: a legenda não só representa personagens, mas também reconfigura os modos de ler de quem assiste. A indexicalidade performativa aqui está no gesto de colocar em circulação novas formas de nomear e, assim, de existir. Como lembram Oliveira e Fabrício (2022), ideologias linguísticas não são fixas, estão em disputa. O “passar batido” mostra que a linguagem neutra pode entrar no cotidiano sem ser marcada como exceção. É a tradução *queer* operando silenciosamente, deslocando fronteiras.

## Excerto 2: “Depende.”

|   |         |                                                                   |
|---|---------|-------------------------------------------------------------------|
| 1 | Jorge:  | Uhum, uhum, legal.                                                |
| 2 |         | E, pra você, o que é linguagem não binária ou linguagem neutra?   |
| 3 | Raffel: | A linguagem que a pessoa preferir, linguagem neutra, é, tipo,     |
| 4 |         | “elu”, “delu”, “-e”, assim, mas eu acho também, tipo, que         |
| 5 |         | linguagem neutra é uma coisa muito variável, sabe?                |
| 6 |         | Têm pessoas não binárias que escolhem um, têm pessoas não         |
| 7 |         | binárias que escolhem outros, têm pessoas não binárias que, tipo, |
| 8 |         | mais escolhem todos, sabe?                                        |
| 9 |         | <b>Tipo, não necessariamente toda pessoa não binária vai usar</b> |

|    |         |                                                                          |
|----|---------|--------------------------------------------------------------------------|
| 10 |         | <b>pronomes neutros, entende? Eu, por exemplo, não uso tanto</b>         |
| 11 |         | assim, eu mesclo bastante entre o ele e ela, assim.                      |
| 12 |         | Eu uso às vezes, assim, tipo, eu uso todos os pronomes, mas eu não       |
| 13 |         | uso tanto assim, entende?                                                |
| 14 | Jorge:  | Uhum, entendo, entendo.                                                  |
| 15 | Raffel: | E isso é meio que normal, assim.                                         |
| 16 | Jorge:  | Aham, aham.                                                              |
| 17 | Raffel: | Então, a linguagem neutra real é os pronomes que a pessoa se             |
| 18 |         | sentir confortável pra usar, sabe? Se ela quiser usar o elu, se ela      |
| 19 |         | quiser usar o ele, se ela quiser usar o ela, sabe? Isso não define       |
| 20 |         | nada, entende?                                                           |
| 21 | Jorge:  | Legal, legal. Essa visão é bem interessante.                             |
| 22 |         | E... Tem alguma relevância em se usar linguagem não binária ou           |
| 23 |         | linguagem neutra em legendas de produtos audiovisuais? O que             |
| 24 |         | você acha?                                                               |
| 25 | Raffel: | <b>Depende.</b>                                                          |
| 26 |         | <b>Tipo, se você estiver traduzindo um personagem que se</b>             |
| 27 |         | <b>identifica, tipo, apenas com a linguagem neutra, que tem que</b>      |
| 28 |         | <b>usar sim. O Cal de <i>Sex Education</i>, por exemplo, elu</b>         |
| 29 |         | <b>se identificava só com a linguagem neutra e as legendas delu</b>      |
| 30 |         | <b>estavam todas em pronomes neutros. É o certo, ué!</b>                 |
| 31 |         | Tipo, se ele fala que elu usa esses pronomes. Elu e... o Darren, que     |
| 32 |         | é o de <i>Heartbreak High</i> , que eu falei também, ele também só usava |
| 33 |         | neutros e também as legendas estavam todas em neutro, sabe?              |
| 34 |         | E é uma coisa, tipo, que se for uma pessoa que só usa neutro, é o        |
| 35 |         | correto a se fazer, é o que tem que se fazer, sabe?                      |
| 36 |         | <b>É os pronomes que a pessoa usa, então tem que respeitar.</b>          |

|    |        |               |
|----|--------|---------------|
| 37 | Jorge: | Ótimo, ótimo. |
|----|--------|---------------|

Quando Raffel responde “Depende” (linha 25) à pergunta sobre a relevância da linguagem neutra nas legendas (linhas 22 a 24), ele coloca em jogo a dimensão da escolha, do contexto e do respeito. Não há um pacote fechado que defina o que é “a” linguagem não binária; o que existe são corpos e subjetividades que demandam formas distintas de reconhecimento. Ao afirmar que “a linguagem neutra é uma coisa muito variável” (linha 5), Raffel sublinha uma indexicalidade performativa que não se fixa em uma forma, mas se move conforme a necessidade de quem fala e de quem é nomeado. Como mostra Borba (2020), não se trata de um pronome ou do morfema -e em si, mas da possibilidade de que esses recursos indexem um posicionamento existencial e político. O “depende” de Raffel é, portanto, menos indecisão e mais afirmação da pluralidade.

Essa perspectiva desmonta ideologias linguísticas que tentam fixar a linguagem não binária como regra única. Raffel mostra que nem toda pessoa não binária usa “elu” ou o morfema “-e” (linhas 3 a 5), e que misturar pronomes ou transitar entre formas é também legítimo. As ideologias que naturalizam o binarismo insistem em enquadrar o neutro como algo estranho ou artificial; aqui, no entanto, o que aparece é a flexibilidade como regra, e não a exceção. Seguindo Kroskrity (2016), vemos como ideologias linguísticas podem ser tanto ferramentas de dominação quanto espaços de resistência. No caso de Raffel, a resistência se dá ao recusar uma identidade linguística engessada, reforçando que o valor político da legenda está em acompanhar, e não em prescrever, indo de encontro com toda uma tradição estruturalista e prescritivista de linguagem.

O exemplo de Cal, que “se identificava só com a linguagem neutra” (linha 29), traz essa discussão para o campo da tradução. Para Raffel, nesse caso, não há margem de negociação. Se Cal usa neutro, as legendas precisam respeitar essa escolha. “É o certo, ué!” (linha 30), ele diz, com a naturalidade de quem enuncia uma obviedade que ainda não é óbvia para o senso comum. Aqui, a legenda é uma arena de disputa por reconhecimento. O pronome se torna índice de uma existência que não aceita ser limitada por moldes binários. O “depende” (linha 25) cede lugar ao “tem que respeitar” (linha 36), quando o que está em jogo é a coerência com quem é traduzido.

A indexicalidade performativa das legendas de *Sex Education*, nesse caso, não se limita a representar fielmente o original em inglês; ela se torna espaço de validação, de dizer que a existência de Cal — e de Raffel e de tantas pessoas não binárias — importa. O

“depende” abre espaço para a multiplicidade, mas o “tem que” marca o limite ético que não pode ser transgredido. Não cabe à tradução audiovisual apagar quem insiste em existir.

Raffel, ao dizer “Depende”, aproxima-se de Luiza (Excerto 2, linhas 16 e 17) na recusa a reduzir a não-binariedade a um único recurso linguístico. Ambes reconhecem a pluralidade como traço constitutivo das subjetividades não binárias. No entanto, se em Luiza essa pluralidade é enfatizada como inadequação estrutural diante da norma, em Raffel ela aparece mais como liberdade de escolha e de trânsito entre formas. A convergência está na crítica à expectativa de coerência binária imposta pela língua.

**Excerto 3: “Fiquei trocando a legenda do inglês para o português pra poder entender como é que realmente se usava.”**

|    |         |                                                                     |
|----|---------|---------------------------------------------------------------------|
| 1  | Gerian: | Enfim, acho que até nesses lugares mais progressistas a gente       |
| 2  |         | ainda tem muita dificuldade de, assim, né?                          |
| 3  |         | Então, tipo, tinha um negócio ali que era um avanço o ‘sejam        |
| 4  |         | bem-vindes’, porque, para mim, é uma agonia quando eu vejo          |
| 5  |         | alguém falando tipo, ‘boa tarde a todas, todos e todes’ e tem que   |
| 6  |         | <b>falar em cinco gêneros diferentes da mesma vez, assim, tipo,</b> |
| 7  |         | <b>você não precisa fazer isso, sabe?</b>                           |
| 8  |         | Como tem gente que, ah, ‘boa tarde a todas as pessoas presentes’,   |
| 9  |         | enfim, você pode, se tem forma de colocar isso, ‘sejam              |
| 10 |         | bem-vindes’ tava ótimo, porque ‘sejam bem-vindes’, tirando o        |
| 11 |         | gênero do meio, <b>por mais que se entenda ali como gênero</b>      |
| 12 |         | <b>neutro, mas é um gênero inclusivo.</b>                           |
| 13 | Jorge:  | Uhum.                                                               |
| 14 | Gerian: | ‘Sejam bem-vindes’ também serve para uma pessoa do gênero           |
| 15 |         | masculino ou do gênero feminino, então não ia excluir ninguém       |
| 16 |         | nesse processo, mas a pessoa estava fazendo questão de binarizar e  |
| 17 |         | voltar no feminino, assim, sabe? Que é, tipo, é um retrocesso ainda |
| 18 |         | complicado e essa é a regra, assim, né?                             |

|    |         |                                                                              |
|----|---------|------------------------------------------------------------------------------|
| 19 | Jorge:  | Uhum.                                                                        |
| 20 | Gerian: | A forma como eu tenho usado a linguagem ainda é muito                        |
| 21 |         | incomum, assim, que eu vejo outras pessoas usarem.                           |
| 22 | Jorge:  | Uhum. Legal, legal.                                                          |
| 23 |         | E existe alguma relevância em se ter uma legendagem que utilize              |
| 24 |         | linguagem não-binária em produtos audiovisuais, como <i>Sex</i>              |
| 25 |         | <i>Education</i> apresenta?                                                  |
| 26 | Gerian: | <b>Com certeza.</b>                                                          |
| 27 |         | <b>Eu acho, inclusive... É muito doido... quando eu fui</b>                  |
| 28 |         | <b>percebendo, assim, a forma, porque... e aí eu assisti algumas</b>         |
| 29 |         | <b>cenas, eu fiquei trocando a legenda do inglês para o português</b>        |
| 30 |         | <b>pra poder entender como é que realmente se usava, prestando</b>           |
| 31 |         | <b>atenção no áudio em inglês, de como era natural pra alguns</b>            |
| 32 |         | <b>personagens.</b> Assim, a única cena que alguém errou, não é nem          |
| 33 |         | que errou o pronome, mas, por exemplo, o Jackson foi dizer que               |
| 34 |         | Cal era linde e disse <i>beautiful</i> .                                     |
| 35 |         | E aí, tipo, ah, não, mas <i>beautiful</i> é uma palavra que tem gênero,      |
| 36 |         | não, mas, na verdade, também pode dizer que homens também são                |
| 37 |         | <i>beautiful</i> , e ficou confuso, assim, na hora, mas não, sabe, tipo,     |
| 38 |         | <b>o elu/delu, o <i>they/their</i>, ficou, tipo, foi respeitado por todo</b> |
| 39 |         | <b>mundo. Até estranho, assim, porque, tipo, as pessoas não têm</b>          |
| 40 |         | <b>essa facilidade em assumir pronomes neutros pra se referir a</b>          |
| 41 |         | <b>alguém, é uma coisa bem difícil das pessoas assumirem</b>                 |
| 42 |         | <b>naturalmente, normalmente.</b>                                            |

Quando Gerian diz “Fiquei trocando a legenda do inglês para o português pra poder entender como é que realmente se usava” (linhas 29 e 30), o que salta é a inquietação diante do choque entre dois regimes linguísticos. Elu não assistiu passivamente, mas fez um



exercício de vigilância, comparando legendas e áudio para verificar se a neutralidade estava de fato ali ou se se perdia no caminho da tradução. Esse gesto indica que a legendagem passa pelo crivo de quem já carrega a experiência de ter sua existência posta em dúvida. A indexicalidade performativa aparece aqui como campo de experimentação. Gerian busca conferir se o português dá conta daquilo que o inglês marca de maneira mais consolidada, e se a legenda sustenta essa presença sem deslizar para o apagamento.

A fala sobre “sejam bem-vindes” (linhas 10 a 12) ajuda a entender a densidade política dessa preocupação. Gerian defende o gênero não específico, onde não há a necessidade de listar “todas, todos e todes” (linhas 5 a 7). Elu faz uma crítica direta ao trinarismo que Gerian faz, indo ao encontro de autories não binárias, tais como Brevilheri, Lanza e Sartorelli (2022). Conforme lembram Oliveira e Fabrício (2022), as ideologias linguísticas não são apenas crenças sobre a língua, mas também práticas que reforçam ou desestabilizam hegemonias. Nesse caso, o morfema “-e” não é excesso, mas economia e inclusão.

Ao relatar a cena em que Jackson chama Cal de “*beautiful*” (linhas 33 e 34), Gerian mostra como até mesmo escolhas aparentemente banais apontam para ideologias linguísticas. A hesitação sobre se “*beautiful*” pode ou não ser neutro escancara o quanto as línguas indexam gêneros de maneira diferente, e como a tradução precisa negociar essas tensões. Houve uma confusão de Gerian, ao relatar o uso de “elu/delu” nas legendas, uma vez que os neopronomes utilizados foram “ile/dile”. Todavia, é válido destacar que o fato de que os pronomes neutros de Cal Bowman tenham sido respeitados ao longo da série aparece como algo surpreendente para Gerian: “Até estranho, assim, porque, tipo, as pessoas não têm facilidade em assumir pronomes neutros pra se referir a alguém” (linhas 39 a 41). Borba (2020) enfatiza que a performatividade da linguagem é relacional, depende de como os signos circulam e são reconhecidos. O estranhamento de Gerian, portanto, denuncia o quanto ainda é raro ver pronomes neutros serem assumidos sem resistência.

Por fim, a atitude de “trocar a legenda” funciona como metáfora da própria condição de pessoas não binárias em relação à língua: é preciso, constantemente, ajustar, deslocar, criar comparações e alternativas para testar onde a legitimidade aparece e onde ela é negada. Essa prática de leitura atenta revela como a legendagem pode se tornar espaço pedagógico — não no sentido de ensinar de forma explícita, mas de permitir que espectadoras como Gerian enxerguem na tela reflexos de suas próprias inquietações. A indexicalidade performativa das legendas de *Sex Education* não está apenas em traduzir pronomes, mas em instaurar um regime de inteligibilidade que autoriza novas formas de existir.

Essas entrevistas, em diálogo com Oliveira e Fabrício (2022), mostram como a linguagem neutra circula em disputas ideológicas que envolvem naturalização, resistência e pedagogia. As ideologias linguísticas não são apenas crenças sobre a língua, mas regulam o que pode ser dito, como e por quem — afetando diretamente a tradução e sua recepção. Os relatos mostram que a recepção da legendagem neutra não é homogênea, mas altamente situada. Tellis, por exemplo, não percebeu a linguagem neutra nas legendas, o que pode ser lido de duas formas: (1) como um efeito bem-sucedido da legendagem, que se incorporou sem “ruído”; ou (2) como apagamento da não-binariedade, se a linguagem neutra fosse pouco usada ou diluída. No entanto, Tellis considera positivo que a linguagem neutra não tenha “gritado” e tenha sido percebida com naturalidade. Já Raffel percebeu a linguagem neutra e a considerou eticamente correta e necessária: a legenda deve respeitar os pronomes que a personagem usa. A recepção, aqui, é normativa e vigilante, regulando o tradutor pela expectativa de fidelidade identitária e ética. Gerian foi mais crítico e analítico, revisando áudio e legenda, e percebeu que a linguagem neutra foi consistente e respeitosa.

Essas experiências mostram que a recepção não é passiva. Pelo contrário, pessoas não binárias avaliam criticamente a legendagem com base em critérios de reconhecimento, respeitabilidade e inteligibilidade, compondo um espaço de resistência e reinscrição das normas linguísticas.

### 5.2.2 O papel da legendagem na visibilidade de performances de gênero dissidentes

Os excertos seguintes, produzidos nas falas de Tellis, Raffel e Gerian, revelam como a legendagem de *Sex Education* atravessa experiências não binárias de formas distintas, mas sempre carregadas de afeto, memória e política. Cada uma aponta, a seu modo, para os efeitos da presença da linguagem neutra nas legendas: em Tellis, a esperança de futuros em que corpos não precisem adiar o amor próprio; em Raffel, o alívio de ver novas gerações se reconhecendo mais cedo; em Gerian, a convicção de que a legenda educa, naturaliza e cria espaço para a circulação da linguagem não binária. Esses relatos, longe de serem homogêneos, tensionam as ideologias linguísticas que ainda insistem em fixar o binarismo como norma e mostram, pela via da indexicalidade performativa, como a tradução audiovisual *queer* cria mundos possíveis.

#### Excerto 4: “Nascem corpos com mais tempo pra se conhecer, pra se amar, não se odiar.”

|   |        |       |
|---|--------|-------|
| 1 | Jorge: | Isso. |
|---|--------|-------|

|    |         |                                                                        |
|----|---------|------------------------------------------------------------------------|
| 2  |         | E você pode falar um pouco mais sobre isso, sobre eles estarem         |
| 3  |         | furando essa bolha?                                                    |
| 4  |         | O que essa legendagem com linguagem não binária pode fazer para        |
| 5  |         | peessoas não binárias ou para a sociedade? O que você acha?            |
| 6  | Tellis: | <b>Eu acho que para um futuro onde as pessoas não precisem</b>         |
| 7  |         | <b>passar mais 27 anos no armário, 27 anos ou toda uma</b>             |
| 8  |         | <b>existência, pra pensar sobre gênero, pra entender, às vezes</b>     |
| 9  |         | <b>nem pensar, é só entender, né?</b>                                  |
| 10 |         | <b>É só perceber o seu corpo e entender que é assim o que é, sabe?</b> |
| 11 |         | <b>Então, eu acho super importante, super necessário.</b>              |
| 12 |         | <b>Acho uma série foda, eu vi todas as temporadas, tô vendo a</b>      |
| 13 |         | quarta agora. Acho uma série foda, acho que traz a temática do         |
| 14 |         | sexo de um jeito muito legal, muito interessante, muito versátil,      |
| 15 |         | muito diferente.                                                       |
| 16 |         | E eu acho que a gente tem mais problemas no Brasil com isso, né?       |
| 17 |         | Talvez, eu acho, do que em outras cidades do mundo, porque             |
| 18 |         | conheci um cara na Bahia esse ano, ele falou, veio me perguntar        |
| 19 |         | como eram os gêneros neutros no Brasil, porque <b>ele simplesmente</b> |
| 20 |         | <b>falava, sei lá, dez idiomas e ele sabia os gêneros neutros de</b>   |
| 21 |         | <b>todos os idiomas.</b>                                               |
| 22 |         | Eu “Como assim?” Isso me deu um <i>bug</i> na cabeça.                  |
| 23 |         | Falei “Gente, não é só o que aparece ser, não.                         |
| 24 |         | <b>A gente está atrasado nessa coisa do idioma, da linguagem</b>       |
| 25 |         | <b>neutra.” E parece que sim, parece que tem outros países muito</b>   |
| 26 |         | <b>mais à frente.</b>                                                  |
| 27 | Jorge:  | Uhum.                                                                  |
| 28 | Tellis: | Muito mais desenvolvidos nisso.                                        |

|    |        |                                                                  |
|----|--------|------------------------------------------------------------------|
| 29 |        | E assim, <b>eu acho que nascem corpos com mais tempo pra se</b>  |
| 30 |        | <b>conhecer, pra se amar, não se odiar.</b>                      |
| 31 | Jorge: | É verdade. É isso.                                               |
| 32 |        | Ah, então, queria agradecer esse bate-papo, foi incrível, assim. |
| 33 |        | Enfim, obrigado por suas respostas, obrigado pela sua            |
| 34 |        | disponibilidade, né?                                             |

A fala de Tellis é carregada de desejo de futuro, mas um futuro que se constrói a partir de uma crítica ao presente. Ao falar em “corpas” [sic.] (linha 29), o enunciado rompe com a lógica do corpo universal e neutro — sempre masculino — que as ideologias linguísticas naturalizam. Esse deslocamento performativo (Borba, 2020) não só nomeia, mas produz um espaço discursivo em que novas existências podem ser reconhecidas desde o nascimento, sem que a linguagem funcione como sentença que antecede a vida. De fato, não é apenas a troca de uma vogal, é desafiar o regime de inteligibilidade que define quais corpos são legíveis, válidos.

A experiência do “armário de 27 anos” (linhas 6 a 10) relatada por Tellis explicita como a linguagem pode atrasar vidas. As ideologias linguísticas, como aponta Kroskrity (2004, 2016), não operam apenas no campo do discurso, mas estruturam condições de possibilidade para a existência. Ao obrigar pessoas não binárias a se calarem ou se dobrarem ao binarismo, produzem não só silenciamento, mas adiam a autocompreensão, postergam o reconhecimento de si. Nesse contexto, a legendagem de *Sex Education* aparece como recurso que pode encurtar esse percurso, oferecendo modelos de linguagem que abrem portas mais cedo.

O contraste que Tellis faz entre o Brasil e outros países evidencia como essas ideologias linguísticas se localizam historicamente e não são universais. O “bug” diante de um poliglota que dominava pronomes neutros em várias línguas (linhas 18 a 22) serve como denúncia: não é a língua portuguesa que impede a neolinguagem, mas o conservadorismo que a atravessa. A indexicalidade performativa da fala de Tellis, nesse ponto, é a comparação internacional, que funciona como crítica que evidencia de que o problema no Brasil não é linguístico, é mais amplo, é político, ideológico.

**Excerto 5: “Pessoas muito mais novas do que eu podem estar vendo isso agora e se entendendo muito mais cedo.”**

|    |         |                                                                           |
|----|---------|---------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Jorge:  | Ótimo, ótimo.                                                             |
| 2  |         | E você, enquanto pessoa não binária, assistindo, assim, uma série         |
| 3  |         | com essa legenda que tenha respeitado esses pronomes neutros,             |
| 4  |         | assim, como você se sente?                                                |
| 5  | Raffel: | Eu acho, eu acho muito legal, assim, principalmente, tipo,                |
| 6  |         | vendo essas, tipo, de adolescentes e tal, sabe? E vendo, porque           |
| 7  |         | <b>sei lá, pessoas muito mais novas do que eu podem estar vendo</b>       |
| 8  |         | <b>isso agora e entendendo essas coisas e, até mesmo, tipo, se</b>        |
| 9  |         | <b>entendendo muito mais cedo, enquanto, tipo, na minha época</b>         |
| 10 |         | <b>não era assim, sabe?</b> Na minha época era, tipo, gay, hétero,        |
| 11 |         | acabou. E até o bi era questionado, sabe?                                 |
| 12 | Jorge:  | Uhum.                                                                     |
| 13 | Raffel: | <b>Tipo, não tinha isso. Então eu acho muito legal, sabe?</b>             |
| 14 |         | <b>Porque realmente o mundo é muito plural, sabe? O mundo não</b>         |
| 15 |         | <b>é só gay, lésbica, homem e mulher, sabe? E tem muita coisa</b>         |
| 16 |         | <b>além disso, entende? Então acho o máximo, assim, sabe?</b>             |
| 17 |         | Acho que tem que ser assim mesmo, entende? E fico muito feliz,            |
| 18 |         | tipo, dessa nova geração, assim, tipo, de pessoas <i>queers</i> , LGBTQs, |
| 19 |         | assim, não precisarem estar passando pelo pão que o diabo                 |
| 20 |         | amassou que eu passei e que toda pessoa LGBTQ, acredito que tenha         |
| 21 |         | passado, sabe? Tipo, antigamente, assim.                                  |
| 22 | Jorge:  | Ah, ótimo, ótimo.                                                         |
| 23 |         | É, era basicamente isso, assim. Se você quiser falar mais alguma          |
| 24 |         | coisa, fica à vontade.                                                    |
| 25 | Raffel: | Não, não, assim, tipo, se você tem que assuntar mais alguma coisa,        |

|    |  |                                                                     |
|----|--|---------------------------------------------------------------------|
| 26 |  | tipo, se você quiser fazer mais alguma pergunta, pode fazer, assim. |
| 27 |  | Acho que eu falei bastante também, assim. Tipo, acabei, tipo,       |
| 28 |  | estendendo as perguntas bastante.                                   |

A fala de Raffel coloca a questão geracional no centro da análise da legendagem. O que para ela aparece como alegria — o fato de adolescentes já terem acesso a performances de não-binariedade — aponta para a dimensão temporal das ideologias linguísticas. Se antes o binarismo era tão rígido que até mesmo a bissexualidade era questionada, hoje há uma abertura, ainda frágil, mas suficiente para que a legenda em linguagem neutra esteja presente. Nesse sentido, a indexicalidade performativa da legendagem vai além da fidelidade ao original, ela inscreve um futuro possível em que novas gerações podem se reconhecer sem esperar décadas, assim como argumentou Tellis (Excerto 4, linhas 6 a 12).

Ao comparar “na minha época” (linha 9) e agora, Raffel mostra que as ideologias linguísticas são mutáveis e atravessadas por disputas históricas. Kroskrity (2016) defende que essas ideologias operam em múltiplos níveis, da política de Estado às práticas cotidianas. O que Raffel testemunha é justamente essa transformação em curso, de um passado em que só se admitiam rótulos binários a um presente em que a legenda abre espaço para outras formas de ser. O contraste temporal, então, não é apenas relato autobiográfico, mas índice das mudanças que a circulação da linguagem neutra pode provocar.

A frase também traz uma dimensão afetiva que não pode ser ignorada. O tom de alívio e esperança de Raffel não esconde o peso da violência vivida no passado — o “pão que o diabo amassou” (linhas 19 e 20) —, mas se concentra na alegria de saber que esse ciclo pode ser interrompido. A legenda, nesse caso, é um gesto de cuidado com as novas gerações. Ao garantir visibilidade, a tradução *queer* atua como mecanismo de reparação histórica e simbólica.

Por fim, as afirmações de Raffel de que “o mundo é muito plural” (linha 14) e que “tem que ser assim mesmo” (linha 17) reforçam a ideia de que a legendagem *queer* tem função pedagógica indireta. Ela ensina — sem didatismo explícito — que a pluralidade existe e é legítima. A indexicalidade performativa aqui se mostra na naturalização dessa pluralidade. Ao ser exibida em uma série global, a linguagem neutra deixa de ser vista como invenção marginal e passa a ocupar espaço de evidência.

**Excerto 6: “Você ter tanto uma fala quanto uma legendagem com essa linguagem não binária você educa.”**

|    |         |                                                                            |
|----|---------|----------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Gerian: | Inclusive, as pessoas não binárias do grupo que eu facilito, elas até      |
| 2  |         | preferem que varie entre masculino e feminino e usam                       |
| 3  |         | pouquíssimo o gênero neutro aqui, mesmo se falando com pessoas             |
| 4  |         | não binárias. Tem uma só pessoa no grupo que prefere, de fato, o           |
| 5  |         | gênero, o pronome neutro, né.                                              |
| 6  |         | Enfim, e aí eu acho que <b><i>Sex Education</i>, em geral, é uma série</b> |
| 7  |         | <b> muito educativa</b> , de fato, é educação sexual mesmo, não só         |
| 8  |         | porque tem educadores sexuais, ou, tipo, psicólogos, pessoas que           |
| 9  |         | discutem sexo na série, mas porque <b>eu acho que ela dá passos</b>        |
| 10 |         | <b> muito importantes</b> , traz discussões para a mesa que são muito      |
| 11 |         | educativas, <b>eu acho que essa forma de você ter tanto uma fala</b>       |
| 12 |         | <b> quanto uma legendagem com essa linguagem não binária</b>               |
| 13 |         | <b> você educa, você mostra que é normal falar assim, é natural,</b>       |
| 14 |         | <b> dá pra colocar isso no seu dia-a-dia.</b>                              |
| 15 | Jorge:  | Uhum.                                                                      |
| 16 | Gerian: | Se o personagem tá colocando, você também pode colocar, sabe?              |
| 17 |         | Então era eu assistindo, lendo assim, fala bem, sabe,                      |
| 18 |         | <b>que bom que outras pessoas vão ler isso e vão inserir isso, isso</b>    |
| 19 |         | <b>vai fazer parte do dia-a-dia delas.</b>                                 |
| 20 | Jorge:  | Uhum.                                                                      |
| 21 |         | E você já percebeu esse tipo de linguagem sendo utilizada na               |
| 22 |         | legendagem de algum outro produto audiovisual que você lembre,             |
| 23 |         | ou não?                                                                    |
| 24 | Gerian: | Não, eu, na verdade, não lembro de outro produto audiovisual com           |
| 25 |         | pessoas não binárias, de cabeça, agora.                                    |

|    |         |                                                                      |
|----|---------|----------------------------------------------------------------------|
| 26 | Jorge:  | Uhum, uhum.                                                          |
| 27 | Gerian: | Eu tava, inclusive, voltando do almoço, conversando com uma          |
| 28 |         | amiga sobre, enfim, pensando de filmes que a gente já assistiu       |
| 29 |         | antigamente, etc, de como, <b>na verdade, as referências que a</b>   |
| 30 |         | <b>gente teve audiovisuais, elas sempre eram cisgênero e</b>         |
| 31 |         | <b>heterossexuais e brancas.</b>                                     |
| 32 | Jorge:  | Uhum.                                                                |
| 33 | Gerian: | Então, a gente começa a ter muito recentemente referências negras,   |
| 34 |         | a gente começa a ter uma ou outra referência LGBT, mas ainda         |
| 35 |         | desse lugar de pessoas cisgêneras, gays ou lésbicas, mas quando      |
| 36 |         | entra nesse lugar ainda é dentro da branquitude. São coisas que      |
| 37 |         | ainda estão muito atrás.                                             |
| 38 |         | <b>Eu não consigo lembrar de outras personagens não binárias</b>     |
| 39 |         | <b>que a gente consiga ter referência e muito menos de como isso</b> |
| 40 |         | <b>foi tratado em legendagem, em dublagem.</b>                       |
| 41 | Jorge:  | Entendi. Ótimo.                                                      |
| 42 |         | Era basicamente isso que eu tinha para perguntar.                    |
| 43 |         | E muito feliz pela sua participação e com tudo que você percorreu    |
| 44 |         | sobre. Muito obrigado, te agradeço realmente muito.                  |

Gerian traz a dimensão pedagógica da legendagem. A frase “você educa, você mostra que é normal falar assim” (linha 13) mostra que o efeito de ver a linguagem neutra na tela gera aprendizado social. Essa normalização é performativa porque inscreve, na prática, a possibilidade de usar a neolinguagem sem precisar de justificativas. Borba (2020) lembra que a performatividade não é só repetição, mas também deslocamento. Aqui, o deslocamento está em transformar a legenda em ferramenta de ensino silencioso, onde o aprendizado acontece pelo hábito, pela exposição.

Ao narrar que mesmo pessoas não binárias em seu grupo usam pouco a linguagem não binária (linhas 1 a 5), Gerian expõe as ideologias linguísticas que ainda limitam a circulação



dessa linguagem. A resistência não vem apenas de fora, mas atravessa a própria comunidade, mostrando como o binarismo é internalizado e naturalizado. Oliveira e Fabrício (2022) reforçam que ideologias linguísticas funcionam como molduras que parecem óbvias, mas que carregam hierarquias de poder. A observação de Gerian denuncia que mesmo entre dissidentes, a linguagem neutra é evitada, e a legendagem surge como espaço de legitimação pública capaz de ampliar seu alcance.

O efeito multiplicador de plataformas de *streaming*, tais como a Netflix, é central aqui. Quando Gerian diz que “se o personagem tá colocando, você também pode colocar” (linha 16), mostra que a legendagem não atua isolada, mas em rede com a fala, com personagens e com os afetos que a série mobiliza. É nesse conjunto que a tradução *queer* adquire força. Esta não só acompanha o áudio, mas valida, reforça e amplia seu alcance. A indexicalidade performativa da legenda produz um contexto em que espectadoras se sentem autorizadas a utilizar a linguagem neutra.

Por fim, a crítica de Gerian à falta de referências audiovisuais não binárias em outros contextos (linhas 38 a 40) evidencia a urgência dessa prática. Ao dizer que não lembra de outro produto audiovisual com legendagem onde haja linguagem neutra presente, ele mostra o tamanho da lacuna ainda existente. Essa ausência não é neutra, é resultado de ideologias linguísticas que continuam a privilegiar corpos cis, brancos e heterossexuais. Nesse cenário, *Sex Education* aparece não apenas como exceção, mas como marco de possibilidade. A legendagem *queer* é, portanto, um ato político que educa, legitima e projeta novos horizontes de visibilidade.

Diante do exposto, a recepção da legendagem da terceira temporada de *Sex Education* pelas pessoas entrevistadas (Tellis, Raffel e Gerian) indica o impacto que a presença da linguagem neutra tem na visibilidade de performances não binárias. Aqui, a legendagem opera como ato político de reconhecimento, como já apontam Díaz-Cintas e Remael (2014), que pode romper silenciamentos históricos, funcionando como prática de resistência discursiva. A legenda não é, portanto, mero suporte semiótico, mas agente de intervenção social, que atua na materialização de subjetividades dissidentes. Nessa conjuntura, Tavares e Branco (2024, p. 319) explicam que “estudos subsidiários a essas produções artísticas que valorizam minorias [...] em contextos de tradução auxiliam nas práticas tradutológicas e na possibilidade de enxergar a tradução como forma de ocupação de espaços e resistência”.

Quando Luiza insiste na responsabilidade ética da tradução e quando Tellis, Raffel e Gerian destacam o impacto das legendas em seus processos de reconhecimento e

pertencimento, fica evidente a dimensão performativa da TAV: escolhas linguísticas produzem modos de existência na tela. Nesse sentido, o que aparece como dilema técnico — tempo de exibição, legibilidade, estranhamento — é inseparável das ideologias linguísticas que atravessam o trabalho tradutório, confirmando a ideia de Yonamine (2022) de que a legendagem é negociação cultural e não mera transferência linguística.

Ao mesmo tempo, os excertos dialogam diretamente com o legado da tradução feminista e *queer*. As estratégias de visibilização, como a manutenção de pronomes neutros ou a recusa do apagamento de performances dissidentes, ecoam as táticas de *supplementing* e *hijacking* propostas por von Flotow (1991) e retomadas por Santaemília (2017), tensionando a noção tradicional de fidelidade. A presença do neutro nas legendas, celebrada ou questionada pelas pessoas entrevistadas, confirma a perspectiva queer de que a linguagem é performativa e que a tradução pode ser espaço de resistência à cis-heteronormatividade (Borba, 2020; Tavares & Branco, 2024). Dessa forma, os excertos analisados mostram que a legendagem de *Sex Education* não apenas traduz diálogos, mas cria brechas no regime sexo-gênero hegemônico, cumprindo o papel ativista descrito por Tymoczko (2000), Baker (2018) e Fruela Fernández (2021).

Toda a análise realizada demonstra que a legendagem jamais pode ser tratada como gesto neutro ou meramente técnico: ela é prática situada, atravessada por disputas de poder, e atua como agente político na arena dos sentidos e das identidades. Ao mesmo tempo em que pode reforçar normas linguísticas e sociais, também carrega a potência de tensioná-las, de instaurar fraturas no que parecia fixo e de abrir brechas para novas formas de existir na tela e fora dela. Com isso, torna-se evidente que a tradução audiovisual, sobretudo quando atravessada por perspectivas feministas e queer, não apenas traduz, mas cria mundos: produz visibilidades dissidentes, faz circular ideologias linguísticas antes marginalizadas e reconfigura regimes de inteligibilidade e pertencimento. É nesse movimento que a legendagem deixa de ser detalhe e se afirma como tecnologia de vida, ferramenta de resistência e campo de reinvenção do sensível. Em outras palavras, legendar é muito mais do que dar acesso a uma fala traduzida: é disputar os limites do que pode ser dito, reconhecido e vivido — e, nesse gesto, inscrever no presente a promessa de futuros menos normativos e mais habitáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação nasce de uma inquietação acadêmica, profissional e política: como traduzir corpos, afetos e existências que escapam às normas sem que eles sejam novamente enquadrados, silenciados ou caricaturados? Mais especificamente, como a não-binariedade aparece – ou desaparece – nas legendas de um produto audiovisual global como *Sex Education*? Ao invés de respostas categóricas, minhas perguntas de pesquisa demandam entender que suas partes constitutivas, i.e., tradução/legendagem e não-binariedade, estão sempre em disputa. Como lembram Bodine (1975) e Cameron (2024), toda proposta de reforma ou fissura nas normas linguísticas sempre provocou resistências, não porque a língua em si seja problemática, mas porque ela simboliza a instabilidade de ordens sociais que pretendem permanecer fixas. Em um país como o Brasil, onde o debate sobre linguagem neutra, não binária ou neolinguagem se torna alvo de projetos de lei, *fake news* e histerias morais (Melo; Paraíso, 2023), investigar esse tema é também tomar posição: é reivindicar a escuta, a responsabilidade e o compromisso ético com as vidas que a norma insiste em apagar.

Essa tomada de posição parte do meu lugar de pesquisador cis bissexual, e esse lugar não é neutro. Assumir isso significa recusar a ilusão de objetividade e reconhecer que todo conhecimento é parcial, situado e relacional. Não se trata, portanto, de falar *por* pessoas não binárias, mas de pensar *com* elas, em diálogo com experiências que denunciam as violências do binarismo e apontam para outras formas de habitar a linguagem. Essa ética da escuta ecoa o que Zimman (2024) chama de linguagem trans-afirmativa (*trans-affirming language*) que envolve reconhecimento e responsabilidade. Essa ética da escuta exercida neste estudo de recepção foi a própria condição de possibilidade da pesquisa, o que orientou cada escolha analítica.

Como argumentei ao longo dessa dissertação a partir *das* e *com* as vozes de pessoas não binárias e da tradutora cis, a legendagem é um campo tensionado. Para além de traduzir roteiros de uma língua à outra, envolve toda uma economia política a serviço do capital global que marca a era do streaming o que se materializa nos prazos apertados, na pressão para cumpri-los e na sobrecarga emocional dos profissionais. Somam-se a isso normas técnicas e linguísticas rígidas com as quais tradutorias e legendadoras devem dialogar de modo a fazer escolhas tradutórias adequadas. Contudo, configura-se também como um locus de disputa por visibilidade e legitimidade. No caso da terceira temporada da série *Sex Education*, essas tensões que (in)formam uso de signos como “ile”, “dile” e do morfema -e não apenas indexa

as performances não binárias de personagens como Cal, mas desloca o olhar de quem lê, provocando espectadoras a estranhar suas próprias expectativas linguísticas. Esse estranhamento ecoa o que Brevilheri, Lanza e Sartorelli (2022) chamam de ruptura com a cisnormatividade e o “trinarismo”, evidenciando que a não-binariedade não reivindica um terceiro lugar, mas questiona a própria lógica quantificável do gênero.

O objetivo central foi analisar o uso da linguagem não binária nas legendas a partir do diálogo com a profissional que elaborou uma das temporadas, assim como sua recepção por pessoas não binárias. Para isso, articulei a análise das entrevistas em uma metodologia indisciplinar que uniu linguística aplicada, tradução *queer*, tradução audiovisual, antropologia linguística, linguística *queer* e análise do discurso. O resultado mostrou que a linguagem não binária aparece, mas de forma irregular, oscilando entre tentativas criativas e apagamentos pronominais. Essa oscilação confirma que, como propõem Oliveira e Fabrício (2022), a linguagem é palco de disputas ideológicas, onde sentidos são constantemente negociados. Também confirma Curzan (2014), para quem as regras da língua nunca derivam de exigências intrínsecas, mas de regimes de poder.

As respostas encontradas não são unívocas. A presença da linguagem não binária é factual, mas contraditória. Sua relevância é reconhecida, mas sua legitimação ainda é frágil, sujeita a resistências sociais e barreiras técnicas. Como mostrou Borba (2020), a indexicalidade performativa torna cada legenda um gesto político: ao escolher *ile* em vez do apagamento pronominal, tradutorias decidem o que aparece como possível.

A prática de legendagem analisada revelou que ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004; Oliveira; Fabrício, 2022) atravessam as escolhas tradutórias. O receio da tradutora de errar diante de Cal Bowman mostra que a tradução audiovisual é também arena política, em que cada deslize pode ser interpretado como violência simbólica. Esse nervosismo não é individual, mas efeito de um regime discursivo que, como lembra Zimman (2024), pressiona minorias a disputar espaço de enunciação sob risco constante de exclusão.

As entrevistas com pessoas não binárias reforçaram a dimensão corporal da tradução. Tellis, Raffel e Gerian mostraram que a recepção não é passiva: é interpretação crítica, vigilância e negociação de sentidos. Esses relatos evidenciam o que Matsuno e Budge (2017) descrevem como alinhamento entre pronomes, identidades e contextos de segurança social. A tradução não apenas circula como texto, mas reverbera nos corpos, podendo legitimar ou apagar.

As restrições técnicas da legendagem, apontadas pela tradutora, são reais, mas também ideológicas. O argumento de que a linguagem neutra “trava” a leitura repete, no português, o que Bodine (1975) já havia denunciado no inglês: normas apresentadas como “corretas” encobrem valores sociais. A tradição de fidelidade ao original, descrita por Venuti (1995) e Castro (2017), amplia essa tensão: respeitar os pronomes de Cal é ético, mas reproduzir preconceitos de personagens também reinscreve violências. Aqui ecoa Pinto e Badan (2012), ao lembrarem que decidir o que conta como linguagem é sempre exercício de poder.

A contribuição desta pesquisa é dupla. Teoricamente, mostra que ferramentas como ideologias linguísticas (Kroskrity, 2004, 2016; Oliveira; Fabrício, 2022) e indexicalidade performativa (Borba, 2020) muito contribuem para a análise da tradução audiovisual e *queer*. Politicamente, evidencia que traduzir é subverter a norma hegemônica, como defende Silva-Reis (2024), capaz de legitimar existências dissidentes em meio a ataques à neolinguagem. Essa tarefa é ainda mais urgente no Sul Global, onde, como Borba e Silva (2024) sinalizam, experiências locais podem desafiar e complexificar visões euroamericanas do ativismo linguístico.

Reconheço, no entanto, os limites desta pesquisa. O *corpus* restrito a uma temporada e as quatro entrevistas analisadas não permite generalizações amplas. A não-binariedade é múltipla e não pode ser reduzida a um pronome ou a uma estratégia tradutória. Além disso, a pesquisa se deu em um contexto específico — o Brasil de 2023-2024 —, atravessado por forte polarização política e ataques à neolinguagem. Como mostrou Bolivar (2024), há ainda o risco de excluir vozes negras, pobres e periféricas dos debates sobre neolinguagem. O que apresento aqui, portanto, é uma contribuição parcial a um debate maior.

Caminhos futuros incluem analisar legendagem em diferentes plataformas, comparar legendagem e dublagem, observar práticas de *fansub* mais livres das pressões corporativas e investigar a recepção entre outras letras da sigla LGBTQIAPN+. Também é necessário articular pesquisa e ativismo, considerando que, como diz Brevilheri (2024), a linguagem não-binária não ameaça pessoas, apenas a opressão.

Encerrar esta dissertação não significa encerrar a questão. Traduzir é sempre decidir quem aparece e quem permanece invisível. Se cada milésimo de segundo na tela importa, cada legenda também importa. É nessa ação pequena e poderosa que a legendagem *queer* encontra sua potência: traduzir a dissidência para que ela permaneça viva.

## **DECLARAÇÃO DE USO RESPONSÁVEL DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL**

Esta dissertação foi inteiramente produzida pelo autor, mas o processo de escrita contou com o auxílio de inteligência artificial generativa. O autor fez uso do ChatGPT (versão GPT-5, gratuita) para revisão textual, gramatical e ortográfica com vistas a melhorar a fluidez do texto. Após o uso desta ferramenta, o texto foi cuidadosamente revisado e editado em conformidade com práticas éticas e responsáveis de pesquisa e produção de conhecimento. O autor assume total responsabilidade pelo conteúdo do texto e pelos argumentos apresentados.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. L.; MERHY, E. E.; GOMES, M. P. C.; TALLEMBERG, C.; CHAGAS, M. S.; ROCHA, M.; SANTOS, N. L. P.; SILVA, E.; VIANNA, L. O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. **Lugar Comum**, n. 39, 2013, p. 133-144.
- AMORIM, Lauro Maia. Poesia em Tradução: A resistência tradutória nos jogos do invisível e do inesperado. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 48, p. 49-71, 2014.
- ARROJO, Rosemary. "Asymmetrical Relations of Power and the Ethics of Translation". **TextConText**, v. 11, n.1, 1997, p. 5-24.
- AZEVEDO, Dri. Não binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo. **Periódicus**, v. 1 n. 20, p. 1-5, 2024.
- BAER, Brian James; KAINDL, Klaus (eds.). **Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism**. New York/London: Routledge, 2018.
- BAER, Brian James. **Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire**. New York/London: Routledge, 2021.
- BAKER, Mona. A tradução como um espaço alternativo para ação política. Tradução de Cristiane Roscoe-Bessa et al. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, p. 339-380, 2018.
- BARKER, Meg-John. **Rewriting the rules: An integrative guide to love, sex and relationships**. London: Routledge, 2013.
- BARKER, Meg-John; RICHARDS, Christina (eds.). Further genders. In: RICHARDS, C.; BARKER, M. J. (eds.), **The Palgrave handbook of the psychology of sexuality and gender**, Palgrave Macmillan/Springer Nature, p. 166–182, 2015.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. **Translation, History and Culture**. London: Printer Publishers, 1990.
- BJORKMAN, Bronwyn M. Singular they and the syntactic representation of gender in English. **Glossa: A Journal of General Linguistics**, 4(1): p. 1–27, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.5334/gjgl.374>>. Acesso em 01 de jul. 2024.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse: key topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BLOMMAERT, Jan; JIE, Dong. **Ethnographic fieldwork: A beginner's guide**. Bristol: Short Run Press, 2006.
- BODINE, Ann. Androcentrism in prescriptive grammar: singular 'they', sex-indefinite 'he', and 'he or she'. **Language in Society**, v. 4, n. 2, p. 129-146, 1975.

BOLIVAR, Andrea. Trans\* of color im/possibilities in trans language activism. **Journal of Sociolinguistics**, v. 28 (3), p. 1-5, 2024.

BONASSI, Brune C. Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cissexual. 2017. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

BORBA, Rodrigo. Gendered politics of enmity: language ideologies and social polarisation in Brazil. **Gender and Language**, vol 13(4), p. 423–448, 2019.

BORBA, Rodrigo (Org.). **Discursos Transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

BORBA, Rodrigo; SILVA, Mariah Rafaela. Trans language activism from the Global South. **Journal of Sociolinguistics**, v. 28 (3), p. 1-6, 2024.

BORNSTEIN, Kate. **Gender outlaw: On men, women, and the rest of us**. New York, NY: Routledge, 1994.

BOURCIER, Marie Hélène; PRECIADO, Paul B. Le Queer Savoir. In: BOURCIER, M. -H. **Queerzones: politiques des identités sexuelles, des représentations et des savoirs**. Paris: Balland, 2001.

BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes; LANZA, Fabio; SARTORELLI, May Romeiro. Neolinguagem e 'linguagem neutra': potencialidades inclusivas e/ou reações conservadoras. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 11, p. 1-14, 2022.

BROSSARD, Nicole. **Lovhers**. Montreal: Guernica, 1986. p. 7-12.

BULLDAGUER, Rocko. The end of genderqueer. In: SYCAMORE, Matilda Bernstein (ed.). **Nobody Passes: rejecting the rules of gender and conformity**. New York: Seal Press, 2006.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. London: Blackwell, 1997.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro Colega: Exclusão lingüística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, Vol 1(2), p. 230-246, 2007.

CAMERON, Deborah. **Language, Sexism and Misogyny**. New York: Routledge, 2024.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **TradTerm**, vol. 29, n. julho/2017, p. 216-250.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (eds.). **Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives**. New York: Routledge, 2017.



CERINEU, Camila; FERENZINI, Laís; PIMENTEL, Janine. Traduzindo o feminismo em Nossos corpos por nós mesmas. **RILA**, vol. 2, n. 1, p. 1-13, 2021.

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 13, n. 3, p. 454-472, 1988.

CONROD, Kirby. **Pronouns Raising and Emerging**. 2019. 299 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade de Washington, Seattle, 2019.

CONROD, Kirby. Variation in English gendered pronouns: Analysis and recommendations for ethics in linguistics. **Journal of Language and Sexuality**, 11:2, p. 141-164, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1075/jls.20026.con>>. Acesso em 03 de jul. 2024.

CORDOBA, Sebastian. **Non-binary Gender Identities: The Language of Becoming**. Abingdon, Oxon; New York, NY : Routledge, 2023.

CURZAN, Anne. **Fixing English: Prescriptivism and Language History**. UK: Cambridge University Press, 2014.

DAVIS, Kathy. **The Making of Our Bodies, Ourselves: How Feminism Travels Across Borders**. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

DAVY, Zowie. Genderqueer(ing): ‘on this side of the world against which it protests’. **Sexualities, Special Edition: Trans Genealogies**. 22(1-2), p. 80-96, 2019.

DÍAZ-CINTAS, Jorge. The Name and Nature of Subtitling. In: BOGUICKI, Lucasz; DECKERT, Mikolaj (eds.). **The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility**. The United Kingdom: Palgrave MacMillan, 2020, p. 149-172.

DÍAZ-CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. **Audiovisual Translation: Subtitling**. London and New York, Routledge, 2014.

FABRÍCIO, Branca F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma INdisciplinaridade radical. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FABRÍCIO, Branca F.; BORBA, Rodrigo (Orgs.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2023.

FERNÁNDEZ, Fruela. The activist role of translators and interpreters under globalization. In: BIELSA, Esperança; KAPSASKIS, Dionysios (eds.). **The Routledge Handbook of Translation and Globalization**. New York and London: Routledge, 2021, p. 498-512.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Narrative and identity formation: an analysis of media personal accounts from patients of cosmetic plastic surgery. In: BAZERMANN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D.C. (Eds.) **Genre in a changing world: Advances in genre theory, analysis, and teaching**. West Lafayette, IN: Parlor Press; Fort Collins, CO: WAC Clearinghouse, 2009.

FINN, M.; DELL, P. Practices of body management: Transgenderism and embodiment. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, 9(6), p. 463– 476, 1999.

FISHER, Anne. **A new grammar**: Being the most easy guide to speaking and writing the English language properly and correctly (2nd ed.). Newcastle upon Tyne, 1750.

FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories, **TRR: Traducción Terminologie Rédaction**, v. 4, n. 2, 1991, p. 69-84.

FLOTOW, Luise von. Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduições recentes à tradução “Queerizante” e outros novos desenvolvimentos significativos. In: BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patricia (Orgs.) **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013, p. 169-192.

FLOTOW, Louise von. Tracing the Context of Translation: The Example of Gender. In: SANTAEMILIA, José (Ed.). **Gender, sex and translation: the manipulation of identities**. Oxfordshire, New York: Routledge, 2014, p. 39-52.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODARD, Barbara. Preface. In: BROSSARD, Nicole. **Lovhers**. Montreal: Guernica, 1986. p. 7-12.

GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução**: a legendagem cinematográfica e a construção do imaginário. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

HARVEY, Keith. Translating Camp Talk. Gay Identities and Cultural Transfer. **The Translator**, 4.2: 295-320, 1998.

HARVEY, Keith. Gay community, Gay Identity and the Translated Text. **TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction**. V.13, n.1, 2000, p.137-165.

HORD, Levi C. R. Bucking the linguistic binary: Gender neutral language in English, Swedish, French, and German. **Western Papers in Linguistics**, v. 3, n. 1, 2016.

IVARSSON, J. The History of Subtitles in Europe. In: FONG, G. C. F.; AU, K. K. L. (Eds.). **Dubbing and Subtitling in a World Context**. The Chinese University Press of Hong Kong, 2009, p. 3-12.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

KEENAGHAN, Eric. ‘Jack Spicer’s Pricks and Cock Suckers: Translating homosexuality into visibility’. **The Translator**. V.4, n.2, 1998, p. 273-294.

KONNELLY, Lex; COWPER, Elizabeth. Gender diversity and morphosyntax: An account of singular they. *Glossa: A Journal of General Linguistics* 5(1), p. 1–19, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5334/gjgl.1000>>. Acesso em 01 de jul. 2024.

KOSKINEN, Kaisa. "From Text to Context: Translation and Ethics". In: HELIN, Irmeli (Org.) **Essays in Translation, Pragmatics and Semiotics**. Helsinki: Helsinki University Press, 2002, p. 111-128.

KROSKRITY, Paul V. Language ideologies. In: Duranti, A. (ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology**. Blackwell Publishing, p. 496-517, 2004.

KROSKRITY, Paul V. Language ideologies: Emergence, Elaboration, and Application. In: BONVILLAIN, Nancy. (Ed.) **The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology**. London and New York: Routledge, p. 95-108, 2016.

LEONARDI, Vanessa. Gender, Language and Translation in the Health Sciences: gender biases in medical textbooks. In: CAMUS CAMUS, Carmem; GÓMEZ CASTRO, Cristina; CAMUS, Julia (eds.) **Translation, Ideology and Gender**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017, p. 8-31.

LEWIS, Elizabeth Sara. "This is My Girlfriend Linda" Translating Queer Relationships in Film: A Case Study of Subtitles for *Gia* and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies". In **Other Words**, Inverno, n. 36, 2010.

LIMA, Érica; PIMENTEL, Janine. Nossos Corpos Por Nós Mesmas: Viagens do feminismo e a busca por uma linguagem inclusiva na tradução. In: SILVA-REIS, Dennys; FLORES, Vinícius Martins (orgs.). **Estudos da tradução e comunidade LGBT: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais**. Salvador: Editora Devires, p. 263-282, 2024.

LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne de. **Re-belle et infidèle**. La traduction comme pratique de réécriture au féminin/The Body Bilingual. Translation as a Rewriting in the Feminine. Québec: Les éditions du remue-ménage/Women's Press, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades de gênero na alfa-betização de jovens e adultos e no Ensino Especial. **Calidoscópio**, 6 (2), p. 61-68, 2008.

MARTINS, Marcia A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. **Cadernos de Letras (UFRJ)**, v.27, p.59 - 72, 2010.

MATSUNO, E.; BUDGE, S. Non-binary/genderqueer identities: A critical review of the literature. **Current Sexual Health Reports**, 9(3), p. 116–120, 2017.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014.

MELO, Iran Ferreira de; BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes. Entrevista com a cientista social Ursula Boreal Lopes Brevilheri concedida a Iran Ferreira de Melo. **Fórum Linguístico**, v. 21, n. 4, p. 11113-11119, 2024.

MELO, Iran Ferreira de; PARAÍSO, Gustavo José Barbosa. Ofensivas contra a linguagem não-binária em cenário legislativo do Brasil. *Sexuality Policy Watch*, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/sites/2/2023/11/PDF-Ofensivas-contr-a-lingua-gem-nao-binaria-em-cenario-legislativo-do-Brasil.pdf> Acesso em: 11 jan. 2025.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada indisciplinar com base em uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; GONZALES, Clarissa Rodrigues; MELO, Glenda Cristina Valim; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. São Paulo: Parábola, 2022, p. 15-50.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; GONZALES, Clarissa Rodrigues; MELO, Glenda Cristina Valim; GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. São Paulo: Parábola, 2022.

MORAIS, HBlynda. “Pane no sistema”: discutindo a não binariedade e o protagonismo trans nas redes sociais. **Periódicus**, v. 1 n. 20, p. 45-71, 2024.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies**. London: Routledge, 2016.

MURRAY, Lindley. **English grammar, adapted to the different classes of learners**. Nova York: Wilson, Spence & Mawman, 1795.

NIKOLIC, Kristijan. Reception studies in audiovisual translation – interlingual subtitling. In: DI GIOVANNI, Elena; GAMBIER, Yves. (Eds.), **Reception studies in audiovisual translation**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 179-198, 2018.

O’CONNER, Patricia T.; KELLERMAN, Stewart. **Origins of the specious: Myths and misconceptions of the English language**. New York: Random House Publishing Group, 2010.

OLIVEIRA, Arthur Marques de; MELO, Iran Ferreira de; MONTEIRO, Nai. Explorando a linguagem neutra com linguistas, professores e pessoas não binárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 54, p. e10424, 2024. DOI: 10.1590/1980531410424. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/10424>. Acesso em: 11 ago. 2024.

OLIVEIRA, J. M. de. **Desobediências de gênero**. Salvador: Devires, 2017.

ORREGO-CARMONA, David. Audiovisual translation and audience reception. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis (ed.). **Routledge Handbook of Audiovisual Translation**. London and New York: Routledge, p. 367-382, 2019.

OSTRUCAL, D.; MARTIGNAGO, L.; AVENCOURT, LUÍSA.; MONTEIRO, NAI.; FACCIOALLA, M. Linguagem Não Binária desestabiliza as normas e propõe uma maneira mais inclusiva de comunicação. [Entrevista cedida a] Anna Ortega. *Jornal da UFRGS*, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/jornal/linguagem-nao-binaria-desestabiliza-as-normas-e-propoe-uma-maneira-mais-inclusiva-de-comunicacao/>. Acesso: 30 jun. de 2024.

PAUWELS, Anne. **Women changing language**. London & New York: Longman, 1998.

PINHEIRO, Felipe Duarte. “**Porque elas aparentam ser meninas ou agem como meninas**” : **apagamento de identidades não binárias em traduções do mangá Houseki no Kuni**. 2021. 102p. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

PINTO, Joana Plaza; BADAN, Suzana Costa. Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa. **Calidoscópio**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 133–139, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.01>. Acesso em: 11 jun. 2024.

POMBO, Mariana Ferreira. Além dos binarismos: a não binariedade como potência subversiva. **Periódicus**, v. 1 n. 20, p. 6-20, 2024.

PRECIADO, P. B. **Je suis un monstre qui vous parle**. Paris: Grasset, 2020.

PYM, Anthony. **Pour une éthique du traducteur**. Ottawa: Presse de l’Université, 1997.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RAYMOND, Janice. **The transsexual empire: The making of the she-male**. Boston: Beacon Press, 1979.

RIBAS, Dianna de Oliveira. Por que a linguagem neutra incomoda?. In: NUDeS - Núcleo de Estudos em Discursos e Sociedade. **CONTXT**. Rio de Janeiro, 15 de nov. 2023. Disponível em: <https://contxt.letras.ufrj.br/por-que-a-linguagem-neutra-incomoda/>. Acesso em 29 jun. 2024.

RICHARDS, Christina; BARKER, Meg-John. **Sexuality and gender for mental health professionals: A practical guide**. London: Sage, 2013.

ROEN, K. "Either/or" and "both/neither": Discursive tensions in transgender politics. **Signs**, 27(2), p. 501-522, 2002.

ROSE, Ell; WINIG, Max; NASH, Jasper; ROEPKE, Kyra; CONROD, Kirby. Variation in acceptability of neologistic English pronouns. **Proceedings of the Linguistic Society of America**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 5526, 2023. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/PLSA/article/view/5526>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SAED, Hadeel; HAIDER, Ahmad S.; TAIR, Sausan Abu. Gender, Sexual, Ethnic, Color and Disability-related Epithets and Labels Across Languages: Evidence from Arabic Subtitling of English Movies and Series. **Eurasian Journal of Applied Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 213-225, 2023.

SANTAEMILIA, José. The Translaton of Sex-Related Language: The Danger(s) of Self-Censorship(s). **TRR: Traducción Terminologie Rédaction**, v. XXI, n.2, p.221-251, 2008.

SANTAEMILIA, José. A Corpus-Based Analysis of Terminology in Gender and Translation Research: The Case of Feminist Translation. In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (eds.). **Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives**. New York: Routledge, 2017, p. 15-28.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

SENA GOMES, Robert Moura. Afinal, qual a diferença entre Linguagem neutra e Linguagem Inclusiva de Gênero?. **Revista Roseta**, v. 5. n. 2, 2022. Abralin, 2022. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2022/09/14/afinal-qual-a-diferenca-entre-linguagem-neutra-elingua-gem-inclusiva-de-genero/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

SEX EDUCATION (Temporada 3) [Seriado]. Direção: Ben Taylor, Runyararo Mapfumo. Produção: Ben Taylor, Jamie Campbell, Laurie Nunn. Estados Unidos, Reino Unido, Irlanda do Norte: Produtora Netflix, 2021. (452 min.), son., color.

SILVA-REIS, Dennys; FLORES, Vinícius Martins (orgs.). **Estudos da tradução e comunidade LGBT: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais**. Salvador: Editora Devires, 2024.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life. **Language & Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003.

SILVERSTEIN, Michael. Pragmatic Indexing. In: MEY, Jacob. L. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. Londres: Elsevier, p. 756-759, 2006.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation**. London: Routledge, 1996.

SNELL-HORNBY, Mary. Linguistic transcoding or Cultural Transfer? A Critique of Translation Theory in Germany. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (eds.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter, 1990, p. 79-86.

STONE, S. The empire strikes back: A posttranssexual manifesto. **Camera Obscura: Feminism, Culture, and Media Studies**, 10(229), p. 150–176, 1991.

SUMERAU J. E.; MATHERS, Lain A. B. **America Through Transgender Eyes**. Lanham, Bolder, New York, London: Rowman & Littlefield, 2019.

TAVARES, Jeremias Lucas; BRANCO, Sinara de Oliveira. A legendagem da linguagem LGBTQI+ de inglês para português na série televisiva Pose (2018). In: SILVA-REIS, Dennys; FLORES, Vinícius Martins (orgs.). **Estudos da tradução e comunidade LGBT: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais**. Salvador: Editora Devires, p. 305-320, 2024.

TWIST, Jos; VINCENT, Ben; BARKER, Meg-John; GUPTA, Kat (eds.). **Non-Binary Lives: An Anthology of Intersecting Identities**. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2020.

TYMOCZKO, Maria. Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts. **The Translator**, v. 6, n. 1, p. 23-47, 2000.

VENUTI, Lawrence (ed.). **Rethinking Translation**: Discourse, Subjectivity, Ideology . London and New York: Routledge, 1992.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London and New York: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation**: Towards an Ethics of Difference. London and New York: Routledge, 1998.

WOLF, Michaela. A “vontade de poder”: tradução no campo de tensão entre poder e ética. In: BLUME, Rosvitha; PETERLE, Patricia (Orgs.) **Tradução e relações de poder**. Florianópolis: PGET/UFSC, p. 149-168, 2013.

YONAMINE, Mariana. Domestication and foreignization in interlingual subtitling: A systematic review of contemporary research. **Translation & Interpreting**, v. 14, n. 1, p. 198-213, 2022.

ZIMMAN, Lal. Trans language activism and intersectional coalitions. **Journal of Sociolinguistics**, v. 28 (3), p. 1-6, 2024.

## ANEXO A



# UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

---

UFRJ

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)**  
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa **LINGUAGEM, GÊNERO E POTÊNCIAS SUBVERSIVAS: A NÃO-BINARIEDADE NA SÉRIE SEX EDUCATION**. Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como pessoas não binárias avaliam a apresentação da não-binariedade de gênero e a utilização de linguagem não binária na série *Sex Education*.

O motivo que nos leva a estudar o tema é o entendimento de que urge a necessidade de ouvirmos se pessoas não binárias se sentem representadas pelas performances de não-binariedade de gênero de Cal Bowman, avaliar as potências subversivas da utilização de linguagem não binária na série e discorrer sobre ideologias que circulam nesse processo de mediação. Os benefícios que sua participação irá gerar dizem respeito à possibilidade de compartilhar perspectivas de quem está inserido(a) em uma arena de conflitos ideológicos que produzem efeitos em nosso cotidiano por meio da linguagem.

Esta pesquisa se iniciará assim que receber um aval positivo do comitê de ética. Para esta pesquisa, adotaremos entrevistas, que serão gravadas em vídeo chamadas realizadas por aplicativos. Por questões éticas, é importante ressaltar que TODOS(AS) os(as) participantes terão seus nomes reais trocados por nomes fictícios em toda e qualquer publicação da presente pesquisa e que, de forma a minimizar o risco de identificação, os arquivos em mídia audiovisual das gravações não serão publicados ou divulgados; serão para uso somente do pesquisador. Além disso, você poderá ser convidado(a) a assistir e comentar a sua entrevista mais tarde para colaborar na análise de dados gerados. Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá elucidação sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e pode desistir de se submeter à pesquisa a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na FACULDADE DE LETRAS UFRJ, sala F320, e a outra será entregue a você. Os dados e instrumentos serão utilizados somente para os fins acadêmicos e científicos e ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos.





# UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UFRJ

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **LINGUAGEM, GÊNERO E POTÊNCIAS SUBVERSIVAS: A NÃO-BINARIEDADE NA SÉRIE SEX EDUCATION** de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

Declaro que estou ciente de meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica e concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas, sem que para isso eu tenha sido forçado(a) ou obrigado(a).

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

**Nome do pesquisador responsável:** Jorge Matheus Santos da Silva

**Telefone:** (21) 96576-3358

**E-mail:** jorgematheus@letras.ufrj.br

**Instituição:** Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

**Endereço:** Av. Horácio Macedo, 2151 - Cidade Universitária

**CEP:** 21941-917 / Rio de Janeiro - RJ

**INSTITUTO DE ESTUDOS E SAÚDE COLETIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO / IESC – UFRJ**

**Telefone:** (21)3938-2598

**Celular:** (21) 99771-6909 Aléria Lage (representante da Letras no comitê do IESC)

**E-mail:** cep@iesc.ufrj.br

**Endereço:** Praça Jorge Machado Moreira, nº 100- Prefeitura Universitária - Ilha do Fundão

**CEP:** 21.941-598

## ANEXO B

### Roteiro da entrevista com uma tradutora/legendadora de *Sex Education*

Possíveis questões:

0 - Quais são seus pronomes?

1 - Para você, o que é ser tradutor/a?

2 - Qual é a relação entre legendagem e norma culta da língua?

3 - Você já precisou fazer alguma tradução que envolvesse linguagem não binária?

4 - Você considera desafiadora a tradução de linguagem não binária do inglês para o português?

5 - Qual é o papel da tradução na promoção de inclusão e diversidade social?

6 - Quais as suas impressões sobre Cal Bowman, personagem não binária?

7 - Olhando para as escolhas tradutórias da terceira temporada da série, hoje você faria algo diferente do que foi feito?

8 - Gostaria de discorrer sobre a utilização de linguagem não binária na sociedade contemporânea?

## ANEXO C

### Roteiro das entrevistas com pessoas não binárias

Possíveis questões:

0 - Quais são seus pronomes?

1 - Para você, o que é ser uma pessoa não binária?

2 - Existe alguma importância em se ter personagens não binários em produtos audiovisuais?

3 - Quais são suas percepções sobre Cal Bowman em *Sex Education*?

4 - Você se identifica com as vivências de Cal? (Se sim, como?)

5 - Para você, o que é a linguagem não binária?

6 - Qual é a sua relação com a linguagem não binária?

7 - Existe alguma relevância em se ter legendagem utilizando linguagem não binária em produtos audiovisuais contemporâneos?

8 - Quais são suas percepções sobre a linguagem não binária presente em *Sex Education*?